

**TERESINHA DE JESUS FERREIRA**

**MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SABERES DE BENZEDEIRAS(OS),  
REZADEIRAS(OS), RAIZEIRAS(OS) E IALORIXÁS DE VIÇOSA E  
PONTE NOVA - MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Raquel dos Santos Sousa Lima

Coorientadora: Maria Simone Euclides

**VIÇOSA – MINAS GERAIS  
2023**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da  
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

F383m  
2023 Ferreira, Teresinha de Jesus, 1966-  
Memórias, histórias e saberes de benzedeiros(os),  
rezadeiras(os), raizeiras(os) e ialorixás de Viçosa e  
Ponte Nova - MG / Teresinha de Jesus Ferreira. - Viçosa,  
MG, 2023.  
1 dissertação eletrônica (143 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Raquel dos Santos Sousa Lima.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Viçosa, Departamento de História, 2023.

Referências bibliográficas: f. 112-117.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.446>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Cultura afro-brasileira. 2. Memória coletiva.  
3. Curandeiras. 4. Cultos afro-brasileiros. 5. Plantas  
medicinais. I. Lima, Raquel dos Santos Sousa.  
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de  
História. Programa de Pós-Graduação em Patrimônio  
Cultural, Paisagens e Cidadania. III. Título.

CDD 22. ed. 305.89608151

Bibliotecário(a) responsável: Bruna Silva CRB-6/2552

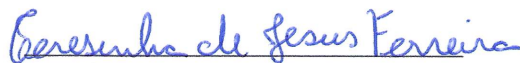
**TERESINHA DE JESUS FERREIRA**

**MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SABERES DE BENZEDEIRAS(OS),  
REZADEIRAS(OS), RAIZEIRAS(OS) E IALORIXÁS DE VIÇOSA E  
PONTE NOVA - MG**

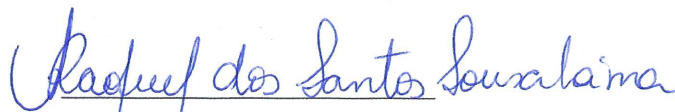
Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 28 de abril de 2023.

Assentimento:



Teresinha de Jesus Ferreira  
Autora



Raquel dos Santos Sousa Lima  
Orientadora

À minha mãe e ao meu pai  
(*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

A todos os entrevistados e participantes desta pesquisa, por concederem as entrevistas e aceitarem participar deste estudo e por terem-me contado um pouco dos seus trabalhos de cura e proteção como benzedeadas, benzedeados, rezadeiras, Ialorixás e raizeiros.

À minha Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Raquel dos Santos Sousa Lima, pelas orientações e pelo incentivo.

À minha Coorientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Simone Euclides, pelas orientações e pelo incentivo.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Yone Maria Gonzaga, pelas orientações e pelos incentivos.

Ao meu amigo querido e irmão do coração Matheus Freitas, por ter-me incentivado a voltar a estudar.

À minha querida irmã e comadre Maria de Lourdes Ferreira, por sempre me ajudar nas etapas da minha vida.

Ao meu filho Edson Jorge Ferreira de França, um grande presente que Deus me deu, por ser o meu incentivador.

Em especial, à minha mãe e amiga dona Vicentina Maria Máximo Ferreira (*in memoriam*), sinto-me honrada por ter sido sua filha nesta existência. Continuamos juntas em muitas outras jornadas... Até um dia, minha mãe!

Ao meu professor Leandro Civale, pelas orientações e pelo incentivo.

Ao meu querido amigo professor Antônio Marcos de Oliveira Siqueira, por sempre me incentivar.

Aos orixás, por me confiarem este trabalho com as plantas medicinais, com as benzedeadas(os) e enraizadeiros, neste momento crítico por que a humanidade atravessa; por me proporcionarem mostrar às pessoas a importância das folhas de chás, não deixando, assim, cair no esquecimento os ensinamentos dos nossos ancestrais, além da importância da religião de Matrizes Africanas.

Ao vereador Bartomélio, do PT (Viçosa, MG), por aceitar participar deste trabalho

Ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV, por esta oportunidade de realização de um sonho.

Saudação a Exu – Laróyé.

Laróyé Èsù wa jú wò m̀n ki wò Odára, Laróyé Èsù wa jú wò m̀n ki wò Odaára Èsù awo. ÍExu nos olha no culto e reconhece, sabendo que o culto é bom, Laróyé.

Exu nos olha no culto e reconhece sabendo que o culto é bonito. Vamos cultuar Exu.  
A jí ki Barabo e mo júbà, àwa kò jé.

A jí ki Barabo e mo júbà e omdodé ko èko ko Barabo e mo juba Elégbára Èsù l'ònòn.

Nós acordamos e cumprimentamos Barabô. A vós, eu apresento meus respeitos.

Que vós não nos façais mal. A Barabô eu apresento meus respeitos; ele é Senhor da Força, o Exu dos caminhos...

Fonte: Mãe Martha TY D'OGUM

Exu é o patrono da ordem, da disciplina e da organização. Fiscal dos rituais, inspetor do ser supremo, regulador das comunicações e o grande responsável pelo fluxo do axé, orixá personifica como ninguém o código ético-normal e os valores civilizatórios mais refinados do povo Iorubá. A grande importância de Exu no sistema teológico Iorubá não enfraquece seu senso de justiça profundo, sua generosidade e o fato de este grande orixá agir sempre de modo desinteressado, buscando servir os seres humanos com divindades da melhor maneira possível (BABÁ KING, 2022).

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) (Código de Financiamento 001).

## Poema da Benzedeira

“Vou virar benzedeira  
Quem quiser que venha  
Chegue, entre, puxe uma cadeira  
Diga suas dores,  
Eu faço minha reza,  
Passo a mão na cabeça  
E te limpo das mazelas.

Vou virar benzedeira  
Quem quiser que venha  
Vou te proteger com a arruda e te prosperar com a canela  
Da terra tiro a sua cura  
Pra terra eu jogo as dores dela

Vou virar benzedeira  
Quem quiser que venha  
Com a força do vento o mal espantar  
Com a força do punhal o mal vou cortar  
Com a força da água eu vou te limpar e  
Com a força do fogo eu vou transmutar

Vou virar benzedeira  
Quem quiser que venha  
Da minha alma veio minha cura  
Pra eu poder ajudar você  
Do meu rezo vem meu amor  
Pra sua alma o amor receber  
De cada elemento vem a energia pro meu rezo virar meu benzer.”

Fernanda Groppo (benzedeira, 2018)

## RESUMO

FERREIRA, Teresinha de Jesus, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2023. **Memórias, histórias e saberes de benzedeiros(os), rezadeiras(os), raizeiros(os) e ialorixás de Viçosa e Ponte Nova - MG.** Orientadora: Raquel dos Santos Sousa Lima. Coorientadora: Maria Simone Euclides.

Este trabalho constitui uma pesquisa que teve como objetivo apresentar “como mulheres negras e brancas benzedoras, rezadeiras, ialorixás e raizeiros e homens negros e brancos benzedores, rezadores e raizeiros, moradores de Viçosa-MG e de Ponte Nova MG, capacitaram-se em tal “ofício”. Pretendeu-se compreender como as benzedoras(os), as rezadeiras, ialorixás e raizeiros adquiriu-se essa habilidade da prática de benzer, rezar e entender como esses ensinamentos são passados para as futuras gerações de acordo com suas próprias “memórias”, “histórias” e “saberes ancestrais”. Metodologicamente”, foi feita uma pesquisa de caráter histórico oral, mediante a realização de entrevistas, observações in loco e revisão bibliográfica sobre a temática. Nesse sentido realizou-se um mapeamento das localizações das benzedoras(os), rezadeiras(os), raizeiros(os), ialorixás, os terreiros de umbandas e a roça de candomblé, evidenciando-se as riquezas culturais que compõem os terreiros e as roças, bem como os seus costumes”, as comidas dos orixás, suas roupas e visão de mundo dessas práticas sociais que permanecem até hoje. A atenção voltada para as “mulheres negras” está associada a importância de entender a ligação entre “raça e gênero”, as desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras por serem mulheres e negras e praticantes de religiões de matrizes afro-brasileiras. Paralelamente aos avanços científicos, traz-se ainda uma discussão sobre a farmácia viva e sobre a importância da sua implementação pelo Sistema Único de Saúde (SUS), também para que as pessoas possam escolher fazer uso de medicamentos alopáticos ou das plantas medicinais. Além disso, este trabalho apresenta a busca pelo reconhecimento das benzedoras(os), rezadeiras(os), ialorixás e raizeiros(os) como agentes de saúde popular, através da realização de uma Audiência Pública. Para melhor compreensão do tema, discorre-se sobre o evento “Troca de Saberes”, buscando ressaltar a importância da integração entre o saber “científico” e o “saber popular”. Foi possível constatar o modo como, no campo da saúde, essas mulheres e homens têm funções relevantes “em suas comunidades, tanto nos processos de cura quanto na preservação de um conhecimento tradicional sobre plantas medicinais e, principalmente,

na afirmação de aspectos da cultura e identidade afro-brasileiras” (FERREIRA; SIQUEIRA,2021, p. 1).

**Palavras-chave:** Memórias. Histórias de benzedeiros. Rezadeiras. Práticas religiosas afro-brasileiras.

## ABSTRACT

FERREIRA, Teresinha de Jesus, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, April, 2023. **Memories, stories and knowledge of blessers, prayers and root healers from Viçosa and Ponte Nova – MG.** Advisor: Raquel dos Santos Sousa Lima. Co-Advisor: Maria Simone Euclides.

This work is a research with y and aimed to introduce how black and white people that make jobs of benzedeiros, rezadeiras, Ialorixás e raizeiras (healers and traditional crafts about heal with prays and roots), residents in Viçosa-MG and Ponte Nova MG, trained for this craft. It was intended to understand how they acquired this skill from the practice of blessing, praying and understanding how these teachings are passed on to future generations according to their own “memories”, “stories” and “ancestral knowledge”. Methodologically, it was made an oral historical research, through interviews, on-site observations and a bibliographical review about the subject. That way, it was made a mapping of the locations of these people, umbanda terreiros and candomblé gardens, highlighting the cultural riches that make up the terreiros and gardens, as well as their customs, the food of the orixás, their clothes and the worldview of these social practices that remain to this day. The attention turned to “black women” is associated with the importance of understanding the connection between “race and gender”, the inequalities faced by black women for being women and black and practitioners of Afro-Brazilian religions. In parallel with scientific advances, there is also a discussion about the Farmácia Viva (Alive Pharmacy) and the importance of its implementation by the Sistema Único de Saúde (SUS -Unified Health System), also there is the possibility people can choose to use allopathic medicines or medicinal plants. In addition, this work presents the search for the recognition of prayer and healers as populares health agents. For a better understanding of the theme, there is a discussion about the event “Troca de Saberes” (Exchange of Knowledge), emphasizing the importance of the integration between scientific knowledge and popular knowledge. It was possible to verify how, in the field of health, these women and men have relevant roles in their communities, both in the healing processes and in the preservation of a traditional knowledge about medicinal plants and, mainly, in the affirmation of aspects of culture and Afro-Brazilian identity” (FERREIRA, SIQUEIRA, 2021, p. 1).

**Keywords:** Memories. Stories of healers. Prayers. Afro-Brazilian religious practices.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A pesquisadora ministrando oficina na Troca de Saberes de 2018.....	26
Figura 2 – A pesquisadora compartilhando saberes sobre a feitura do chá de manjeriço.....	27
Figura 3 – Instalação Artístico-Pedagógica e Políticas Públicas para Agricultura Familiar e Agroecologia.....	28
Figura 4 – Abertura da Troca de Saberes no Encontro Inter-Religioso .....	30
Figura 5 – Encontro de benzedeadas .....	30
Figura 6 – Geodésia.....	31
Figura 7 – Ministrando o curso “Os benefícios das plantas medicinais” dentro da Troca de Saberes, ocorria na 92ª Semana do Fazendeiro, em 2022 .....	32
Figura 8 – Grande adesão ao curso dos Benefícios das Plantas Medicinais .....	33
Figura 9 – Caldeirão com várias plantas medicinais cozinhando xarope contra gripe, feito na cozinha do Grupo Entre Folhas, para ser ofertado durante a Troca de Saberes. Todas as folhas utilizadas foram colhidas no quintal da casa onde o grupo se reúne para os estudos das plantas medicinais.....	33
Figura 10 – Reflexão afixada no Grupo Entre Folhas.....	34
Figura 11 – Dra. Ursula, Médica Sanitarista .....	42
Figura 12 – Entrada do Hospital São Sebastião, Viçosa-MG.....	46
Figura 13 – Hospital São João Batista, Viçosa-MG.....	46
Figura 14 – Mapa da Zona da Mata mineira evidenciando Viçosa, Paula Cândido e Ponte Nova .....	51
Figura 15 – Legenda do mapeamento de benzedeadas(os) em Viçosa, MG .....	53
Figura 16 – Mapeamento de benzedeadas(os) em Viçosa, MG.....	54
Figura 17 – Benzendo quebranto com copo de água.....	55
Figura 18 – Benzedeadas e Umbandista Maria do Carmo Viana (Mãe Du) benze com a invocação das entidades como Vovó Cambinda (Viçosa-MG).....	57
Figura 19 – Dona Nair com uma Nossa Senhora Aparecida.....	60
Figura 20 – (Pai Pequeno) Mestre Garnizé em apresentação do seu Grupo de Capoeira Guerreiros de Zumbi, na I Mostra de Arte Preta em 2016.....	62
Figura 21 – Rezadeira dona Maria Esther Fernandes da Silva, moradora da comunidade do Quilombo de Fátima, Ponte Nova, MG.....	68
Figura 22 – Dona Nelsa e Sr. Cristiano, Benzedeadas de Ponte Nova, MG .....	71
Figura 23 – Altar de Santo da Umbanda Casa Vó Cambinda da Fronteira da África.....	73

Figura 24 – Iyalórísa Martha TY Ógún e Ekedji Rebecca Ty Ógún Té, Violeira, Viçosa-MG – INSTITUTO RAÍZES SAGRADAS .....	75
Figura 25 – Mãe Martha, pai Gilberto e a Ekedjis Rebeca rezando as folhas e colocando as esteiras .....	79
Figura 26 – Teresinha, Kaju, Ekejedjis, Rosângela, Rosana e o Babakekere EduA, rezando para o seu Ori e reconectando com seus orixás .....	80
Figura 27 – Comidas de cada orixá que foram rezadas e são comidas de acordo com cada Orixá .....	80
Figura 28 – A médium Caju recebendo o seu santo de cabeça .....	82
Figura 29 – Morador da comunidade Novo Paraíso – Viçosa-MG.....	83
Figura 30 – Sr. Silvio é um médium kardecista morador de Viçosa-MG .....	85
Figura 31 – Horta medicinal no sítio do Sr. Saulo Leite Penteado .....	86
Figura 32 – Silvio Moura preparando um chá da planta veloz.....	87
Figura 33 – Dona Nair em seu quintal medicinal.....	88
Figura 34 – Mãe Du na sua horta medicinal.....	88
Figura 35 – Sr. Saulo no seu quintal medicinal no sítio do Palmital.....	89
Figura 36 – Reunião com o Vereador Professor Bartô (PT) .....	93
Figura 37 – Visita para mapeamento da localização do raizeiro Senhor Saulo no Paraíso.....	94
Figura 38 – Visita para mapeamento da localização da benzedeira Mãe Du em Cachoeira de Santa Cruz .....	95
Figura 39 – Visita para mapeamento da benzedeira dona Nair, em Nova Viçosa .....	95
Figura 40 – Reunião preparatória para Pré-Audiência <i>on-line</i> .....	96
Figura 41 – Reunião da Pré-Audiência Pública na ASAV (04/09/2021).....	97
Figura 42 – Audiência pública na Câmara Municipal de Viçosa-MG (2021).....	98
Figura 43 – Mãe Du na Câmara Municipal de Viçosa-MG (2021).....	99
Figura 44 – Íyá Mharta usando seu lugar de fala para falar da Cultura Yorubá e da importância das folhas, na Câmara Municipal de Viçosa, para defender o projeto das benzedeiros, benzedeiros, rezadeira, raizeiros e Farmácia Viva.....	100
Figura 45 – Sr. Saulo Penteado participando da Audiência Pública .....	101
Figura 46 – Imagem da cartilha.....	109
Figura 47 – Preparando a muda das plantas para ofertar aos cursistas.....	110
Figura 48 – Mudas prontas .....	110

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil geral das(os) benzedeadas(os) entrevistadas(os) em Viçosa (MG) e Ponte Nova (MG).....	40
Quadro 2 – Perfil geral dos participantes entrevistadas(os) em Viçosa que procuram as benzedeadas(os), rezadeiras(os) e raizeiros(as) (MG) e Ponte Nova (MG) .....	41

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1– DE ONDE NASCE ESTA PESQUISA: “ESCREVIVÊNCIA” E EXPERIÊNCIAS COM A PRÁTICA DA CURA, BENZEDEIRAS(AS), RAIZEIRAS(OS) E REZADEIRAS(OS) .....	23
1.1 “Escrevivências”: o lugar de onde eu falo:.....	23
1.2 A troca de saberes: das “Escrevivências” dialogadas na Universidade Federal de Viçosa.....	26
1.3. Caminhos metodológicos desta pesquisa .....	34
1.4 Caracterização das benzedeadas, benzedeados, rezadeiras, ialorixás e raizeiros.....	37
CAPÍTULO 2 – BENZEÇÃO: SURGIMENTO, MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SABERES .	42
2.1 Memórias, Histórias e Saberes de Benzedeadas, Rezadeiras e Raizeiros.....	43
2.2 As Benzedeadas e a Medicina Popular no Brasil.....	45
2.3 Localização das Benzedeadas das Cidades Mineiras de Viçosa e Ponte Nova .....	51
CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SABERES DE BENZEDEIRAS E BENZEDEADOS DE VIÇOSA E PONTE NOVA-MG .....	57
3.1.1 Maria do Carmo Viana: Omo de Omolu, Iemanjá e Oxalá – Mãe Du, moradora de Cachoeira de Santa Cruz/Viçosa-MG.....	57
3.1.2 Dona Nair da Silva – Rezadeira de Nova Viçosa, Viçosa-MG.....	60
3.1.3 Luís Carlos Vitor, 61 anos de idade (Pai Pequeno), também conhecido como Mestre Garnizé (Viçosa-MG).....	62
3.1.4. Por que as pessoas procuram as benzedeadas, benzedeados, rezadeiras, ialorixás e raizeiros(as)?.....	66
3.2 Benzedeadas e rezadeiras de Ponte Nova, MG.....	67
3.2.1 A rezadeira dona Maria Esther Fernandes da Silva, 70 anos de idade – Quilombo de Fátima/Ponte Nova, MG .....	67
3.2.2 A benzedeadas dona Nelsa, 77 anos de idade, moradora de Ponte Nova-MG.....	70
CAPÍTULO 4 – RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA UMBANDA E CANDOMBLÉ E A RELAÇÃO DO OFÍCIO DE BENZEDEIRAS(OS), REZADEIRAS E IALORIXÁS .....	73
4.1 As entidades do candomblé .....	74
4.2 Íyá Martha – Ialorixá Martha TY Ógúin e religiões de matrizes africanas.....	75
4.3. O que é um Bori no candomblé? .....	78
4.4 A importância da comida do orixá: quem come, o orixá ou o homem?.....	81

CAPÍTULO 5 – A IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS: FARMÁCIA VIVA EM VIÇOSA, MG .....	83
5.1 O raizeiro Sr. Saulo Leite Penteadado, 81 anos de idade.....	83
5.2 Sr. Silvio Moura Médium Intuitivo kardecista, 72 anos de idade, morador de Viçosa-MG .....	84
5.3 Raizeiros(as) e saberes ancestrais: o uso das plantas medicinais .....	85
5.4 Alguns dos chás indicados por raizeiros e benzedeadas.....	91
CAPITULO 6 – A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DO OFÍCIO DE BENZEDEIRAS, BENZEDEIROS, RAIZEIRAS(OS) E IALORIXÁS.....	93
6.1 Realização de Audiência Pública, em 13 de setembro de 2021, na Câmara Municipal de Viçosa.....	97
6.2. Saberes de benzedeadas(os), rezadeiras, raizeiros e ialorixás e raizeiros e a interface com a Lei 10639/2003 .....	102
6.3. Qual a importância de o Movimento Negro ser parceiro na educação escolar e nas Universidades? .....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	106
PRODUTO FINAL .....	109
REFERÊNCIAS .....	112
APÊNDICES .....	118
ANEXOS.....	128

## 1. INTRODUÇÃO

No Brasil, onde as desigualdades de oportunidades são alarmantes, principalmente para a população negra conseguir chegar à universidade para ingressar num curso superior, ainda é um sonho para muitas mulheres negras conseguir passar num curso de mestrado, o que representa uma mudança de paradigmas dentro da escala das desigualdades sociais para essas mulheres. Além disso, trazer para a academia a nossa “escrevivência” é um desafio extremo. Segundo Conceição Evaristo, “a nossa “escrevivência” não é para adormecer os da casa grande e, sim, para acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2016, p. 03). Espelhando-me nessa escrevivência, ousei trazer uma pesquisa que mexe com essas estruturas da educação elitista, buscando dar visibilidade a mulheres negras e homens negros benzedeiros, rezadeiras, raizeiros e ialorixás de Viçosa e Ponte Nova, que são pessoas simples, mas que muito contribuem para suas comunidades. Por isso, foi preocupação também nesta pesquisa saber como elas e eles adquiriram esses conhecimentos ancestrais transmitidos por diversas gerações até os nossos dias atuais, para que pudessem salvaguardar tais saberes. Utilizou-se de uma metodologia de pesquisa de caráter histórico-oral, mediante a realização de entrevistas, observações *in loco* e revisão bibliográfica sobre a temática. Realizou-se um mapeamento das localizações das(os) benzedeadoras(os), rezadeiras, raizeiras(os) e ialorixás, dos terreiros de umbanda e da roça de candomblé, “evidenciando-se as riquezas culturais que compõem os terreiros e as roças, bem como os seus costumes” (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1), as comidas dos orixás, suas roupas e a visão de mundo dessas práticas sociais que permanecem até hoje. A atenção voltada para as “mulheres negras” está associada à importância de entender a ligação entre “raça e gênero”, as desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras por serem mulheres, e negras, e praticantes de religiões de matrizes afro-brasileiras. Paralelamente aos avanços científicos, traz-se ainda uma discussão sobre a farmácia viva e sobre a importância da sua implementação pelo Sistema Único de Saúde (SUS), também para que as pessoas possam escolher fazer uso de medicamentos alopáticos ou das plantas medicinais. Além disso, este trabalho apresenta a busca pelo reconhecimento das(os) benzedeadoras(os), rezadeiras(os), ialorixás e raizeiras(os) como agentes de saúde popular. Para melhor compreensão do tema, discorre-se sobre o evento “Troca de Saberes”, buscando ressaltar a importância da integração entre o saber “científico” e o “saber popular”. Foi possível constatar o modo como, no campo da saúde, essas mulheres e esses homens têm funções relevantes “em suas comunidades, tanto nos processos de cura quanto na preservação de um conhecimento tradicional sobre plantas medicinais e, principalmente, na

afirmação de aspectos da cultura e identidade afro-brasileiras” (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Segundo Ferreira (1996), as benzedeadas tradicionais são mestras de um ofício. Uma mestra ou um mestre de ofício “é sempre um(a) sabedor(a), é alguém bastante diferenciado que encarna um semideus, um(a) pactuante com o sobrenatural, um(a) detentor(a) de um tipo de liderança, sobretudo por ser aquele(a) que transforma uma realidade” (FERREIRA, 1996, p. 103). Por exemplo, uma benzedeadora ou um benzedor, ao benzer uma pessoa ou um animal doente, vai mediar a cura dessa pessoa ou animal por intermédio de suas práticas de benzeção.

Segundo Oliveira e Padilha,

Se por um lado falar de história não é fácil, por outro, falar da história das benzedeadas, dos benzimentos também não o é. As benzedeadas, tal qual conhecemos hoje, sofreram um processo de estigmatização que se fez mais presente a partir dos séculos XII e XIII, com as Inquisições pregadas pela Igreja, que alegavam serem elas bruxas, portadoras de ofícios diabólicos, perigosas, hereges, produtoras de remédios, ervas que afetam a mente dos homens, dentre tantas outras acusações. Como sabemos, inúmeras delas foram queimadas vivas para que servissem de exemplo às demais pessoas que pensavam em confrontar os dogmas da Igreja (OLIVEIRA, 2011, p. 2877 apud PADILHA, 2011, p. 2877).

Observando o diálogo entre esses autores, verifica-se a importância das(os) benzedeadas(os) com suas práticas que vêm de um longo tempo e estão bastante presentes em nossa sociedade que vivenciou, e vivencia até hoje, os enfrentamentos advindos de imposições culturais do catolicismo e da intolerância religiosa.

Ao fazer o levantamento de dados para esta pesquisa, observou-se que o “ofício de benzedeadas, rezadeiras, benzedores e raizeiros tem desaparecido” (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1) devido ao fato de esses conhecimentos ancestrais não estarem sendo passados para as gerações futuras. Outro dado importante, devido também ao preconceito racial e religioso, é que muito das mulheres negras e homens negros estão se tornando evangélicos, isso porque já são discriminados pela cor da pele e, ao cultuarem a religiosidade de matrizes africanas, esse preconceito aumenta ainda mais. No entanto, observa-se tanto na umbanda quanto nas roças de candomblé um aumento expressivo de pessoas brancas cultuando a religiosidade afro. Ao fazermos esta análise, verificamos que a cor da pele é um patrimônio e o indivíduo, por ser de pele branca, pode estar em qualquer espaço e não será discriminado. Por essas razões, esta pesquisa tem a finalidade de proteger, salvaguardar e preservar esses conhecimentos populares deixados pelos nossos ancestrais valorizando nossa cultura afro. Outro ponto importante que se pretendeu com esta pesquisa foi a realização do mapeamento das cidades de Viçosa e Ponte Nova para localizar onde “essas práticas ainda estão presentes”.

Apesar de existirem algumas pesquisas no Brasil sobre o assunto, em Viçosa e Ponte Nova ainda há muito a ser feito em se tratando de conhecimentos tradicionais, pois ainda há várias(os) benzedeadas(os), rezadeiras e raizeiros a serem identificados.

Por isso, a importância de novas pesquisas na área com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre o tema, buscar informações que permitam verificar a possibilidade do reconhecimento do saber tradicional das benzedeadas como ofício de saúde popular, para que no futuro elas possam ter garantidas na forma da Lei o direito de exercer seus saberes como agentes de saúde popular, sem sofrerem racismo pela cor da sua pele e também não sofrerem racismo religioso (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Na cidade de Rebouças (PR), “A Câmara Municipal de Rebouças aprovou, em 2010, a Lei nº 1.401/2010, que reconhece os conhecimentos das benzedeadas como ofício tradicional de saúde popular”. A aprovação dessa lei trouxe para elas a garantia de poder exercer com segurança o “‘ofício’ de agentes de saúde popular e coletar as plantas nativas” (PARANÁ SHOP – 201 benzedeadas 5 *apud* FURH, 2012, p. 143; FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Com base na Lei 1.401/2010,

No município de Viçosa (MG), a luta pelo reconhecimento desse ofício não é diferente de outros estados. No primeiro semestre de 2018, em conjunto com o Programa de Saúde da Família (PSF), do bairro Santa Clara, iniciou-se um trabalho com as folhas de chás na unidade de saúde, do bairro, mas devido à saída da organizadora do projeto, culminou na falta do incentivo do poder público, o projeto não teve continuidade. Por isso, a importância de realizar uma pesquisa nessa linha para poder consolidar o ofício das(os) agentes de saúde popular, das benzedeadas, benzedores, ialorixás e raizeiros do município de Viçosa-MG. Haja vista que no interior do Brasil, encontram mulheres e homens que exercem o ofício de benzedeadas, benzedores, rezadeiras, ialorixás e raizeiros. Quem não se lembra de na infância ter sido levado pela avó ou pela mãe em uma benzedeadas para curar de um mau-olhado, dor de cabeça e quebranto? (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Entretanto, observa-se que na modernidade que as benzedeadas vêm conquistando seu espaço na comunidade onde vivem, como nas cidades de Viçosa e Ponte Nova. Essa conquista se estabeleceu, entre muitos outros aspectos, a partir da vinculação que essas mulheres fazem entre o seu “dom”, a sua “história” e suas “memórias”, que constituem parte de todo um processo de identificação e autodefinição de tais pessoas.

Conforme disseram Oliveira e Padilha,

Percebe-se, então, que existe um laço entre estes três fatores o seu “dom”, sua “história” e suas “memórias” que nos fazem entender melhor a maneira como estas ligações interferem na cultura popular das benzedeadas (OLIVEIRA; PADILHA, 2006, p. 287).

Ao reportarmos à memória do Brasil Colônia, no que diz respeito aos saberes populares de cura e à medicina, observamos que esses conhecimentos sempre tiveram uma ligação que, ao mesmo tempo que se complementam, se hostilizam. Com o desenvolvimento das tecnologias e da ciência, a medicina acabou por menosprezar os conhecimentos ancestrais da sabedoria popular (IDEM).

No entanto, apesar disso, ainda podemos encontrar os conhecimentos das benzedeadas, benzedores, rezadeiras, ialorixás e raizeiros, por intermédio da história oral contada pelas pessoas que os procuram.

Ao discorrer sobre a colonização do Brasil, observa-se que os indígenas, os verdadeiros donos da terra; e o povo negro, que foi capturado e forçado a vir para o país de forma violenta, já faziam uso da medicina natural, das plantas e ervas para a cura dos seus males. Após a chegada dos portugueses, houve a mistura de várias crenças, o que conhecemos hoje como “sincretismo religioso” (ALMADA, 2016, p. 3).

Ao dialogar com Berkenbrock (1997) sobre a influência do sincretismo religioso, percebeu-se que foi possível manter vivas as religiões de matrizes africanas em terras brasileiras, utilizando imagens de santos católicos e, assim, possibilitou aos africanos escravizados a cultuar os seus guias e Orixás. Partindo desse contexto, observam-se também as estratégias de resistência, uma vez que “os(as) negros(as) precisavam se esconder dos brancos da melhor forma sua religião” (BERKENBROCK, 1997, p. 137).

Ainda conforme a afirmação de Berkenbrock (1997), os povos negros escravizados tinham a percepção de que eles estavam diante de uma “hegemonia cristã que entendia ser a detentora exclusiva do Sagrado”. Quando os católicos viam as imagens dos seus santos presentes nos espaços de culto do povo negro e a devoção deles para com os santos, os povos brancos, ou os católicos, aceitavam essas práticas com bons olhos. Por meio desse movimento estratégico, ou essa superposição de usar os santos católicos para cultuar seus orixás, o povo negro ligado à umbanda passou a se assemelhar e ter, em si, os elementos do Sagrado pertencentes ao catolicismo e considerá-los como meios de proteção dos seus fiéis.

É importante destacar como o sincretismo religioso foi de suma importância naquele contexto para mantermos viva a religiosidade de matrizes africanas. Para além disso, o sincretismo são manifestações desencadeadas por vários fatores e, de forma alguma, pode ser analisado apenas do ponto de vista teológico ou religioso.

Exatamente por causa da complexidade, não se pode dizer que existem regras que possam explicar o desenvolvimento deste processo. O desenvolvimento deste processo é, porém, melhor entendido quando interpretamos o sincretismo dentro da dinâmica do desenvolvimento da sociedade como um todo e do crescer junto de diversas religiões (BERKENBROCK, 1988, p. 143 *apud* MACHADO, 2003, p. 43).

Devido a essas “crenças e práticas” trazidas por povos de culturas, costumes diferentes convivendo juntos no mesmo espaço e contexto histórico. E quando chega os conhecimentos advindos da medicina vinda da Europa para o Brasil, os saberes ancestrais das benzedeiras, benzedeiros, “rezadeiras e raizeiros caem no esquecimento e são julgados como práticas de feitiçaria” e também os saberes populares das nossas mestras e mestres como as benzeções as curas por meio das práticas naturais também passam a ser consideradas bruxarias FERREIRA, 2021; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Outro fator importante que não podemos esquecer é a mercantilização que virou a “saúde” com a chegada dos médicos, e tudo isso ajudou na retirada desses conhecimentos ancestrais utilizados com a ajuda “das plantas e ervas medicinais” das mãos das mestras e mestres dos saberes populares.

A partir desse novo olhar sobre esses conhecimentos ancestrais, foi necessário desenvolver uma forma de preservar, proteger e transmitir esses conhecimentos de curar vinda das benzeções, das plantas e ervas medicinais, “passados para as gerações” futuras, por meio da oralidade, para que eles pudessem ser cultuados até os nossos dias atuais. Melhor dizendo, esses conhecimentos passados por nossos ancestrais a partir da oralidade, que atravessou gerações, nos permitiram manter vivos esses saberes populares.

Mediante os estudos sobre religiosidade observou-se que entre as benzedeiras há uma identidade coletiva, mas também existe uma individualidade de cada uma como por exemplo a forma de benzer: uma benze com o terço, folhas e com as brasas, outras com as entidades ou orixás e as folhas. E esta diversificação acontece de acordo com os conhecimentos, e cultura de cada uma (ALMADA, 2016, p. 3).

É importante trazer aqui uma discussão sobre a articulação entre a história oral e a educação patrimonial. A articulação ajuda tanto na base da capacitação dos discentes quanto dos docentes na área da educação, ou seja, como formar cidadãos e cidadãs conscientes, conhecendo sua cultura, valorizando e protegendo o patrimônio tanto material como imaterial.

Além disso, a educação patrimonial tem como objetivo despertar no indivíduo o sentimento de pertencimento, preservação e procurar buscar no seu dia a dia uma sociedade mais inclusiva. Ademais, é importante a implementação da Lei 10639/2003, articulada com saberes tradicionais advindos do respeito às práticas ancestrais. Assim, possibilitará trabalhar nas escolas a religiosidade de matrizes africanas, por meio dos saberes ancestrais das(os) benzedeiras(os), raizeiras(os), ialorixás e raizeiros, mostrando a importância das ervas medicinais na nossa vida engajada na filosofia em busca do bem comum e não numa educação eurocêntrica, que visa somente a mera repetição de uma educação elitista que menospreza os saberes populares.

Em muitas cidades do interior do Brasil a prática das benzeduras é muito forte e muitas vezes as pessoas recorrem à medicina tradicional (médicos, hospitais e remédios alopáticos) e ou, também se pedem auxílio às benzedoras, que se dedicam a ajudar e curar a população com o auxílio de chás, pomadas, infusões e fé. Isso é uma questão cultural. Também é importante ter em mente que cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido às suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam (SANTOS, 1987 *apud* FURH, 2016, p. 144).

Mulheres e homens que são interlocutores desta pesquisa são detentores deste patrimônio cultural imaterial que envolve a benzeção, o cultivo e o uso de ervas medicinais.

Dentro desse contexto, esta pesquisa se propôs analisar:

Como essas memórias interferem no dia-a-dia dessas mulheres e desses homens, ambos conhecidos como, benzedores(a), ialorixás e raizeiros, e de que maneira se fundamenta existência de tais pessoas, qual a sua ligação com o sagrado, com o simbólico e com o imaterial (FERREIRA, 2021; SIQUEIRA; 2021, p. 1).

Segundo Queiroz, 1997

Leva-se em conta todo este processo de análise das memórias tomando em consideração o modo como estas pessoas vivem, bem como sua cultura, suas noções de vida e de mundo, suas concepções acerca desta cultura, mais propriamente deste ofício, tratado por tais pessoas como um dom, recebido por Deus para auxiliar o próximo (QUEIROZ, 1997, p. 120 *apud* FERREIRA, 2021; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Também se fazem presentes no processo de análises das memórias as discussões a respeito do tema, que ora é relacionado às práticas da medicina popular, ora às manifestações culturais religiosas, que se articulam também com a educação patrimonial.

Não se descartam essas análises, mas, ao contrário, baseia-se nelas para, a partir de uma comparação, estabelecer que não são apenas esses fatores que determinam a permanência desta cultura, mas a existência de uma memória individual e coletiva que faz que essas configurações culturais sejam possíveis.

Conforme descreve Cunha em Oliveira e Padilha (2016):

A memória e a identidade trazem à tona as lembranças resgatadas por tais pessoas e faz com que estas passem a ter uma autoafirmação, ou seja, esta memória, vinculada a seu saber e também ao simbólico e ao sagrado, faz com que as benzedoras continuem lutando por sua cultura, e pela permanência de sua tradição. A memória então, se estabelece de igual maneira, como força de resistência e de identificação numa cultura que está passando por um processo de ressignificação e autoafirmação (CUNHA *apud* OLIVEIRA; PADILHA, 2016, p. 2877).

Esta dissertação se encontra estruturada em quatro capítulos: iniciando-se com a introdução e falando da metodologia utilizada. No primeiro capítulo, aborda-se “De onde nasce esta pesquisa: “Escrevivências” e “Experiências com as Práticas de Cura”, a partir das minhas escrevivências enquanto mulher negra neta de benzedeira e parteira. Além disso, discorro sobre como cheguei a este tema. Discorro sobre o que é a Troca de Saberes? – Um evento que acontece anualmente na Universidade Federal de Viçosa, que tem por intuito o diálogo entre mestras e mestres de saberes populares a respeito dos saberes científicos. Ademais, nesta primeira parte do trabalho apresento também os caminhos metodológicos realizados na pesquisa.

No segundo capítulo, aborda-se a Benzeção: surgimento no mundo, memórias, histórias e saberes, fazendo um recorte desta temática em Viçosa e em Ponte Nova, MG. Também, busca-se entender o que é ser uma benzedeira, benzedeiro, rezadeira, ialorixá, raizeiro, bem como compreender por que as pessoas os procuram. Conhecer quem são as pessoas que os procuram, a importância do seu papel social e quanto essas memórias, histórias e saberes estão presentes no nosso cotidiano. Aborda-se ainda como ocorrem a iniciação das benzedeadas, a benzeção e a sua magia e a importância da medicina popular desse ofício.

Outro ponto importante abordado são a atuação e as vozes dessas mulheres e desses homens que fazem o bem para suas comunidades e para as pessoas que os procuram em busca de cura para seus males, mas que, muitas vezes, são marginalizadas(os) e invisibilizadas(os). As suas memórias, histórias e saberes são detalhados neste trabalho. Para isso, houve a preocupação em trabalhar a questão de salvaguardar este patrimônio cultural imaterial. Metodologicamente, buscou-se fazer um mapeamento para localizar onde se encontram esses mestres e mestras dos saberes populares e, posteriormente, proceder à realização de entrevistas e observações dos participantes.

No terceiro capítulo, fala-se das memórias, histórias e saberes e lutas de benzedeadas, rezadeiras, raizeiros e ialorixás. Ainda neste capítulo, vamos conhecer sobre os(as) raizeiros(as), aqueles que respeitam as matas e as plantas. Busca-se também entender a importância dos chás e como prepará-los. Para que servem os banhos de descarrego, sua eficácia e também as simpatias. São discutidas ainda a importância da implementação da Farmácia Viva junto ao Sistema Único de Saúde (SUS), a cultura e a tradição dos raizeiros. Falo também da Religião de Matrizes Africanas e da relação do ofício das benzedeadas na sociedade e nas entidades da Umbanda e do Candomblé.

No quarto capítulo, trata-se da importância da implementação de políticas públicas como a Farmácia Viva em Viçosa/MG. Além da realização efetiva da audiência pública na Câmara Municipal de Viçosa-MG, onde se mostra a importância do reconhecimento do ofício das benzedeadas, benzedores, rezadeiras, ialorixá e raizeiros em parceria com o mandato do Professor Bartomélio, vereador do PT de Viçosa/MG.

Por último, dialoga-se sobre os saberes de benzedeadas(os), rezadeiras, ialorixás e raizeiros e a interface com a Lei 10639/2003. Além disso, busca-se mostrar a relevância desta pesquisa em diálogo com a aplicação da Lei 10.639/2003 sobre o “Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas, privadas e nas universidades, preservando histórias, memórias e identidades do povo negro e trazendo uma discussão junto ao movimento negro educador. O trabalho é finalizado falando da importância do reconhecimento de benzedeadas, benzedores, rezadeiras e raizeiros, além da função social dessas pessoas em suas comunidades.

## CAPÍTULO 1 – DE ONDE NASCE ESTA PESQUISA: “ESCREVIVÊNCIA” E EXPERIÊNCIAS COM A PRÁTICA DA CURA, BENZEDEIRAS(OS), RAIZEIRAS(OS) E REZADEIRAS(OS)

### 1.1 “Escrevivências”: o lugar de onde eu falo

Optei por fazer uma retrospectiva sobre minha trajetória de vida, para que seja possível compreender de onde vem o meu gosto pelos conhecimentos ancestrais. Vinda de uma família de 10 irmãos, sou a primeira filha do segundo casamento do meu pai a ter cursado um curso superior e também a primeira a conquistar um diploma de mestre. Costumo dizer que Deus achou que uma família era pouco para mim; então me mandou para conviver em duas famílias.

Meu pai, então viúvo, se viu com sete filhos, sendo alguns destes adolescentes e um filho com sete anos e outro com nove anos. Casou-se com minha mãe, dona Vicentina, mulher guerreira e corajosa. Meu pai, por sua vez, trouxe seus sete filhos para a nossa casa, onde já morava minha avó paterna. A minha infância foi cercada de irmãos, primos e avós.

Meu pai e minha mãe foram criados na zona rural, e ambos foram sempre cuidados com ervas medicinais e benzeções. Minha mãe sempre acompanhava a avó dela na realização dos partos e nas benzeções nas localidades rurais, para ajudá-la, e, assim, minha mãe foi aprendendo esse ofício. Com o passar dos anos, tanto meu pai quanto minha mãe mudaram para a cidade, mas trouxeram com eles os conhecimentos sobre as plantas medicinais. Quando um filho adoecia, ele era tratado com chás e emplastros até porque não tinham muito acesso a médicos.

A gripe, por exemplo, era tratada com uma receita de *chá de cambará* acrescido de algumas pitadas de sal, café com alho. Para dor de barriga, usava-se *chá de marcela*, *Macaé*. Para a dor de cabeça, *chá de losna ou boldo*. Para verminoses, *chá de hortelã ou chá de santa maria*. Quando alguns de nós ficávamos cheios de perebas, a gente tomava *chá da erva chapéu-de-couro*, considerado depurativo do sangue. E esses conhecimentos foram passando de geração para geração para nós, principalmente para mim.

Quando eu era criança, minha avó paterna me colocava para ralar semente de abacate e depois adicionava no álcool e deixava por três dias, depois colocava em volta do joelho. Eu aprendi “a benzer” as pessoas de dor de cabeça, mau-olhado e depois aprendi também a benzer com a imposição das mãos com o auxílio da espiritualidade. Mesmo na atualidade que tenho acesso a médicos, ainda continuo utilizando a medicina popular.

Segundo Conceição Evaristo,

o conceito de “escrevivências” é uma estratégia político-discursiva de resistência e promove a desconstrução de imagens e alterações dos lugares reservados a corpos negros, sob perspectivas epistemicidas e eurocênicas (EVARISTO, 2016, p. 3).

Minhas “Escrevivências” têm muitas semelhanças com a vivência de mulheres negras, mães, militantes dos movimentos negros, mulheres moradoras de comunidades, mulheres quilombolas, mulheres benzedoras e mulheres trabalhadoras em universidades públicas. Poder escrever do nosso “lugar de fala” tem similaridade com o conceito de “Escrevivências” criado pela pensadora negra Conceição Evaristo, que nos possibilita trazer a nossa escrita, ou seja, “a nossa ‘escrevivência’ não é para adormecer os da casa grande e, sim, para acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2016, p. 3).

Outro ponto que me chamou atenção foi que em Viçosa houve um evento na Estação Cultural Hervê Cordovil, onde os mestres dos saberes populares da cidade foram homenageados e, quando chamou a categoria das benzedoras, somente apareceram a Mãe Du e outra senhora representando a mãe dela. Esse fato me deixou curiosa, pois onde estavam as outras benzedoras, benzedores, rezadeiras e raizeiros? Então, comecei a me perguntar onde se encontravam as mestras e mestres detentores desses saberes ancestrais. Eu fiquei curiosa porque só apareceram duas pessoas, uma vez que em Viçosa e região sempre existiram, e existem até hoje, vários benzedoras, rezadeiras, Ialorixás e raizeiros. Além disso, eu já havia cursado a disciplina HIS 856 – “Patrimônio, Memória e Paisagens culturais”, oferecida pelo Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa, como estudante não vinculada, a qual me proporcionou o despertar sobre a importância de proteger, preservar e salvaguardar o nosso patrimônio cultural imaterial.

Dialogando com Regina Abreu e Mário Chagas (2009) sobre o significado de Patrimônio Cultural, que passou por um momento de mudanças, no que diz respeito ao conceito de patrimônio cultural, há décadas sendo considerado somente como o tombamento de bens de “Pedra e cal”, por exemplo: igrejas, fortes, monumentos históricos, pontes, prédios e conjuntos urbanos etc. Com a aprovação do Decreto nº 3.551/2000, passa a ser instituído o inventário de Patrimônio Cultural Imaterial e Intangível, Genético e Cultural.

Quando se amplia o significado de patrimônio cultural se percebe que é mais um efeito da globalização, pois essa mudança contribui com a sociedade contemporânea em seus contextos religiosos, de diferentes raças, culturas e extremamente heterogêneos. E nessa nova categoria estão também “lugares, festas, religiões, forma de medicina popular, música e

culinária” (ABREU; CHAGAS, 2009, p. 2). Nesse contexto, não se propõe tombamento dos bens imateriais, uma vez que a proposta é registrar essas práticas.

Somando a isso, um dia estava indo para o trabalho quando encontrei uma senhora chamada Maria, que me parou para conversar e me disse que estava com problemas sérios de diabetes e havia consultado um médico que indicou para ela três medicamentos, e cada medicamento custava em torno de R\$130,00 e ela não tinha como comprar. Então, falei para ela sobre a farmácia do SUS aqui do município de Viçosa. Porém, chegando lá, não tinha os medicamentos que dona Maria precisava, e isso me indignou mais e, por isso, comprei os medicamentos para ela. Aí comecei a pensar que, assim como pude ajudar aquela senhora, quantas outras senhoras, mulheres pretas, brancas, periféricas e sem condições financeiras para poder ter acesso a esses medicamentos caros, eu poderia ajudar se existisse a Farmácia Viva no SUS da nossa cidade.

É de conhecimento de algumas pessoas que, sobretudo aquelas em situação de vulnerabilidade social, no Brasil, desde 2006 existe uma Portaria GM/MS nº 9.712 que contempla “diretrizes e responsabilidades institucionais para oferta de serviços e produtos de homeopatia, medicina tradicional chinesa/acupuntura, plantas medicinais e fitoterapia, medicina antroposófica e termalismo social/crenoterapia”, que aborda a importância da implementação da Farmácia Viva no SUS. Na cidade de Viçosa, iniciou-se um trabalho desta natureza, porém muito rapidamente acabou, e muitas pessoas poderiam ser beneficiadas com essas práticas.

Foi a partir de todas essas inquietações que, no final de 2019, participei da seleção para ingressar no mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, com o objetivo de revelar as Memórias e Identidades das Benzedeiras, Benzedeiros, rezadeiras e Raizeiros de Viçosa e Ponte Nova, MG. Ingressei no mestrado, e desde então venho trabalhando para salvaguardar esse patrimônio cultural imaterial, que são as benzedeiras, as rezadeiras, os Ialorixás e os raizeiros.

Mantendo o compromisso com a minha espiritualidade, percebo que minha missão é muito maior que simplesmente conquistar um diploma de mestre, mas é, antes de tudo, ajudar outras pessoas com esses conhecimentos, manter viva a sabedoria ancestral, que nos foi passada de “geração para geração”. Parafraseando a entidade “Pai Manuel: *os guias chegam aonde os moços de capa branca não chegam*” (médicos).

## 1.2 A troca de saberes: das “escrevivências” dialogadas na Universidade Federal de Viçosa

Para além das minhas “Escrevivências” durante o evento da Troca de Saberes realizada em 2018, tive a oportunidade de participar de uma atividade das instalações artístico-pedagógicas, em que pude ministrar o curso sobre plantas medicinais com o fitoterapeuta autodidata Sr. Saulo, em momentos memoráveis. Já realizei oficinas, palestras e rodas de conversa em escolas, na UFV e em algumas comunidades sobre a temática das plantas medicinais, ervas, chás, os nossos saberes tradicionais e afro-brasileiros. Depois, fiz o chá de manjerição para os participantes da oficina tomarem. Eles também compartilharam os conhecimentos relacionados sobre a importância de chás com ervas diversas. A seguir, algumas fotos referentes ao evento mencionado.

**Figura 1** – A pesquisadora ministrando oficina na Troca de Saberes de 2018



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

**Figura 2** – Pesquisadora compartilhando saberes sobre a feitura do chá de manjeriço



Todos esses conhecimentos foram pontuais para a minha tomada de decisão na escolha do tema da minha pesquisa.

A Troca de Saberes é um evento criado em 2007, com o objetivo de ouvir as pessoas, cujas vozes, na maioria das vezes, são ou foram silenciadas e invisibilizadas pelo racismo, pela homofobia e pelo machismo etc. Ademais, essas pessoas sempre foram marginalizadas e discriminadas, a exemplo de benzedeiros, rezadeiras, ialorixás, raizeiros, somados aos movimentos sociais, ao movimento negro, aos indígenas, aos quilombolas, às famílias agrícolas e aos núcleos agroecológicos etc. De acordo com Gonzaga,

as implicações do racismo sobre o ciclo das políticas públicas, embora os indicadores sociais revelem profunda desigualdade no usufruto dos bens socialmente produzidos entre a população negra e a população branca. E a maioria dos/as gestores/as e agentes públicos segue proferindo discursos de igualdade entre negros e brancos, quando, na realidade, o que se observa é a prevalência de situações de discriminação interpessoal e estrutural (GONZAGA, 2018, p. 02).

A importância desse evento consiste nas narrativas entre o saber popular e o saber científico. A Troca de Saberes é um evento que acontece na tradicional Semana do Fazendeiro da UFV e oferece a oportunidade aos participantes da semana, que é um evento do saber científico e mais elitista, de poderem interagir com os saberes populares.

Além disso, a metodologia utilizada para a construção da Troca de Saberes começa com a idealização de um sonho, e aí vão surgindo os temas e a visualização de como poderíamos transformar esse sonho em realidade. Oportunidade essa em que podemos

dialogar tanto com o saber científico quanto com o saber popular, observando de que forma a ciência poderia tornar-se mais popular e todos poderem ter acesso.

Durante as “instalações artístico-pedagógicas” ocorrem várias experiências, como: A Tenda da Cura, Peneirinha, Pinheirão, místicas, troca de sementes e muita troca de experiências e diálogos. Em 2021, devido à pandemia, as Instalações Artístico- Pedagógicas ocorreram de forma virtual. No evento da Troca de Saberes de 2022 ocorreram cinco Instalações Artístico-Pedagógicas, sendo todas presenciais.

As Instalações Artístico-Pedagógicas consistem em uma metodologia que é usada para definir a integração dos saberes em vez de uma pessoa ou professor ficar fazendo palestra, dando uma aula ou ensinando fazer algo. Cria-se um ambiente ou um tema que se quer discutir, como Políticas Públicas para a Agricultura Familiar, sendo a Agroecologia o tema na instalação artístico-pedagógica da troca de saberes do dia 16-08-2022. Nesse ambiente, de forma lúdica, bonita e artística, as pessoas se integram falando sobre o que estava vendo a respeito dos elementos apresentados nas três mesas, um prato vazio com um osso, outra mesa com alimentos industrializados e uma mesa com um prato com arroz integral, feijão, farinha e, ainda sobre a mesa, banana, uma espiga de milho e inhame. A partir daí, as pessoas começaram a falar sobre o que entenderam por aquilo que estava vendo, e as ideias foram surgindo com a participação de todos e o conhecimento foi sendo construído na Figura 3, em que se observa uma Instalação Artístico-Pedagógica 1.

**Figura 3** – Instalação Artístico-Pedagógica, Políticas Públicas para a Agricultura Familiar e Agroecologia



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 14/08/2022.

A Troca de Saberes busca dialogar com pesquisadores, porque eles precisam dar retorno para a sociedade do que têm produzido em seus laboratórios e beneficiar a sociedade e as comunidades com esses conhecimentos produzidos. Em especial, a cidade de Viçosa (MG), já que temos uma das melhores Universidades do país.

Em uma tenda construída com bambu no gramado em frente ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa são discutidas temáticas, em que se trocam saberes milenares entre professores, professoras, estudantes, mestres e mestras dos saberes populares – que são pessoas simples, mas que trazem conhecimentos valiosos para o meio acadêmico.

A Tenda da Cura traz um brilho e luz para o evento, espaço onde se concentram as benzedeiras, benzedeiros, rezadeiras, raizeiros, ialorixás, pajés etc. É nesse espaço que nossos mestres e mestras têm vez e voz por meio dos conhecimentos ancestrais, que são valorizados e respeitados. Também faz parte do evento uma tenda central, onde ocorrem as plenárias junto aos movimentos sociais diversos, como o movimento negro, o dos quilombolas, o dos Puris, os agroecológicos e os culturais.

Cultura é o meio pelo qual o indivíduo tem acesso ao mundo exterior e a sociedade em que vive. Ela lhe fornece os elementos da compreensão de uma situação no mundo e na sociedade e também os princípios orientadores para sua conduta e adaptação às diversas situações de vivência. Estes princípios de explicação e de orientação devem formar um sistema integrado e coerente que permita ao indivíduo sentir-se e atuar de modo consistente (STORT, 1993, p. 26 apud FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Em 2022, o evento Troca de Saberes pôde ser realizado presencial com o tema “Curar, levantar e resistir: em memória daquelas que partiram”, e foi de 13 a 17 de agosto no gramado escola da UFV e, nos dias 18 e 19, de forma *online*. Na abertura do evento, tivemos o Encontro Inter-Religioso com a presença de ialorixás, benzedeiras, pastores, rezadeiras, raizeiros e um público muito atuante. Teve a duração de três dias com muita troca de saberes, troca de sementes, Tenda da Cura, Rodas de Conversa sobre Ancestralidade, Cosmovisão Yorubá e atividades agroecológica e cultural, finalizando-se com um ato político.

**Figura 4** – Abertura da Troca de Saberes com Encontro Inter-Religioso



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Na abertura da Troca de Saberes, que iniciou com um Encontro Inter-Religioso, tivemos a participação de Íyá Martha e Abyan Teresinha de Opará, que são do candomblé; e Mãe Du, que é umbandista. Mulheres essas resistentes que lutam para salvaguardar a religiosidade de matrizes na cidade de Viçosa, MG. A foto da Figura 4 representa mulheres guerreiras guardiãs dos conhecimentos ancestrais, da cultura e da religiosidade de matrizes africanas do candomblé e da umbanda.

Na Figura 5, temos Íyá Martha, Abyan Teresinha de Opará e Ògán quarta letra e o atabaque, instrumento utilizado durante a cerimônia numa roça de candomblé com nossos fios de contas e roupas coloridas nos sentidos africanos.

**Figura 5** – Ato religioso durante a troca de saberes



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 13/08/2022.

Como servidora da Divisão de Eventos ligada à Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFV, a mestranda Teresinha tem trabalhado há um tempo na infraestrutura da realização do evento Troca de Saberes e também trazendo os conhecimentos ancestrais da cultura Yorubá, como retratado na Figura 5, mas já há algum tempo trabalha na construção efetiva da Troca de Saberes, seja ministrando curso sobre plantas medicinais, seja participando do ato inter-religioso etc. A integração dos saberes populares ancestrais em conjunto com os saberes científicos, no Campus da Universidade Federal de Viçosa-MG, em Viçosa, MG.

Na Figura 6, apresento a geodésia. A geodésia representa o conhecimento científico, e as folhas e os objetos dentro dela representam o conhecimento popular. Nesse sentido, ela se refere a união entre os dois saberes: populares e científicos. A estrutura geométrica representa a parte científica, e os tecidos que estão dentro dessa estrutura compreendem os saberes afros: tecidos afros, plantas medicinais e o violão que representa a arte e a cultura popular. Imbricados, esses elementos formam um conjunto de saberes importantes. Como nos diz Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1974): “Não há saberes mais e saberes menos; há saberes diferentes”.

**Figura 6** – Geodésia



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Outra atividade que realizei durante a Troca de Saberes se refere ao uso das Plantas Mediciniais. Os saberes que ocorreram durante o curso contaram com expressiva participação dos(as) cursistas, que queriam saber mais sobre a utilização dessas plantas. Estiveram presentes estudantes, professores(as), raizeiras(os), benzedeiros(os) e pessoas que fazem uso das plantas medicinais em seu cotidiano. Todas essas pessoas foram em busca de conhecimentos sobre o assunto, além de conhecerem outras variedades de plantas medicinais e como utilizar essas plantas para a cura física e espiritual.

**Figura 7** – Ministrando o curso “Os benefícios das plantas medicinais” dentro da Troca de saberes



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Na Figura 7, percebe-se o interesse dos participantes do curso ministrado por mim, que teve participação muito expressiva. No chão, temos um cartaz que representa várias partes do corpo e como estas podem ser tratadas com as plantas medicinais. Após o curso sobre plantas medicinais, fizemos uma roda de conversa para dialogarmos a respeito dos conhecimentos ministrados.

Nessa foto (Figura 8) se constatam a participação maciça e satisfação dos participantes do curso a respeito dos benefícios das plantas medicinais. Na atualidade, cada vez mais pessoas têm interesse em aprender sobre as plantas que curam, os banhos de descarrego, as mudas dessas plantas e também a utilidade dos seus chás.

O curso foi ministrado durante o evento Troca de Saberes na semana do fazendeiro.

**Figura 8** – Grande adesão ao curso sobre os Benefícios das Plantas Medicinais mostrando como esses conhecimentos são valorizados e precisam ser trazidos cada vez mais para a nossa sociedade



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Além do curso, tivemos um encontro com as(os) participantes na casa onde atualmente se encontra o Acervo Biocultural, antiga casa do Grupo Entre Folhas. Nesse local se estudam e cultivam plantas medicinais, além de ser um espaço onde são realizados oficinas e cursos sobre ervas medicinais. O Grupo Entre Folhas foi criado em 1989 por professores e estudantes da Universidade Federal de Viçosa que tinham como objetivo pesquisar e conhecer melhor os benefícios das plantas medicinais e levar para a comunidade viçosense os benefícios obtidos com o conhecimento a respeito dessas plantas, a exemplo da feitura de xaropes e da distribuição de folhas de chás.

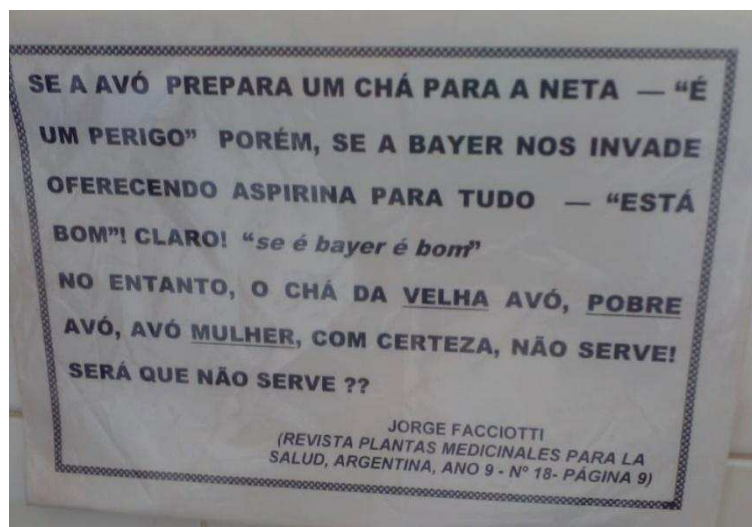
**Figura 9** – Caldeirão com várias plantas medicinais cozinhando xarope contra gripe, feito na cozinha do Grupo Entre Folhas, para ser ofertado durante a Troca de Saberes. Todas as folhas utilizadas foram colhidas no quintal da casa onde o grupo se reúne para os estudos das plantas medicinais



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Na Figura 10, na parede da sede do Grupo Entre Folhas, há um cartaz que nos provoca a refletir sobre as questões e importância dos chás feitos pelas nossas avós. Infelizmente, em uma sociedade tecnicista e científica, os saberes ancestrais, no caso apresentado das nossas mais velhas, avós por exemplo, são considerados não saberes e menosprezados devido ao fato de a saúde ter se tornado uma mercadoria.

**Figura 10** – Reflexão afixada na casa do Grupo Entre Folhas



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Nesse cartaz, o autor faz uma crítica mostrando como são menosprezados os conhecimentos ancestrais trazidos pelas nossas avós na feitura de um chá, enquanto os medicamentos produzidos em laboratórios são considerados bom – “se é Bayer é Bom”. Será que esses conhecimentos advindos de uma velha mulher pobre não são realmente bons, ou podemos perceber quando a medicina se torna mercadoria e os conhecimentos ancestrais se tornam perigosos devido à imposição do capitalismo? No entanto, ainda podemos suscitar reflexões profundas, já que a saúde, de acordo com a Constituição de 1988, é um direito de todos.

### 1.3. Caminhos metodológicos da pesquisa

O primeiro passo para a realização desta pesquisa foi selecionar o material bibliográfico para me aprofundar no tema da pesquisa, realizar leituras sobre as benzedeadas, benzedeiros, rezadeiras, ialorixá e raizeiros, fazer fichamento e trabalhar na construção de uma fundamentação de conceitos teóricos, buscando construir os objetivos e o problema de estudo. Após ser aprovado o projeto de pesquisa em 20 de julho de 2021, comecei a fazer o

levantamento de dados a partir de memórias e nomes de lugares onde se encontravam e residiam os mestres e mestras dos saberes populares. Alguns eu já conhecia, outros foram indicados por pessoas que frequentam o terreiro (roça). Nesse sentido, comecei um processo de dialógica na produção desses dados com visitas e conversar com eles(as) sobre o tema, o que achavam de uma pesquisa para falar a respeito dos seus ofícios e se aceitariam participar da pesquisa para salvaguardar o patrimônio cultural imaterial para ser transmitido de geração para geração. Convite aceito, iniciaram-se as entrevistas com as benzedeadas, benzedores, rezadeiras ialorixás e raizeiros das cidades de Viçosa e Ponte Nova (MG). Ao todo foram realizadas 10 entrevistas: com cinco mulheres e cinco homens mais os benzidos.

Trata-se de uma pesquisa que tem a história oral como foco, a partir de entrevistas semiestruturadas. É importante ressaltar que as mulheres e homens pesquisados são agentes ativos e ativos desta história, construída de modo dialógico com esta pesquisadora. Comecei a conversar com os participantes da pesquisa aqui de Viçosa e de Ponte Nova para saber se eles aceitavam fazer parte deste estudo. Com as pessoas que aceitaram, marcamos as gravações e já aplicamos os questionários.

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (PIRES, 2019, p. 32).

Os roteiros dos questionários e das entrevistas<sup>1</sup> foram elaborados para subsidiar a pesquisa e construir variáveis qualitativas sobre o perfil desses novos atores sociais, mediante visitas e rodas de conversas. Assim, podemos conhecer suas histórias, memórias e compreender suas identidades e pertencimentos desses saberes ancestrais.

As minhas “escrevivências” surgem a partir de conhecer as autoras Conceição Evaristo, professora Maria Simone Euclides, professora Yone Maria Gonzaga e a Profa. Nilma Lino Gomes, que me despertaram o interesse pela escrita e mostraram que as nossas escrevivências merecem ser escritas, lidas e também despertar o interesse pela escrita de meninas negras. Também foi feito um roteiro de gravações organizadas com dias e horários marcados com os participantes e baseadas nas conversas com as perguntas pontuais, sempre

---

<sup>1</sup> Os roteiros encontram-se nos Apêndices II a IV.

com a preocupação de manter o respeito aos participantes. Foram realizadas entrevistas tanto com as benzedoras, benzedores, rezadeiras, ialorixás e raizeiros quanto com as pessoas que procuram a cura por meio destas/destes protagonistas do sagrado.

O conceito do que seja o sagrado difere de pessoas para pessoas, de religião para religião e de cultura para cultura, ou seja, as pessoas cultuam o sagrado de acordo com o entendimento e os valores de cada um. Por exemplo, para os católicos a igreja é um templo sagrado, enquanto para os iorubás e umbandistas os terreiros são um templo sagrado.

Dialogando com o sacerdote Iorubá Babá King: cada um cultua o sagrado da maneira que aprendeu e com os recursos de que dispõe. Ignorar esta verdade é ignorar a história, a geografia e a conjuntura socioeconômica e demográfica das expressões religiosas, além de desrespeitar o espaço, a inteligência e a fé das pessoas. O ignorante desrespeita tudo e a todos, mas o bom religioso cultiva o bom caráter, o bom comportamento, a saúde, a longevidade, os valores civilizatórios e outras bênçãos (Babá King, 2023).

Ainda nesse contexto da metodologia, busco falar um pouco da história oral, haja vista que esta pesquisa trabalha com a história oral. A história oral consiste nas histórias, memórias, identidades e cultura de um indivíduo, de um povo que são transmitidas de geração para geração, com o objetivo de registrar e preservar essas memórias ou informações de fonte primária que pode ser disponível ao público. A metodologia é baseada em entrevistas, bem elaboradas, que visam preencher lacunas que documentos oficiais não permitem.

Segundo Albert (1990):

O programa de história oral tem como finalidade complementar e enriquecer os dados históricos contidos nos arquivos, contribuindo para uma visão mais completa e integrada da história política contemporânea. [...] o material dos arquivos tem uma peculiaridade: a informação nele contida chega ao pesquisador de maneira desigual e descontínua [...]. Os dados de entrevista, ao contrário, constituem um todo coerente e apresentam uma lógica própria, definida em função das histórias de vida, dos objetivos da investigação e da instituição que a promove. [...] Os dados de entrevista foram, inicialmente, utilizados como meio de esclarecer controvérsias e fatos obscuros contidos nos documentos dos arquivos [...]. No entanto, [...] a enorme riqueza e diversidade dos dados obtidos por entrevista induziram o Setor de Pesquisa a desdobrar-se e a constituir, de maneira autônoma, o seu arquivo sonoro, com o objetivo de diversificar as fontes de informação referentes à história contemporânea brasileira (CPDOC *apud* ALBERTI, 1990, p. 2).

O método da história oral é muito usado por pesquisadores, historiadores e cientistas políticos etc. Por isso, busquei dialogar nesta pesquisa com os textos de Verna Albert e Lucília de Almeida Neves Delgado devido ao fato de ambas trabalharem com a história oral, abordando a importância desta história, a memória, o tempo e a identidade, além de mostrar a

importância de trabalhar com entrevistas, pois estas visam salvaguardar este patrimônio cultural imaterial que são as benzedeadas, benzedores, rezadeiras, ialorixás e raizeiros.

E, para finalizar, atualmente não há uma lei que conceda a carteira e regulamenta o ofício de benzedeadas, por isso fui à procura de um vereador que pudesse me auxiliar nesse pleito. Assim, nesta pesquisa houve a participação do vereador Bartomélio, do Partido dos Trabalhadores (PT-Viçosa, MG). Fui ao gabinete dele e entreguei um Projeto de Lei 1401/2010 do Município de Rebouças, no Paraná, em que as benzedeadas daquele município haviam sido reconhecidas. Por meio desse Projeto, essas mulheres conseguiram o “Certificado de Agente de Saúde Popular”.

Em julho de 2021, participei da construção da Troca de Saberes desde as primeiras reuniões para “A Concretização Efetiva da Troca de Saberes”, evento organizado – *online* devido à pandemia – pelo grupo Educação do Campo (ECO) da UFV, com a participação dos professores da Educação do Campo. Foi durante o evento que tivemos contato com as benzedeadas paranaenses de Rebouças, que nos relataram as experiências delas para conseguir o processo de certificação e a Lei nº 1401/2010.

A partir dessas conversas surgiu a ideia de solicitar uma audiência pública para falar do tema benzedeadas e da possibilidade da implementação da Farmácia Viva pelo SUS. Isso porque um projeto de pesquisa deve ter a finalidade de ajudar no desenvolvimento da comunidade, salvaguardando os valores ancestrais das benzeções e das folhas de chás das mestras e mestres dos saberes populares. A realização de uma Audiência Pública ocorre no seu lugar de fala, onde é a casa do povo que luta para ter vez e voz numa sociedade que sempre o discrimina, embora esse povo sejam pessoas que só buscam fazer o bem para toda a comunidade com os seus saberes.

#### **1.4 Caracterização das benzedeadas, benzedores, rezadeiras, ialorixás e raizeiros**

Nesta pesquisa, trabalhei com cinco mulheres e cinco homens, em que cada benzedeadas ou benzedor tem o seu jeito próprio de benzer, se vestir e rezar. Com idades que variam de 22 a 80 anos, cinco moram na zona rural e cinco na zona urbana. Como exemplo, citamos a Ialorixá Íyá (a Martha D’Ógúm), mulher branca, de cabelos pretos e lisos, candomblecista que, quando está nas atividades da roça (terreiro) – no Candomblé se fala roça –, usa os fios de contas do orixá dela; usa também um turbante, que pode ser branco ou colorido. No candomblé, não se cultuam imagens, mas, sim, as forças da natureza para pedir a Iemanjá que vá ao mar e para pedir que o orixá Oxum vá à cachoeira. Além disso, no candomblé, quando uma pessoa vai procurar uma Ialorixá, é preciso passar primeiro pelo jogo de búzios, que é

marcado com a Ialorixá. Depois que são jogados os búzios para a pessoa é que a Ialorixá vai dizer as orientações que os búzios trazem para ela, ou seja, o que será preciso fazer para melhorar a vida da pessoa. Ela responderá e, pelas respostas, a pessoa vai ser orientada sobre o que precisa fazer para melhorar sua vida ou fazer a limpeza pelo Bori (limpeza). Melhor dizendo, no candomblé se tem a preocupação de cuidar do *ori* para que retorne o seu equilíbrio e de seus ancestrais.

Segundo Yone Gonzaga (2018), na atualidade, no candomblé existe uma luta para visibilização dos povos de axé, com orientações, inclusive, para responder ao censo demográfico. É preciso saber quem são, onde vivem e em que condições, pois somente assim vamos conseguir garantir o acesso às políticas públicas (GONZAGA, 2018, p. 2).

A Mãe Du é umbandista e trabalha com a entidade chamada “Vó Cambinda”, assentada numa cadeira perto de uma mesa com um copo de água e uma vela acesa sobre a mesa, onde há várias imagens de santos católicos e imagens de entidades como pretos velhos, pretas velhas, Omolu, uma boneca com um bico na boca representando as entidades dos Erês. Ela atende as pessoas usando um vestido comprido branco, turbante branco, colares de várias cores e possui um vaso com a planta espada-de-são-jorge e a imagem de São Jorge.

Além disso, Mãe Du usa colares, chamados de guias, com várias cores representando as entidades que ela recebe. “Vó Cambinda” fuma cachimbo, corre a gira da pessoa, começa a explicar sobre os problemas que a pessoa está passando e a partir daí faz a “limpeza espiritual”, ou seja, retira os espíritos negativos que estão na pessoa e receita banhos de descarrego.

Observando a caracterização dessas duas mestras e guardiãs desses conhecimentos ancestrais, nota-se uma diferença na forma de benzimento, de vestir-se, na utilização das folhas e na receita de banhos, mas assemelha-se na forma de proteger e salvaguardar a religiosidade da matriz africana – este Patrimônio Cultural Imaterial.

Seguindo o pensamento de Mauss (1994), as diferenças no uso dos utensílios é que as técnicas elementares diferenciam de acordo com cada terreiro no caso da Umbanda e do Candomblé mesmo que cada religião tenha suas regras e tradições (MAUSS, 1994, p. 344).

No terreiro de dona Nelsa e do senhor Cristiano, em Ponte Nova, ela que também é umbandista, possui uma mesa com uma toalha branca dividida em três altares, em que no centro fica a imagem de Nossa Senhora Aparecida, no lado direito a imagem de Iemanjá e no lado esquerdo a imagem de São Jorge Guerreiro; ainda na mesa há várias imagens de caboclo,

pretos velhos e pretas velhas e Cosme e Damião. Diante da imagem de Iemanjá há uma vela azul acesa e diante das imagens dos pretos velhos uma vela branca também acesa.

No terreiro de Pai Pequeno (também conhecido como Mestre Garnizé), que é umbandista, observei que no altar do terreiro há somente imagens de entidades da umbanda. Segundo ele, a religião dele é a umbanda e não mistura com elementos católicos.

As práticas afro-religiosas sempre foram estigmatizadas no Brasil, “estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio” (NOGUEIRA, 2020, p. 35).

Diante dessa noção, podemos observar que a intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras funciona como um mecanismo de manutenção de poder, tentando deslegitimar toda e qualquer crença que não tenha como base o cristianismo (LIMA, 2020, p. 274).

Pai Pequeno, ao não aceitar elementos do catolicismo, está se rebelando contra a forma de opressão imposta aos seus ancestrais para cultivar sua religião.

O senhor Silvio, que é um médium kardecista, benze com os passes espirituais por meio da imposição das mãos; esses passes são ministrados na casa espírita. Ele tem mediunidade intuitiva relacionada às ervas medicinais e aos chás. Já o senhor Saulo benzia com o Método Biodigital, que consiste na investigação e tratamento naturais a partir das plantas medicinais, por mais de 20 anos e, atualmente, não benze mais por conta da idade, mas continua fazendo chás e tinturas. Finalizamos nossa caracterização falando sobre duas rezadeiras católicas, uma de Viçosa-MG e outra de Ponte Nova-MG.

A dona Nair, moradora do Bairro Nova Viçosa (Viçosa, MG), benze quebranto, mau-olhado, com um copo d'água, onde ela vai colocando palitos de fósforo e eles afundam; reza com o terço na mão orações católicas, como pai-nosso, ave-maria etc. Para iniciar um benzimento, ela segura a imagem de Nossa Senhora Aparecida, faz um sinal da cruz e começa a rezar a pessoa. No caso de dona Esther, moradora da cidade de Ponte Nova, que também é rezadeira católica e benze com orações católicas dor de cabeça, quebranto, mau-olhado e pessoas com o pé destroçado.

Um elemento em comum encontrado entre os instrumentos de benzimento foi a vela utilizada tanto nas religiões de matrizes africanas quanto na religião católica.

Outro ponto interessante a ser comentado é que os terreiros não possuem uma organização centralizada de seus templos, cada terreiro possui autonomia. A organização é estruturada em sua própria hierarquia e na autoridade religiosa do sacerdote. Essa estrutura de organização dos templos afro-religiosos é visivelmente diferente da estrutura da Igreja

Católica, onde há uma estrutura centralizada e seguindo uma burocracia institucional (LIMA, 2020, p. 274).

Ainda dentro dessa caracterização, no Quadro 1 é apresentado o perfil geral dos entrevistados, em que foram utilizados os seus nomes verdadeiros, com a devida autorização deles. O quadro do perfil com os interlocutores da presente pesquisa foi adaptado daquele elaborado na dissertação de Paulo Marcos de Andrade (ANDRADE, 2019, p. 15).

**Quadro 1** – Perfil geral das(os) benzedeadas(os) entrevistadas(os) em Viçosa (MG) e Ponte Nova (MG)

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Cor</b>	<b>Religião</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Residência</b>
Luiz	60	Masculino	Preto	Umbandista Maloco	Ensino Fundamental	Funcionário Público	Zona Urbana
Nair	77	Feminino	Preta	Católica	Ensino Fundamental	Cozinheira	Zona Urbana
Rita	67	Feminino	Branca	Espírita Kardecista	Ensino Médio	Aposentada	Zona Rural
Saulo	79	Masculino	Branco	Evangélico Metodista	Curso Profissionalizante	Aposentado	Zona Rural
Silvo	68	Masculino	Preto	Espírita Kardecista	Ensino Superior	Aposentado	Zona Urbana
Maria do Carmo	62	Feminino	Preta	Umbandista	Ensino Fundamental	Benedeira	
Dona Esther	70	Feminino	Preta	Católica	Ensino Fundamental	Dona de Casa	Quilombo Urbano
Dona Nelsa	77	Feminino	Branca	Umbandista	Ensino Fundamental	Benedeira	Zona Rural
Martha	60	Feminino	Branca	Candomblecista	Ensino Superior	Chefe de Cozinha	Zona Rural
João	57	Masculino	Branco	Espírita Kardecista	Ensino Superior	Técnico de Som	Zona Urbana

**Quadro 2** – Perfil geral das(os) participantes entrevistadas(os) em Viçosa (MG) e Ponte Nova (MG) que procuram as(os) benzedeiras(os), rezadeiras(os) e raizeiros(as)

Nome	Idade	Sexo	Cor	Religião	Escolaridade	Ocupação	Residência
Luciano	46	Masculino	Preto	Umbandista	Ensino Médio	Auxiliar de Cozinha	Zona Urbana
Adriana	41	Feminino	Branca	Evangélica	Ensino Fundamental	Do Lar	Zona urbana
José	72	Masculino	Branco	Católico	Ensino Fundamental	Lavrador	Zona Rural
Aloisio	23	Masculino	Pardo	Espírita	Ensino Médio	Autônomo	Zona Rural
Eliza	54	Feminino	Parda	Católica	Ensino Fundamental	Dona de Casa	Zona Urbana
Anderson	35	Masculino	Branco	Católico	Ensino Superior	Técnico de Som	Zona Urbana
Ana	22	Feminino	Branca	Católica	Ensino Superior	Fotógrafa	Zona Urbana
Bartô	36	Masculino	Preto	Católico	Ensino Superior	Professor	Zona Urbana
Matheus	23	Masculino	Branco	Ateu	Ensino Superior	Professor	Zona Urbana

A partir das entrevistas e do caderno de campo, foi analisado todo o material e buscou-se dialogar com as informações colhidas nas entrevistas, que foram transcritas e comparadas entre elas e também com os materiais bibliográficos. Para produzir esta dissertação, buscou-se também trabalhar com as análises das informações coletadas. Para fazer a análise dos dados, procurou-se trabalhar com autores/autoras que estudam saberes culturais de benzedeiras, benzedeiros, rezadeiras, ialorixás e raizeiros.

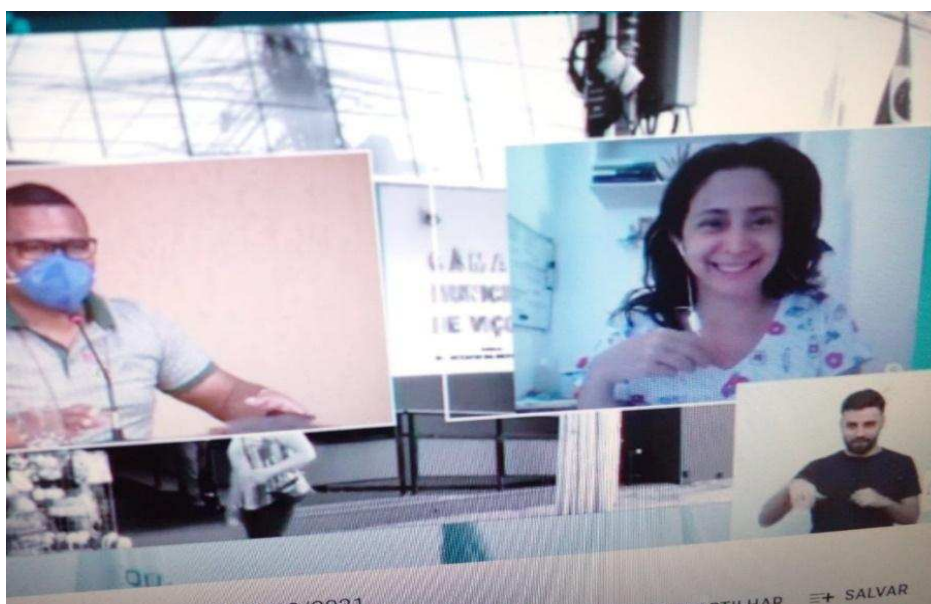
## CAPÍTULO 2 – BENZEÇÃO: SURGIMENTO, MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SABERES

No Brasil, ainda conforme Cunha (2018), observa-se que desde o Período Colonial, devido à falta de médicos, havia mulheres conhecidas como parteiras, benzedoras, rezadeiras e raizeiras, conhecedoras dos saberes populares e das propriedades terapêuticas das ervas que cultivavam em suas casas. Elas juntavam a fé e suas orações com as forças da natureza, com o propósito de curar os males do dia a dia de suas comunidades e também as enfermidades que acometiam algum familiar. Ainda no contexto colonial, outros fatores ajudaram na propagação dessas atividades, entre eles:

A extensão territorial da colônia, a falta de lucratividade da profissão, a péssima fiscalização do exercício profissional e do comércio das drogas medicinais, as lamentáveis condições sanitárias e hospitalares, e compreende-se por que mulheres detentoras de um saber-fazer autêntico sobre doenças e curas tomaram a frente nos tratamentos capazes de retirá-las e suas famílias das mãos da medicina que não se mostrava competente para curar mazelas e doenças de qualquer tipo (PRIORE *apud* CUNHA, 2018, p. 20).

Segundo Cunha (2018), as mulheres da Idade Média, conhecedoras do uso das plantas e ervas, sabiam manipulá-las e realizavam essas práticas que eram vistas como de “domínio exclusivo da medicina tradicional e do Clero, uma vez que a doença era vista como punição divina, razão por que elas passaram a ser sistematicamente perseguidas pelo poder eclesiástico e pelas autoridades médicas do Período Colonial”.

**Figura 11** – Dra. Ursula, Médica Sanitarista



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Terminologias como curandeiras, rezadeiras e benzedoras são atribuídas ao ato de benzer, de acordo com o Professor José do Carmo Araújo, entrevistado desta pesquisa (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 18-11-2021). No entanto, assim como em outras pesquisas, utilizei aqui o termo benzedoras mesmo que “outras terminologias o equiparam às práticas de benzeção, havendo, em alguns contextos, aspectos que as diferenciam uma das outras” (CUNHA, 2018, p. 20).

Segundo a Dra. Ursula Catarina, que é Médica Sanitarista, foi um grande passo para Viçosa-MG “trabalhar na perspectiva da construção de uma lei que reconheça os saberes populares e trazer isso para dentro do Sistema único de Saúde (SUS)”.

Apesar de isto ter acontecido lá traz na 8ª Conferência de Saúde e toda sementinha foi plantada a gente tem que se questionar porque é preciso fazer uma lei para falar sobre os fitoterápicos e para legitimar as curandeiras, rezadeiras, benzedoras e raizeiras se elas sempre detiveram estes saberes porque é preciso fazer uma lei para legitimá-las enquanto detentoras destes saberes. Se isto está na história da própria construção da medicina (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 13-09-2021).

Se formos pensar bem, principalmente em Viçosa (MG), “tem mais farmácia do que boteco”, e nenhuma delas precisou de autorização especial para abrir, mas, em se tratando dos fitoterápicos ou das benzedoras, vem a necessidade de se criar uma lei.

O uso de plantas medicinais, conhecido hoje como, fitoterapia, sempre esteve presente ao longo de toda a história da humanidade. As origens dessa prática terapêutica datam dos primórdios da espécie humana (ALMASSY JÚNIOR, 2013, p. 19).

O uso de plantas medicinais, com finalidades terapêuticas, prática amplamente disseminada na população brasileira, foi regulado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) a partir de 2013(4). Essa Agência definiu planta medicinal como espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos (4) e criou legislação específica sobre a matéria. Desse modo, os processos de preparo, dispensação e armazenamento dos medicamentos fitoterápicos estão regulamentados no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) (ANVISA, 2013).

## **2.1 Memórias, histórias e saberes de benzedoras, rezadeiras e raizeiros**

As memórias, histórias e saberes das benzedoras, benzedores, rezadeiras, ialorixás e raizeiros vêm dos conhecimentos ancestrais passados de geração para geração. Além da necessidade de manter vivos esses saberes populares, existem as relações do benzimento com o uso das ervas medicinais, em que se busca ainda auxiliar no cuidado da saúde da população

menos privilegiada que não dispõe de um plano de saúde ou de bons hospitais. É aí que entram nossos mestres e mestras dos saberes populares.

De acordo com Ferreira e Siqueira (2021, p. 1), não temos como determinar exatamente desde quando essas mulheres começaram a exercer a prática da medicina, desenvolvendo diversas formas de atenção à saúde, por meio da alimentação equilibrada e do trato com a higiene e com “os males espirituais do corpo e da alma”.

Outro fator importante que liga a mulher a essa prática da medicina é a maternidade, em que encontramos a forte presença das benzedadeiras e das parteiras, que acabam criando laços profundos com toda a comunidade. As benzedadeiras, rezadeiras e parteiras assumem papéis importantes até mesmo de conselheiras.

Quando dialogamos com o descaso do Estado para com a saúde da população, é possível perceber que a medicina popular está de forma peculiar ligada às nossas memórias ancestrais e culturais. Memórias de um povo que, por falta de atendimento médico e de políticas públicas de assistência à saúde, pelo descaso do Estado e pela falta de recursos financeiros para a área da saúde, recorre aos saberes populares, ou conhecimentos ancestrais, como chás, banhos de descarrego, e às benzedadeiras, benzedeiros, rezadeiras e raizeiros. Em busca de cura para seus males, as pessoas passam a procurar as benzedadeiras, e aí surgem as benzeções. A partir dessa narrativa, conclui-se que não foi com as rezas da igreja que aprendemos a curar, mas, sim, com plantas e ervas e as benzeções. E aí compreendemos a importância destas três últimas para a comunidade em geral, bem como a importância da preservação dos conhecimentos passados pelas benzedadeiras, benzedeiros e ialorixás.

Outro ponto fundamental que não podemos deixar de salientar é o dia 27 de outubro, em que se comemora o Dia Nacional de Mobilização da Saúde da População Negra, criada pela rede de controle de saúde social do Ministério Público, tendo como intuito levar os profissionais da saúde a refletir sobre a saúde dessa população, sobre o racismo e como isto incide sobre a saúde mental e sobre as desigualdades étnico-raciais no racismo institucional. Essa data é de suma importância para que possamos discutir os efeitos nocivos do racismo estrutural e institucional sobre a população negra na sua forma clínica, no que diz respeito ao atendimento desses serviços de saúde para além de promover a equidade, o equilíbrio e justiça na produção da saúde de diferentes grupos sociais.

Conclui-se que, para implementar a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, é preciso que gestores, movimentos sociais, movimentos negros, Conselhos de Saúde e profissionais do SUS busquem melhorias nas condições de saúde dessa população a partir do

conhecimento de suas vulnerabilidades e do reconhecimento do racismo como determinante social em saúde.

## 2.2 As benzedeadas e a medicina popular no Brasil

O Brasil é um país constituído por diversas culturas trazidas por diferentes povos que foram trazidos de forma violenta para cá, deixando aqui suas contribuições, como os povos africanos que ajudaram na construção do país e colaboraram significativamente para que hoje podemos encontrar na memória e história dos nossos antepassados conhecimentos que foram transmitidos de geração para geração pela fé. E comprovamos isso por meio das benzedeadas com suas rezas, benzeções, chás e banhos de descarrego etc. Também podemos encontrar essas contribuições na culinária, na dança, na agroecologia, nas lutas e resistência do povo negro contra o racismo e a intolerância religiosa, entre outros legados trazidos para o Brasil pelo povo africano.

Em Minas Gerais, especificamente no interior, ainda é comum encontrarmos benzedeadas(os), rezadeiras, ialorixás e raizeiros que são procurados quando o indivíduo percebe que sua vida vai mal, seja na parte financeira, seja na parte amorosa, quando não encontra trabalho ou a saúde não vai bem.

Outro ponto interessante que podemos observar na atualidade é a existência de muitos pontos em comum entre a religião e a medicina, como os hospitais (Figuras 12 e 13) que trazem os nomes de santos católicos, como São Sebastião e São João Batista.

Percebe-se também alguma semelhança no que diz respeito à comercialização entre a religião e a medicina, a exemplo de artigos religiosos, medicamentos, banhos e velas. A medicina é aprendida nas academias, e os conhecimentos das benzedeadas são passados de geração para geração pelas nossas ancestrais. Segundo uma pesquisa socioeconômica e cultural dos povos e comunidades tradicionais de terreiros:

A economia do axé é uma rede econômica que merece todo apoio do Estado, primeiramente para fazer justiça de séculos pelos povos de santo; em segundo lugar, porque ela é exemplo de sustentabilidade econômica e, a partir dela, é possível construir outro modelo de crescimento e desenvolvimento econômico, mas harmônico que o modelo cego, predador do meio ambiente e desagregador dos laços comunitários que predomina no Brasil (CARVALHO *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 42).

No passado, a religião católica e a medicina compartilhavam espaços e andavam juntas. É comum encontrarmos nos hospitais imagens de santos ou, mesmo, hospitais

recebendo nomes de algum santo. Em Viçosa (MG) temos o Hospital São Sebastião e o Hospital São João Batista homenageando os santos da Igreja Católica, ou seja, existe a ligação entre a medicina e a fé. As imagens da figura dos dois hospitais deixam clara essa ligação.

**Figura 12** – Entrada do Hospital São Sebastião, em Viçosa-MG



Fonte: Arquivo do Jornal Folha da Mata, 2010.

**Figura 13** – Hospital São João Batista, em Viçosa MG



Fonte: Arquivo do Jornal Folha da Mata, 2010.

Foi possível perceber a compreensão da existência dos males de ordem espiritual que podem acometer o indivíduo de problemas físicos e psíquicos e que os tratamentos para esses males podem vir das benzeções, das rezas, dos banhos de descarrego, dos passes com os fluidos terapêuticos<sup>2</sup> etc. Como disse Pai Manoel: “onde os moços de roupa branca (médicos) não chegam, os guias chegam”.

O povo negro herdou de seus ancestrais africanos e dos povos indígenas os conhecimentos sobre o uso das ervas medicinais utilizadas como aliadas na cura dos problemas de saúde, como faziam, e fazem, as benzedeadas, benzedeiros, rezadeiras, raizeiros e lalorixás etc.

É importante destacar também que essas mulheres, muitas vezes, morreram porque detinham esses conhecimentos a respeito das ervas medicinais e sabiam como manipulá-las.

Segundo Cunha (2018),

No período colonial, as benzedeadas, rezadeiras, benzedeiros e parteiras eram as substitutas dos médicos, que eram raros principalmente nas zonas rurais. Detentoras destes saberes empíricos referentes às propriedades medicinais das ervas, mesclavam fé, orações e palavras sagradas em busca da cura das enfermidades incapazes de serem curadas pelos cuidados dos escassos médicos da Colônia (CUNHA, 2018, p. 27).

Percebe-se, então, nessas narrativas que durante o Período Colonial, quando os avanços científicos da medicina permaneciam distantes dos conhecimentos eclesiásticos, segundo os quais as doenças estavam ligadas aos castigos pelos pecados cometidos, e essa confusa visão dos padres e médicos foi alcançando o imaginário da população, que acreditava que as doenças eram fruto das más condutas.

Para Cunha (2018, p. 28), existia uma ligação entre a medicina e a religião quando o caso eram as doença e as práticas de curas, isso na visão da Igreja Católica. Melhor dizendo, na visão da Igreja, se o indivíduo ficasse doente, isso era visto como uma forma de castigo e punição divina, sendo a cura compreendida como o equilíbrio entre o corpo e a alma. Então, por meio dessa discussão entre a Igreja e a medicina sobre a origem das doenças e as formas de cura, ambas começaram a se sentir ameaçadas com as práticas de curas utilizadas pelas benzedeadas, benzedeiros, rezadeiras e raizeiros, que se tornaram vítimas de perseguições por parte do poder eclesiástico e pelos médicos.

<sup>2</sup> De acordo com o Folheto Fluidoterápico do Centro Irmã Scheil estudado por Carvalho, “Fluidoterapia é o tratamento feito através da doação de fluidos, mediante a aplicação de passes e uso de água fluidificada, tendo a oração ou prece como elemento fundamental. Visa proporcionar equilíbrios psíquico, emocional e físico”. Passe “é uma transfusão de energias psíquicas e espirituais revitalizadoras. É um ato de amor exemplificado por Jesus”. Água fluidificada é a água energizada por fluidos revitalizadores. “Tanto o passe como a água fluidificada atuam no corpo e no espírito, produzindo bem-estar” (CARVALHO, 2017, p. 10).

Cunha afirma que, Segundo Del Priore (*apud* CUNHA, 2018),

por desenvolver um importante papel no âmbito da saúde, a figura das benzedeadas sempre gozou de prestígio social. Como bem aponta Del Priore (2001, p. 92), “apesar das tentativas da igreja para se tornar o médico das almas e dos corpos dos pecadores- doentes, curandeadas e benzedeadas eram consideradas da maior importância no contexto comunitário, inspirando epigramas cheios de temor e respeito (CUNHA, 2018, p. 28 *apud* PRIORE, 2001, p. 92).

Mesmo as benzedeadas, benzedeados e raizeiros tendo seus conhecimentos ancestrais de plantas e das ervas medicinais de forma empírica, no que se refere às suas propriedades curativas, esses saberes não diferenciam do conhecimento erudito (DEL PRIORE *apud* CUNHA, 2018, p. 28). São saberes ancestrais passados de geração para geração cheios de significados, sentidos e simbologias, a exemplo de patuás, colares, terços, rezas, orações, chás e simpatias.

Além disso, os tratamentos alternativos utilizados pelas benzedeadas consistem na emprego de plantas e ervas medicinais para a cura dos males do corpo e do espírito das pessoas que as procuram com conhecimentos ancestrais passados de geração para geração e suas formas de benzer

Silva e Nascimento (2019) afirmam que “as benzedeadas são cientistas populares porque são mulheres que detêm o conhecimento das plantas e ervas”, somando “a mística da religião e dos truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”. Ainda segundo essas autoras, “na atualidade as benzedeadas, benzedeados, rezadeiras, ialorixás e raizeiros têm uma contradição por parte da comunidade, mas ainda sofrem discriminação por exercerem seus saberes” (SILVA; NASCIMENTO, 2018, p. 29).

Conforme o texto de Cunha (2018):

As(os) benzedeadas(os), rezadeiras e raizeiros já foram muito hostilizados em várias épocas da nossa história, mas, porém, observa-se que atualmente existe uma grande movimentação no reconhecimento dessas práticas que tende a não entrar em conflito com a medicina oficial da qual elas também fazem uso, quando possível e necessário. Todavia, as benzedeadas acreditam que existem males de cunho sobrenatural que a medicina tradicional não consegue curar como por exemplo o mau olhado, quebranto, destrancado, energias negativas que na verdade são curados com as benzeções e as rezas no contexto das rezas populares, a utilização da medicina popular está baseada na experiência das rezadeiras a partir da utilização simbólica dos ramos, água e óleos. Os ramos usados nos rituais de cura são: *o pião roxo, a vassourinha*, ou qualquer outra planta que for cultivada no seu quintal. Na verdade, os ramos são símbolos que destroem o mal e têm a função de absorver a energia negativa impregnada no doente. Dessa forma, as rezadeiras, ao fazerem movimentos rápidos e compassivos em forma de cruz, envolvem todo o corpo do doente, num processo de “limpeza” e depuração (NASCIMENTO, 2010 *apud* CUNHA, 2018, p. 29).

Como bem lembrado por Cunha (2018), vivemos numa sociedade patriarcal e, mesmo assim, a presença da mulher no âmbito da cura da benzeção é predominante. Segundo Gomes e Pereira (*apud* CUNHA, 2018, p. 29), “a presença da mulher é marcante no mundo da crendice e é ela, numa maioria quase absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizar o mal”.

Outro dado importante a respeito das mulheres benzedoras, além de ter esses cuidados com as suas famílias relacionados à saúde, o parto era uma função atribuída às benzedoras que eram chamadas para fazer o parto das mulheres dos seus senhores. De acordo com Cunha (2018, p. 29), as parteiras que, muitas das vezes, também são benzedoras e, por isso, têm ligação muito forte com a comunidade.

O modo de curar por procedimentos naturais, como plantas e ervas, além de alimentos colhidos no próprio quintal, como verduras, frutas e legumes, vem desde os nossos ancestrais. Na antiguidade, as nossas mestras dos saberes populares, que sabiam manipular as ervas e possuíam o poder da benzeção, foram consideradas bruxas e condenadas à morte, sob a alegação de praticarem bruxarias com o benzimento.

Conforme ressalta Sabino (2009),

As práticas mito-mágicas e religiosas de cura que utilizam ervas, poções e adivinhações eram promovidas, principalmente, por afrodescendentes no Brasil e fazem parte da cultura dessa grande parcela de pessoas. Essas práticas, de um modo geral, foram dadas a ler, a ver e a conhecer por meio de um discurso catequista cristão-católico que as tratava com práticas bárbaras e atrasadas. Consideradas pela Igreja Católica como práticas demoníacas, magias “negras” e feitiçaria, e seus praticantes classificados como “curandeiros” ou “feiticeiros” os quais mantinham pactos diabólicos (SABINO, 2009, p. 13 *apud* PEREIRA, 2016, p. 25).

Analisando a afirmativa de Sabino (2009), percebe-se que o termo mais apropriado para falar seria sobre o racismo religioso em vez da intolerância religiosa e como esse preconceito prejudica a população negra em razão da violência sofrida pelo povo negro que professa a religião de matrizes africanas. É muito triste sermos demonizados por cultuar nossos orixás (SABINO, 2009, p. 13).

No Brasil, onde o atendimento à saúde é muito precário, principalmente para as pessoas mais humildes, que moram em vilas e zona rural, onde as pessoas ainda não têm acesso a médicos e hospitais, a atuação das benzedoras e parteiras ainda é muito comum. Já no meio urbano a participação das parteiras é muito rara, pois o desaparecimento delas no meio urbano está ligado à mercantilização da saúde juntamente com a formação de mais

médicos, e os avanços tecnológicos na área da medicina acabam por ocupar o lugar de hábitos e costumes de um povo.

Dialogando com Tanaka e Alvarenga:

A mudança de valores se dá em função do progresso científico da tecnologia e da visão dominante do mundo do médico que passa a hostilizar o ofício das parteiras como práticas irregulares, perdendo credibilidade na cidade. O saber da obstetrícia e da ginecologia se apresenta na sociedade moderna como uma lógica masculina, com enormes preconceitos em que a anatomia e a fisiologia predominam sobre a psique feminina e assim, o próprio corpo da mulher é visto como um canal de parto. Esta é uma prática médica determinante que despersonaliza a mulher em nome do saber e do avanço da medicina moderna (TANAKA; ALVARENGA, 1999, p. 201-202).

No meio rural, “a prática das benzeduras ainda é muito forte, muitas vezes se recorre à medicina tradicional (médicos, hospitais e remédios alopáticos), mas também se pede auxílio às benzedoras” (FERREIRA; SIQUEIRA, 2022, p. 2). É muito comum no Brasil as pessoas procurarem um médico, mas, quando não encontram solução para seus problemas de saúde, vão aos terreiros de umbanda ou candomblé em busca de cura e solução para seus problemas.

Para Ferreira e Siqueira (2021), “as benzedoras são mulheres que se dedicam a ajudar e curar a população com o auxílio de chás, pomadas, infusões e fé – É uma questão cultural”. É importante termos em mente que “cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual se deve procurar conhecer para que faça sentido às suas práticas, costumes, concepções e transformações pelas quais estas passam (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1 *apud* SANTOS, 1987, p. 8).

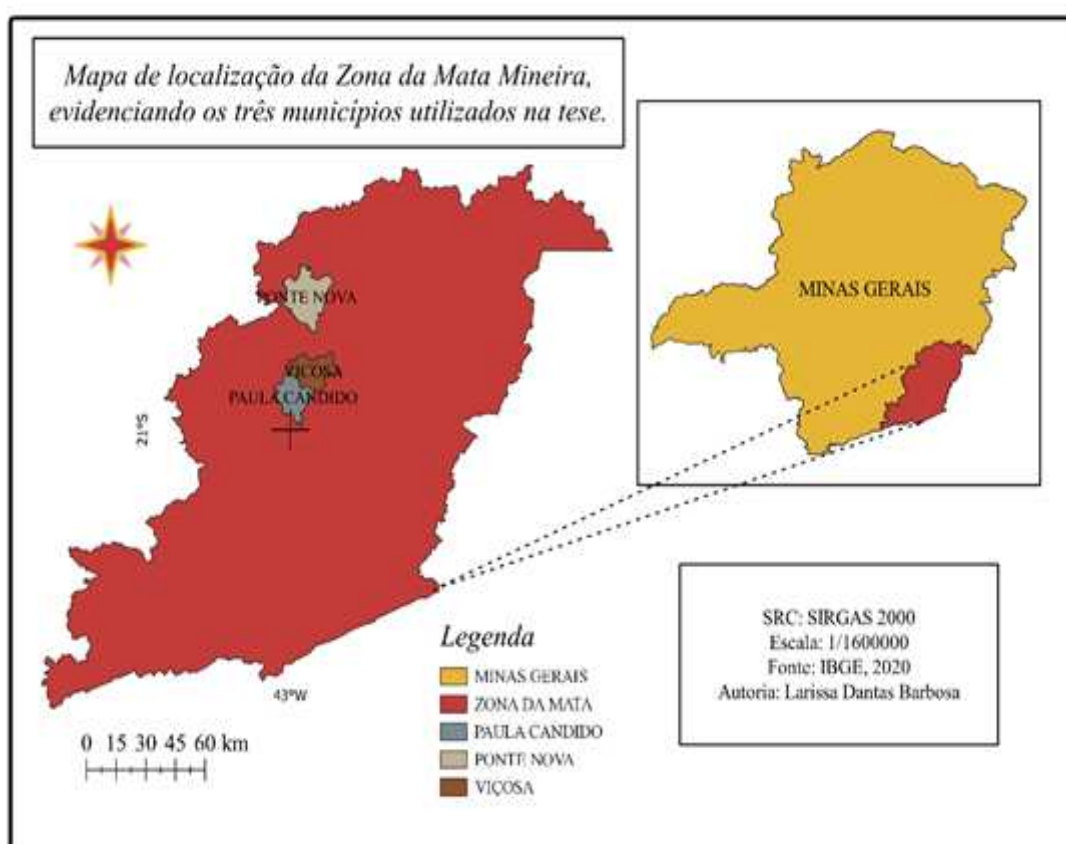
Para Nascimento (*apud* CUNHA, 2018), no que diz respeito à forma de apropriação da medicina popular,

no contexto das rezas populares, a utilização da medicina popular está baseada na experiência das rezadeiras a partir da utilização simbólica dos ramos, água e óleos. Os ramos usados nos rituais de cura são: o pião roxo, a vassourinha, ou qualquer outra planta que for cultivada no seu quintal. Na verdade, os ramos são símbolos que destroem o mal e têm a função de absorver a energia negativa impregnada no doente. Dessa forma, as rezadeiras, ao fazerem movimentos rápidos e compassivos em forma de cruz, envolvem todo o corpo do doente, num processo de “limpeza” e depuração (NASCIMENTO, 2010 *apud* CUNHA, 2018, p. 29).

### 2.3 Localização das benzedeadas das cidades mineiras de Viçosa e Ponte Nova

A cidade de Viçosa fica localizada na região da zona da Mata mineira, entre as Serras da Mantiqueira, do Caparaó e da Piedade. Viçosa destaca-se por ser uma cidade educadora e possui dois distritos: São José do Triunfo e Cachoeira de Santa Cruz. Limita-se ao norte com os municípios de Teixeira e Guaraciaba, ao sul com Paula Cândido e Coimbra, a leste com Cajuri e São Miguel do Anta e a oeste com Porto Firme (WIKIPÉDIA, 2021).

**Figura 14** – Legenda da Zona da Mata mineira evidenciando Viçosa, Paula Cândido e Ponte Nova



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Em relação ao clima de Viçosa, há dias em que nos apresenta as quatro estações no mesmo dia. Há dia que amanhece bonito com muito sol, depois à tarde chove, depois faz frio e mais à noite a chuva para – Essa é a cidade de Viçosa. Viçosa é conhecida como cidade educadora e acolhedora, pois quem vem para cá não quer mais ir embora, principalmente os que vêm para estudar. Seu município abriga grande diversidade de plantas nativas (IBGE, 2021).

A paisagem da cidade de Viçosa sofreu mudanças em sua paisagem natural com a construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) e foi federalizada em 15 de julho de 1969, passando a chamar-se Universidade Federal de Viçosa, adquirindo experiência em ensino, pesquisa e extensão.

Atualmente, a Universidade Federal de Viçosa (UFV) oferece 60 cursos de graduação e 48 programas de pós-graduação mais o Colégio Universitário (Coluni) de Ensino Médio Geral. Devido a esse desenvolvimento, Viçosa possui 77.502 habitantes e uma população flutuante de 20 mil pessoas que migram para Viçosa vindas de vários países e cidades (IBGE, 2022).

A cidade cresceu devido às demandas geradas pela UFV, e esse crescimento acabou por interferir na vida da população e contribui para a economia local e do país. A escassez de um planejamento urbano organizado com a criação de novos bairros gerou a exclusão da população mais socioeconomicamente vulnerável para a periferia, com dificuldade de acesso a bens e serviços essenciais.

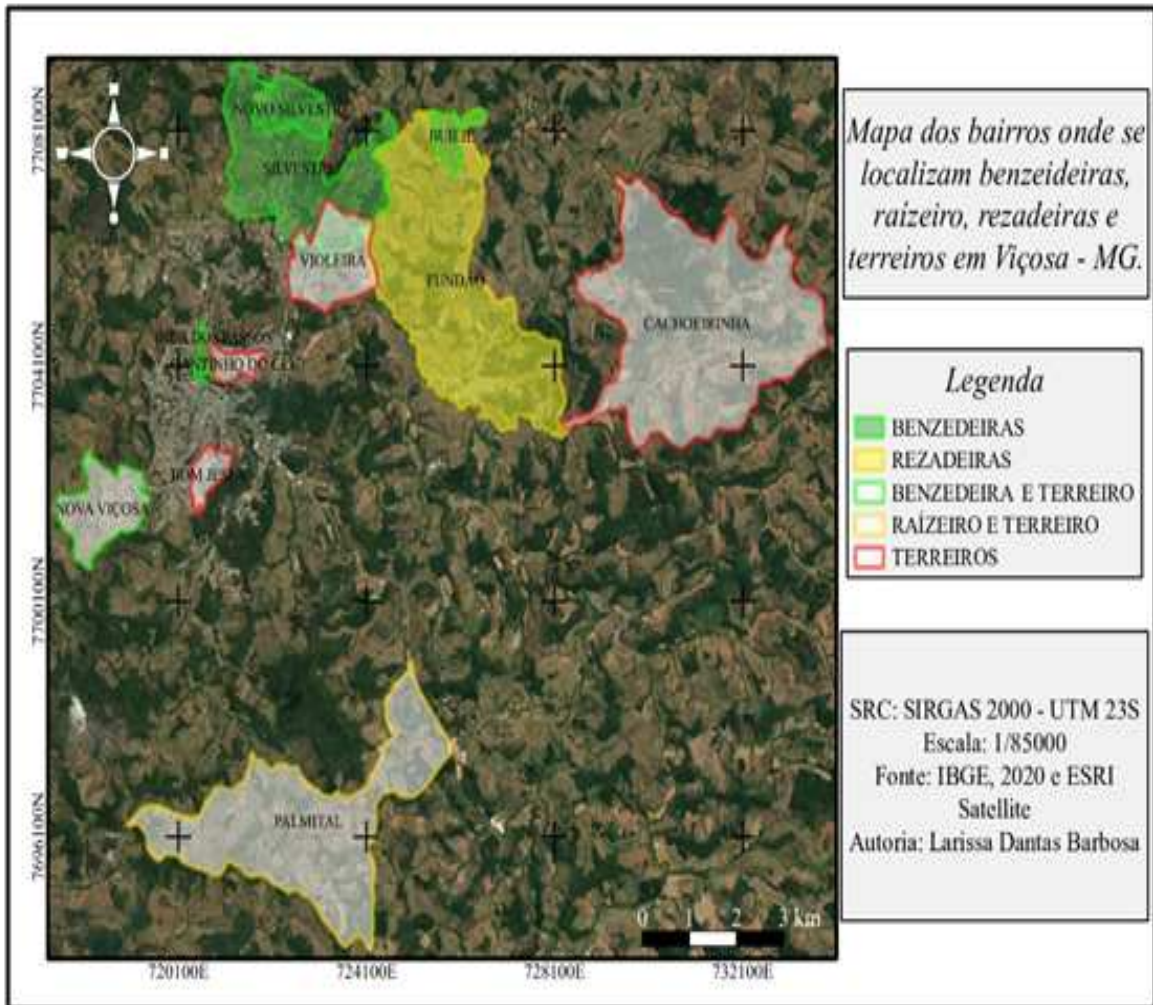
Os participantes desta pesquisa encontram-se nas zonas rural e urbana de Viçosa e de Ponte Nova, ou seja, são as benzedeiras, benzedeiros, rezadeiras, ialorixás e raizeiros, os quais as pessoas procuram com o intuito de serem benzidas e curadas dos seus problemas, sejam de saúde, sejam de ordem financeira ou amorosa.

Em Viçosa existe uma multiplicidade de religiões, crenças, doutrinas e filosofias. É nesse cenário que encontramos os nossos mestres e mestras dos saberes populares e ancestrais, como as benzedeiras, benzedeiros, rezadeiras, ialorixás e raizeiros. Como em todas as cidades mineiras, Viçosa não foge à regra, pois em diversos cantos da cidade temos esses mestres dos saberes exercendo o ofício de terapeutas da medicina popular.

Em Viçosa, as benzedeiras encontram-se nos seguintes bairros: Novo Silvestre, Silvestre, Violeira, São José do Triunfo, Cachoeira de Santa Cruz, Buieié, Córrego Fundo, Palmital, Nova Viçosa, Bom Jesus, Centro, Cantinho do Céu Rua e dos Passos. Além disso, há regiões da zona rural, como Córrego do Meio, em Airões/Paula Cândido, e da cidade de Ponte Nova, onde foram localizados benzedeiras, benzedeiros, rezadeiras, ialorixás e raizeiros, além das pessoas que os procuram para serem benzidas e curadas dos seus problemas.

As(Os) entrevistadas(os) da zona rural se encontram nas Comunidades de Palmital, Violeira, Cachoeira de Santa Cruz e Nova Viçosa. Os(As) urbanos(as) são do: Novo Silvestre, João Brás e Centro de Viçosa.

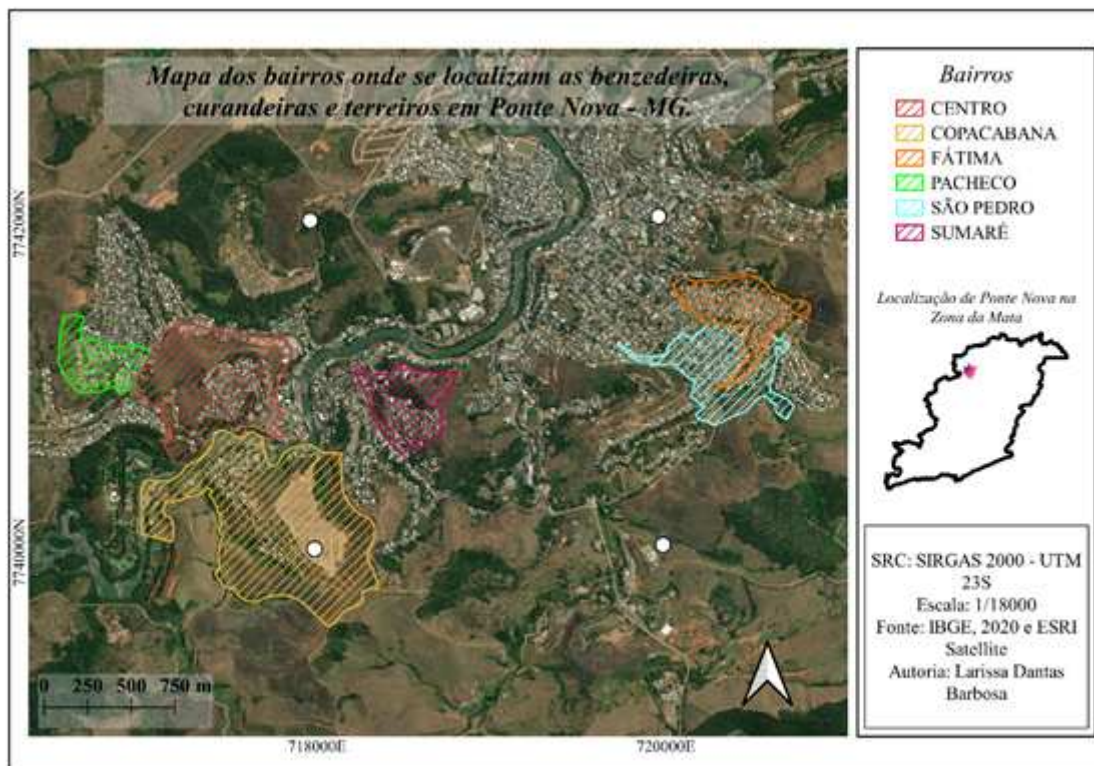
**Figura 15** – Legenda do mapeamento de benzedeiros(os) em Viçosa-MG



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

No que se refere à cidade de Ponte Nova, ela foi fundada em 12 de dezembro de 1770, portanto há 250 anos, e emancipada em 30 de outubro de 1866. Sua população estimada é de 57.361 habitantes. Conforme se observa na Figura 16, as benzedeiros, benzedeiros e rezadeiras entrevistados vivem tanto na periferia quanto na zona rural daquele município.

**Figura 16** – Legenda de onde se localizam as curandeiras, benzedeadas e terreiros em Ponte Nova-MG



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

As benzedeadas, benzedeados, rezadeiras, ialorixás e rezadeiras normalmente são mulheres e homens simples, já de mais idade, e algumas benzem com terço, outras pela evocação das entidades, também chamadas de orixás ou guias ou, mesmo, através da intuição ou com plantas etc.

De acordo com Ferreira e Siqueira (2022, p. 2):

As detentoras e detentores desses saberes, sempre tiveram a preocupação em preservar, proteger e transmitir esse conhecimento de cura, da medicina popular de geração para geração através da oralidade. Isso nos permite hoje ter esse contato com essas práticas e saberes, iniciados no Brasil Colônia alcançando os nossos dias atuais.

Em outras palavras, segundo os autores, “podemos encontrar essas infinitudes de saberes devido à importância da oralidade na transmissão desses saberes, que atravessaram gerações e se mantêm viva até hoje” (FERREIRA; SIQUEIRA, 2018, p. 2).

Esses autores destacam que se pode “constatar que as benzedeadas, ao mesmo tempo que constituem uma identidade coletiva, tendem a apresentar formas bastante individualizadas

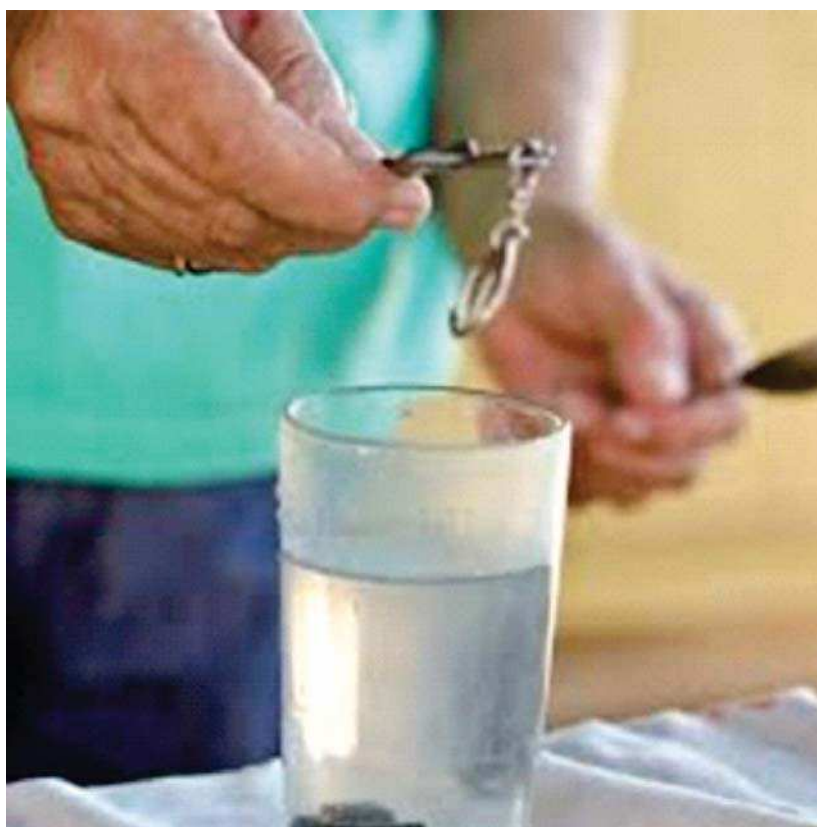
no seu fazer nos modos de benzer, em conformidade com a diversidade cultural de suas referências”.

Segundo esses mesmos autores, “em muitas cidades do interior do Brasil, a prática das benzeduras ainda é muito forte, muitas vezes se recorre à medicina tradicional (médicos, hospitais e remédios alopáticos), mas também se pede auxílio às benzedadeiras, benzedores rezadeiras, ialorixás e raizeiros”.

É necessário entender que as categorias que serão apresentadas

Tratam-se de rituais que se caracterizam por objetos, orações, expressões corporais, imposição das mãos relacionadas à cura, no intuito de eliminar os males espirituais do corpo e da alma da pessoa, como por exemplo as benzedadeiras que benzem com um copo de água e as brasas para retirar o mau-olhado, dor de cabeça, e o quebranto (FERREIRA; SIQUEIRA, 2018, p. 5).

**Figura 17** – Benzendo quebranto com copo de água



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Segundo Ferreira e Siqueira (2022), “os males espirituais alteram a saúde e trazem uma série de desequilíbrios para o corpo e quando a pessoa recebe um passe, um banho de descarrego ou somente uma reza feita pelos mestres destes saberes de cura restabelece a energia positiva do corpo da pessoa”.

Para Queiroz (*apud* FERREIRA; SIQUEIRA, 2022, p. 5), “o ‘mau-olhado’ é uma forma de inveja produzida com um olhar cobiçoso”. E “o sentimento que o acompanha teria o poder de enfraquecer o objeto da cobiça. Se for, por exemplo, uma planta, ela tenderia a se definhar; se for a sorte de uma pessoa, ela poderia passar a ter azar e, assim, por diante”.

Segundo Cascudo (*apud* CUNHA, 2022), o quebranto é referente às “influências exteriores malélicas do feitiço, do mau-olhado”. “É o feitiço por fascinação, a distância, sem a coisa feita, o ebô intermediário, a macumba ou a mandinga” (CASCUDO *apud* CUNHA, 2018, p. 94).

Diante do exposto, esta pesquisa visou trabalhar com a memória e identidade das benzedeadas, benzedeiros, rezadeiras, ialorixás e raizeiros e com a sua valorização como agente de saúde popular, mostrando a importância da cura a partir dos benzimentos, das folhas de chá, dos banhos de descarrego e das ervas medicinais, preservando os seus conhecimentos e saberes ancestrais. Além disso, a pesquisa contou com a participação de 10 pessoas, que foram entrevistadas com recorte de gênero e raça, que são as benzedeadas, os benzedeiros e os raizeiros, ou seja, cinco homens e cinco mulheres de diferentes faixas etárias e etnias, com a finalidade de observar a diferenciação entre as formas de benzimento de cada um desses novos atores sociais, se é com terço, arruda, invocação de entidades ou com o uso de outro tipo de ritual.

Nesta pesquisa, pretendeu-se estabelecer as relações entre memória, história, identidade e benzimentos, bem como suas funções na identificação das benzedeadas, benzedeiros, rezadeiras, ialorixás e raizeiros tradicionais, que adquiriram os conhecimentos passados de geração para geração nas cidades de Viçosa e de Ponte Nova, região da Zona Mata do Estado de Minas Gerais.

Segundo Lemos,

A benção realiza é um dos momentos mais importantes da medicina popular. Nela, os artificios e estratégias do saber popular, criados e recriados pela cultura popular rural, com os conhecimentos sobre plantas, banhos, receitas, chás, simpatias, massagens, escalda-pés, suadouros, garrafadas, medicamentos caseiros e às vezes até mesmo industrializados, se corporificam nas concepções terapêuticas da benzedeadas (LEMOS, 2010, p. 14).

## CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SABERES DE BENZEDEIRAS E BENZEDEIROS DE VIÇOSA E DE PONTE NOVA-MG

### 3.1.1 Maria do Carmo Viana: Omo de Omolu, Iemanjá e Oxalá – Mãe Du, moradora de Cachoeira de Santa Cruz/Viçosa-MG

Mãe Du, moradora do Distrito de Cachoeira de Santa Cruz, Município de Viçosa-MG, é praticante da religião umbandista, dirigente da *Casa de Caridade Vó Cambinda, da Fronteira da África* e do *Centro Cultural Dolores Ventura*. Ela tem 63 anos de idade e é mãe de quatro filhos (três mulheres e um homem) (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 5). Mãe Du benze com a invocação das entidades. Ela diz que aprendeu com a avó e com as benzedeadas que a avó as leva para benzer. Mãe Du benze crianças e adultos, faz benzeção nas casas que, às vezes, se encontram muito carregadas.

A partir da fala de Mãe Du, observa-se um aprendizado passado de mulher para mulher, em que se encontram cura e religião. Segundo Machado (1988, p. 240, “as benzedeadas ainda permanecem mesmo com todas as descobertas e avanços no campo da medicina e da indústria tecnológica e de medicamentos”.

Falar da cura pela via espiritual pode parecer um paradoxo em época em que a Biotecnologia se encontra tão avançada, em que um exame por ressonância magnética é capaz de vasculhar milímetros do corpo humano, em que a clonagem de animais é realidade e discussão ética. Entretanto, o fenômeno de persistência do curandeirismo pode ser relacionado ao fato de que o homem é um ser complexo - emocional e racional e, nesse sentido, a doença do corpo não resulta apenas de um fato físico, biológico. Além do que, a sua individualidade dimensiona sintomas e respostas diferenciadas às doenças e aos procedimentos médicos balizados (MACHADO, 1988, p. 240 *apud* SILVA, 2007, p. 123).

**Figura 18** – Benzedeadas e umbandistas, Maria do Carmo Viana (Mãe Du) benze com a invocação das entidades, como Vovó Cambinda (Viçosa-MG)



Fonte: Arquivo da pesquisadora 2021.

### Segundo Mãe Du:

No início ela era benzida pelas entidades e a minha primeira incorporação eu não tinha muita intimidade com a espiritualidade e sim com a benzeção (reza) desde criança, minha vó já benzia na brasa, levava a gente para benzer me aprofundei mesmo dentro da espiritualidade, aí eu não era benzida eu passei a ser benzedeira e com 13 anos de idade tive minha primeira incorporação daí para frente começou tudo mesmo sem entender nada a espiritualidade incorporava via e fazia as benzeções e com o passar do tempo fui aprendendo as rezas e aperfeiçoando e estou dentro da benzeção há 49 anos (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 5).

Observando a fala da Mãe Du, percebe-se que no início ela benzia com entidades, mas a partir dos 13 anos ela começa a benzer também com a incorporação dos guias espirituais. Ainda nesse contexto, encontramos fatores importantes, como o benzimento com brasa, outra forma de benzer vinda de conhecimentos ancestrais ele que foi aprendida e passada de geração para geração por mulheres.

Conforme Oliveira (1985):

A cura através dos benzimentos, rituais, símbolos, utilização de raízes e ervas são práticas cotidianas muito comuns na vida diária com o par saúde x doença e seus desdobramentos por constituírem - se ainda em uma alternativa que possui credibilidade por parte das pessoas que as praticam (OLIVEIRA, 1985, p. 62 *apud* SILVA, 2007, p. 124).

Assim reflete Oliveira: “a validade da medicina popular está ligada à eficácia de suas práticas junto à população e as estratégias manipuladas pelos próprios profissionais de cura sobre o seu trabalho” (OLIVEIRA, 1985, p. 62).

Mãe Du fala ainda que:

Todas as ervas são sagradas, todos os raminhos são sagrados e podem ser usados como ramo de benzeção né depende da situação, do lugar que você está, a hora da benzeção se você precisar do raminho qualquer um raminho que está do seu lado ele é sagrado ele serve para benzer (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Segundo Silva (2007), o uso de plantas medicinais vem de longe dos nossos ancestrais:

Essas práticas de benzedura e utilização de ervas medicinais são conhecimentos muito antigos que vão sendo recriados ao longo do tempo e nesta dinâmica constante de transmissão e recepção de saberes que não cessa nunca, há permanências, rupturas e apropriações no cotidiano. Como aponta Certeau (1994): “o homem inventa o cotidiano graças às artes de fazer, astúcias sutis, táticas de resistência pelas quais se alteram os objetos e os códigos, se reapropria do espaço e do uso a seu jeito” (CERTEAU, 1994, p. 4 *apud* SILVA, 2007, p. 16).

Segundo Mãe Du, os motivos que as pessoas a procuram para serem benzidas são vários, por exemplo: problemas de saúde, trabalhos feitos e malfeitos, macumbaria, feitiçaria e questões amorosas, financeiras e de justiça. Durante a pandemia da Covid-19, as pessoas a procuraram para entender melhor a questão de terem que fazer aquele repouso forçado, pois é preciso ter sabedoria e entendimento, e finaliza dizendo que não precisa ter religião específica para benzer e que é procurada por pessoas de diversas religiões (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Mãe Du ressalta ainda que as pessoas ficam sabendo sobre o seu trabalho de benzeção através da oralidade:

Uma pessoa benze, gosta e fala para outra, se você faz uma coisa boa é bem-vista e tem também as redes sociais, e devido o tempo de trabalho espiritual, o resgate ancestral, as visitas aos quilombos o trabalho dele acaba se propagando e não precisa de divulgação em jornal ou cartãozinho (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Voltando o nosso olhar para o próprio nome onde Mãe Du mora, Cachoeira de Santa Cruz, percebe-se que é uma comunidade onde a fé já predomina por um longo tempo, por isso quando ela fala que a aceitação na comunidade é tranquila por ser um local onde os seus ancestrais já realizavam essas práticas da benção. E a partir daí essa relação de líder espiritual faz que ela seja homenageada pelo reconhecimento dos serviços prestados à sua comunidade e às pessoas que a procuram. Ela ressalta que é preciso fazer um trabalho com a verdade de quem está benzendo, além da experiência de vários anos de benzeção.

A aceitação aqui na minha comunidade é muito tranquila, porque aqui é uma terra de Congo, terra de pessoas de Sabedoria Ancestral, tem alguma diversidade, mas aí temos que saber levar esta diversidade, não quer dizer que vai aceitar. Eu ganhei a medalha Tiradentes por ser líder comunitária aqui do bairro na ajuda com as benzeções, rezas com as ervas, chás e a ajuda na melhoria do bairro (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Segundo Mãe Du, o reconhecimento feito a ela pela comunidade lhe trouxe mais confiança para desenvolver o seu trabalho no bairro e para continuar ajudando as pessoas que precisam: “Foi muito gratificante e me deu mais coragem para continuar”. Ela explica que as pessoas que são pretas e vivem da espiritualidade, do resgate da ancestralidade, colocando “a cara para bater, querendo ou não acaba correndo até risco de vida por participar desses grupos de resistência” (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Percebe-se, então, que existe um laço entre estes três fatores: o seu “dom”, a sua “história” e as suas “memórias”, que nos fazem entender melhor a maneira como essas ligações interferem na cultura popular das benzedeadas (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

### 3.1.2 Dona Nair da Silva – Benzedeira de Nova Viçosa – Viçosa-MG

Dona Nair (Figura 19) é uma senhora de 77 anos de idade, moradora do Bairro Nova Viçosa, em Viçosa-MG, e diz que começou a benzer depois que parou de trabalhar. Dona Nair, embora se considere uma rezadeira “católica”, também é benzedeira, já que faz orações para tirar quebranto, mau-olhado e dor de cabeça e utiliza da benzeção para se referir ao que ela faz.

**Figura 19** – Dona Nair com a imagem de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Segundo dona Nair, o quebranto, ou mau-olhado, “consiste em um mal de origem espiritual. Por exemplo, quando a criança não dorme direito, chora muito ou dorme de olho aberto”. Ela benze criança e pessoas adultas, além de ter uma horta medicinal no quintal com várias folhas de chá. Muito conhecida no bairro, dona Nair é sempre procurada pelos estudantes da UFV e pessoas da comunidade de Nova Viçosa. Ela ressalta ainda que, quando uma pessoa anda deprimida, mole ou cansada, diz-se que lhe deitaram mau-olhado. O mau-olhado, ou o quebranto, ambos muito parecidos, atingem as pessoas e os animais facilmente.

A dona Nair deu explicação semelhante ao que encontrei no texto “estudo, umbanda e candomblé, de 2017, em um *blog* de mesmo nome.

Pegar um copo com água, um galho de arruda, molhar o galho e ir benzendo, ao final; colocar o galho dentro do copo, se afundar, estava cheio de quebranto ir ao portão da rua, vira-se de costas e joga por cima dos ombros de quem se está benzendo, isso com a pessoa de costa para rua. Enquanto está benzendo dizer: “Mal do ar, mal do mar, mal do fogo, mal da lua, mal das estrelas, mal do ponto do meio dia, mal do ponto da meia noite. Se tiveres com quebranto, mal olhado, feitiçaria e bruxaria, em nome de Deus e da Virgem Maria, seja levado para as ondas do mar sagrado, onde não canta o galo nem a galinha e nem tem criancinha chorando e nem cristão batizado. Depois rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-08- 2021).

Dona Nair fala ainda que essa benzeção pode “ser também feita com um copo com água, uma tesoura de aço e brasa de fogão. Após ter rezado a ladainha, colocar a brasa dentro do copo com água. Despachar, também na rua” (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-08- 2021).

Para além disso, os ritos empregados durante as benzeduras são compostos de formas de representação que legitimam tais práticas. A necessidade dos ritos constitui o elo da encarnação do sobrenatural e do invisível.

Outro ponto importante relacionado à fé católica são as procissões, missas e novenas. Como exemplo, na festa de Nossa Senhora Aparecida temos as novenas, que são os nove dias de rezas preparatórias para a festa do dia 12 de outubro, que finaliza com missas e procissões. No que diz respeito às celebrações, estas ocorrem de forma diferenciada, dependendo de cada paróquia, para a festa de Santa Rita de Cássia, na cidade de Viçosa-MG, a festa acontece na Igreja Matriz, situada na Praça Silviano Brandão, no dia 22 de maio, que é feriado municipal e tem também cavalcada e procissão.

A festa de Nossa Senhora Aparecida acontece no dia 12 de outubro, celebrada na Igreja Matriz, mas as celebrações ocorrem em diferentes bairros de Viçosa. E muitos dos pedidos são para alcançar graças diversas.

Segundo Silva (2007):

O contato com esses saberes possibilitou perceber a multiplicidade de significados existentes em um gesto ou uma palavra. Aprendemos com os benzedores a importância que deve ser dada à fé nas orações, pois é através dela que se constitui o elo de ligação entre as divindades os seres humanos. Para atingir o imaginário de uma sociedade, ou parte determinada dele, é preciso penetrar na rede simbólica que o constitui (VARGAS, 1999, p. 178 *apud* SILVA, 2007, p. 151).

### 3.1.3 Luís Carlos Vitor, 61 anos (Pai Pequeno), também conhecido como Mestre Garnizé – (Viçosa-MG)

Pai Pequeno (Mestre Garnizé) (Figura 20) diz que aprendeu com as benzedeadas no terreiro que conheceu em Viçosa, MG. Pai Pequeno benze crianças e adultos e faz benção nas casas que, às vezes, se encontram muito carregadas.

**Figura 20** – Pai Pequeno, conhecido também como Mestre Garnizé, 61 anos de idade, em apresentação do seu Grupo de Capoeira Guerreiros de Zumbi, na I Mostra de Arte Preta em 2016



Fonte: Foto do acervo de Renan Marinho, 2021.

Quando fui no primeiro terreiro eu fiquei encantado, super encantado com a forma de tratar os orixás, com a maneira de lidar assim com a própria natureza, com as plantas com as benções foi para mim um grande aprendizado, cheguei fazer 2 boris, é uma obrigação que a gente faz para o santo e daí em 2001, minha mãe de santo por motivos particulares resolveu abandonar a religiosidade então acabei ficando órfão de mãe de santo e comecei a correr outros 2 terreiros de candomblé (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 21-09-2021).

A partir dessa fala do Pai Pequeno, observamos que a vontade de benzer não foi passada de família biológica, mas veio do encantamento após conhecer o terreiro, que foi pela primeira vez. Melhor dizendo, esse encontro com a experiência religiosa para ele foi tão bom, que ele resolveu aprofundar mais na religiosidade de matrizes africanas.

Ele ressaltou ainda que, depois de 15 anos trabalhando com a ialorixá Jaqueline:

Eu resolvi abrir a minha própria casa de santo, devido à necessidade de estar com a família, a religiosidade desde de África começa com a família biológica, depois de um certo tempo que se abre para outras pessoas vindas da comunidade. E assim esta questão de benzeção eu criei 2 meninas sozinho e tive que ser pai e mãe uma com 6 anos e outra com 7 anos e sempre ficava enjoada, sempre tinha alguma coisa que perturbava e a mais velha era do santo desde nova ela virava no santo então eu tive que me virar através de uma reza com um copo d'água, com folhas de chás e buscava essa força porque eu não tinha a quem recorrer às vezes tarde da noite e procurava rezar. E também chegou um tempo que minha mãe biológica ficou doente na cama, acabou ficando cega e eu ia sempre lá na casa dela para levar umas folhas para fazer um banho de descarrego, fazer umas rezas para ela. E da mesma forma benzia um irmão, um sobrinho e reza uma reza outro e foi dando certo. Esta questão de rezar não sou mais do que ninguém porque tenho uma fé muito grande no que eu faço e tenho uma crença muito forte nos orixás, então a questão da benzeção começou desta forma. E hoje o que nós estamos fazendo aqui nada mais é que instruir esta garotada que está vindo da família, tentar fortalecer um elo de ligação com os orixás e com as entidades para deixar um legado, acho isso importante. E para minha felicidade tenho aqui o meu irmão mestre Lau que já me acompanha a mais tempo, as minhas 2 filhas do meu último relacionamento e também tenho um netinho de 3 anos que adora a religiosidade o genro que dá todo apoio e está aqui com a gente (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 21-09-2021).

Pai Pequeno nos aponta algo interessante na sua fala quando nos relata os cuidados com os banhos de descarrego, chás e rezas com a sua mãe biológica e na busca da cura para sanar os males sofridos por ela, e aí ele começa a benzer sua mãe e os familiares que por ventura estejam acometidos de algum problema de saúde. Aqui percebemos que a benzeção não é um ofício somente atribuído às mulheres, mas aos homens também. Com base em Vargas e Silva (2007, p. 151), afirma:

O contato com esses saberes possibilitou perceber a multiplicidade de significados existentes em um gesto ou uma palavra. Aprendemos com os benzedores a importância que deve ser dada à fé nas orações, pois é através dela que se constitui o elo entre as divindades e os seres humanos. Para atingir o imaginário de uma sociedade, ou parte determinada dele, é preciso penetrar na rede simbólica que o constitui (VARGAS, 1999, p. 178).

Mestre Garnizé diz ainda que:

Eu tive outros irmãos de santos que veio de lá do terreiro da Jaqueline que me incentivou a abrir o terreiro por ver meu comportamento lá no terreiro, eu sempre ajudando, buscando uma folha, passando um banho, eu como pai pequeno ia ajudando tem aqui a Josi que tenho muito carinho pelas entidades dela que vem nos ajudando e permanece aqui conosco. Eu sou da Umbanda Omolokô, mas eu pesquiso e estudo o candomblé de Ketu. Procuo mais o Candomblé de Keto porque eu achei pessoas para dar orientação o certo da Umbanda se ela é omoloocô ela tem uma raiz de ligação com a nação Angola com a gente não tem por aqui o Angola. Eu pesquiso Angola menos um pouco e o Ketu estou indo buscar e estou vendo que é

importante os aprendizado tanto dos conhecimento das folhas, das raízes das, favas, das sementes, e uma série de outras coisas que a gente precisa saber sobre o orixá, o tratamento com orixá são palavras especiais que a gente ter porque eu vejo em determinada Umbanda eles falam com o orixá como se estivesse falando com as entidades é preciso saber diferenciar entidades de orixá porque orixá está acima da entidade (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 21-09-2021).

Analisando a fala de Pai Pequeno ao se referir que ele é da Umbanda Omolokô, mas pesquisa o Candomblé de Ketu devido à aproximação que a Umbanda Omolokô tem com o Candomblé.

De acordo com Babalorixá Tata Tancredo (1957), o iniciado, ou médium, tem que fazer a iniciação para o Orixá. Se caso o orixá pedir, tem que raspar o cabelo, fazer o recolhimento do iniciado, ou seja, deitar para o santo tudo isso consiste em que o iniciado vai receber a entidade e ficar dentro de um quarto chamado “camarinha” por um período de três dias no terreiro, ou roça.

Mário Filho argumenta que, “além da chamada divindade tutelar, que é assentado primeiro, o membro de um Terreiro de Umbanda Omolokô é iniciado para mais duas outras divindades, que farão parte do ‘enredo espiritual do adepto’”. Para além disso, acontece a consagração das entidades espirituais que o iniciado irá trabalhar com elas, e ocorre a afirmação ou o assentamento delas (FILHO, “O que é Umbanda Omolokô”, *site* templo pantera negra.com.br).

Babalorixá Tata Tancredo afirmava que:

**A Umbanda é [gn] africana, é “um patrimônio da raça negra” e que achava graça quando ouvia os “líderes da Umbanda Branca dizendo que a religião [apenas] sofre influência das tradições africanas.** Para ele, a Umbanda é um culto de origem africana e esse viés africanista da Umbanda pode ser visto em uma de suas afirmações: **terreiro de Umbanda que não usar tambores e outros instrumentos rituais, que não cantar pontos em linguagem africana, que não oferecer sacrifício de preceito e nem preparar comida de santo, pode ser tudo, menos Terreiro de Umbanda** (FREITAS; PINTO, 1957, p. 58 – “FILHO, O que é Umbanda Omolokô”, *site* templo pantera negra.com.br).

Mestre Garnizé explica, com muita propriedade, a diferença entre orixá e entidade:

O Orixá é o supremo, são excelência da natureza, ela tem seu ponto de vibração, a energia está ali, se você vai falar com xangô você vai a uma pedreira ali está, se for falar com Iemanjá você vai no mar, vai bater cabeça, faz uma oferenda, vai falar com ela. Se você for falar com Oxóssi, vai entrar na mata verde, pedir licença e conversar com ele com as palavras certas. Quer falar com Oxum a deusa do ouro, do amor, é na cachoeira. Quer falar com Ogum você vai numa estrada de Barro (terra) ou numa estrada de ferro para buscar a energia (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 21-09- 2021).

Segundo Pai Pequeno, as entidades da Umbanda, como os pretos velhos, as pretas velhas e os Caboclos, pertencem à linhagem dos nossos ancestrais e incorporam nos médiuns nos terreiros de Umbanda e também benzem. No caso dos orixás, estes são cultuados na força da natureza, como mata, rios, estrada de terras; e os Exu e Pomba gira que dão a segurança na nossa casa. Mestre Garnizé nos disse ainda que a Lei nº 1401/2010, que dispõe sobre o processo de reconhecimento de ofícios tradicionais de Saúde Popular em suas distintas modalidades:

De benzedeiros e benzedoiras é de suma importância, além disso esta lei já foi aprovada no município de Rebouças no para contra, aqui em viçosa foi feito a adaptação para nossa realidade e o projeto encontra-se em tramitação na câmara municipal de Viçosa-MG. E no caso da aprovação da lei aqui em Viçosa é mais um avanço que vai dar direito de poder falar quem nós somos. Já conseguimos alguns avanços como a lei 10.639/2003 que prevê o ensino da cultura afro nas escolas e prevê a liberdade religiosa (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 21-09-2021).

Mestre Garnizé finaliza dizendo que:

Às vezes, tem muitos adeptos da religião que ficam com medo de falar por causa do preconceito da sociedade e muita gente ainda por não entender nos discrimina e reproduz uma ignorância muito grande em pleno século 2021. E nos dar vários nomes para a gente que trabalha com a espiritualidade então esta lei seria de grande importância para nós (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 21-09- 2021).

Nessa fala, Pai Pequeno expressa que muitos adeptos da religião de matriz africana têm medo de dizer que são adeptos da religião devido ao racismo religioso, aos preconceitos que sofrem e à intolerância religiosa dele derivados. Por isso, é importante trazer para debate a questão do preconceito religioso, porque a intolerância religiosa se torna cada vez mais recorrente na atualidade, sendo, assim, de suma importância a descolonização do conhecimento na área da religiosidade de matrizes africanas.

Como um avanço importante no reconhecimento e respeito às religiosidades, a Lei nº 14.519, de 5 de janeiro de 2023, institui o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé, que chega para demarcar a multiplicidade de saberes. A citada Lei encontra-se nos Anexos.

### **3.1.4 Por que as pessoas procuram as benzedeadas, benzedores, rezadeira, ialorixás e raizeiros/as?**

A procura pelas benzedeadas sempre existiu devido a problemas de ordem espiritual que a medicina não consegue curar. Além disso, existe também a falta de assistência médica, de remédios e de políticas públicas de saúde que garantam às pessoas um atendimento adequado e, muitas vezes, as pessoas moradoras da zona rural distante de atendimentos médicos acabam recorrendo às benzedeadas e aos raizeiros para a cura dos seus males.

No caso do Aloisio, jovem de 23 anos de idade, nascido em Juiz de Fora, MG, mas atualmente residente na cidade de Viçosa, autônomo, ele relata que no ano 2016 o irmão dele faleceu e, depois disso, ele entrou em depressão e tentou suicídio por 17 vezes. Segundo ele, somente veio a melhorar após ter sido levado ao terreiro de Mãe Du e benzido pela Vó Cambinda (entidade que é incorporada pela Mãe Du), tendo alívio desses males com a cura do corpo e do espírito. Ele disse que, se não fosse a benzeção, não teria sido curado, por isso recomenda a benzeção, sim, para outras pessoas, porque, assim como ele foi curado, outras pessoas com problemas semelhantes ao dele também podem (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 31-08-2021).

No caso da Adriana de 41 anos de idade, moradora de Nova Viçosa, dona de casa, ela disse que o que a levou à cura de um mau-olhado foi quando sua mãe a levou a uma benzedeadas pela primeira vez, quando ainda era criança, e após ser benzida sentiu alívio, por isso sempre procurou benzedeadas. Ela disse ainda que faz uso de chá de hortelã para dor no estômago. Finaliza relatando que as práticas das benzedeadas não podem acabar (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-08-2021).

Ana Lucia, de 22 anos de idade, fotógrafa, moradora de Cajuru-MG, disse que sempre foi levada a benzedeadas pelos pais e que a cura aparecia em questão de dias. Perguntada se lembrava de algumas dessas práticas na infância, disse que sempre tomava chás de ervas, banhos de descarrego, recebia rezas e rituais de benzeção. Ela disse também que acha o conhecimento tradicional essencial, além de transmitir conhecimento e cultura. E recomenda, sim, a benzeção por confiar e saber que traz bons resultados para as pessoas (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 21-09-2021).

Bartomélio, 36 anos de idade, morador de Nova Viçosa (Viçosa, MG), professor, disse que o que o levou a procurar uma benzedeadas foi para benzer de mau-olhado, dor de barriga e espinhela caída. A primeira vez que foi a uma benzedeadas foi na infância, levado pela mãe. Ao ser benzido, sentiu melhora do que sentia. E lembra de ser benzido com

pequenas orações, com brasas no copo de água e tomar chá de erva e banhos de descarrego com algumas plantas. Bartomélio disse ainda que acha muito importantes os conhecimentos ancestrais e a riqueza do nosso povo (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 18-08-2021).

Segundo o professor e historiador José do Carmo de Araújo, morador da cidade de Ubá, ele foi curado de um câncer com ervas medicinais e folhas de chá e que os conhecimentos das benzedadeiras são milenares e temos que preservar esses conhecimentos ancestrais (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 13-09-2021).

José Saturnino, de 72 anos de idade, morador da zona rural de Araponga (MG), disse que o que o levou a procurar uma benzedeira foi por acreditar na benzeção, por estar se sentindo mal e que a primeira vez que foi ele era muito jovem. Disse que após a benzeção sentiu alívio dos males que sentia. Ele utiliza a benzeção e chás no tratamento da hipertensão e recomenda essa prática como cura.

Analisando a fala dos entrevistados que procuram por benzedadeiras devido aos problemas relatados por eles, percebe-se que houve eficácia nas benzeções. Além disso, as pessoas que buscam por benzeção afirmaram que, após serem benzidas, foram aliviadas de seus males e creem na cura através da espiritualidade, da fé e da seriedade de quem reza e as curaram de seus males.

### **3.2 Benzedadeiras e rezadeiras de Ponte Nova (MG)**

#### **3.2.1 A rezadeira dona Maria Esther Fernandes da Silva, 70 anos de idade – Quilombo de Fátima/Ponte Nova-MG**

A rezadeira dona Maria Esther Fernandes da Silva, 70 anos de idade, moradora do Quilombo do Bairro de Fátima, em Ponte Nova, fala como aprendeu a rezar, benzer com as folhas e com a brasa e impor as mãos.

**Figura 21** – A rezadeira católica dona Maria Esther Fernandes da Silva, moradora da comunidade do Quilombo de Fátima, Ponte Nova (MG)



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

No depoimento a seguir, a rezadeira relata a importância de se aprender esse dom:

Desde pequena eu já fazia chás para os vizinhos lá na roça, as mães saíam para trabalhar eu ficava em casa e quando alguém se sentia mal eu fazia os chás. Depois me mudei para cidade e continuei fazendo os chás e aprendi a benzer com uma benzedeira que tinha 112 anos ela me ensinou umas orações que era do tempo dos cativeiros, no tempo que falava padre nosso pequenino. Neste contexto percebe-se uma técnica passada de geração para geração. Dana Esther ressalta ainda que também benzo com brasas, tenho aqui em casa um fogão de lenha e benzo com as folhas de assa peixe (cambará), benze destroncado ou melhor pé torcido para as pessoas entenderem melhor. O benzimento de pé torcido é feito com as rezas e agulha e linha. Dona Esther conta ainda, que aprendeu a benzer também com a mãe dela, avô e bisavô. E que tinha um parque onde um grupo de senhoras buscavam lenha e elas iam rezando e falando e eu ia ouvindo e quando chegava em casa ou ia e escrevia as rezas para não esquecer também foi assim que fui aprendendo (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-10- 2021).

Analisando a fala de dona Esther quando ela relata que aprendeu algumas rezas e benzeduras com uma benzedeira de 112 anos de idade, percebe-se que a benzeção é transmitida por gerações de mulheres que marcam nossa ancestralidade e retratam a importância das mulheres em preservar e salvaguarda essas práticas dos antepassados. Além disso, observa-se no depoimento de dona Esther que a benzeção também é uma técnica e isso nos remete ao texto do antropólogo Mauss, que fala sobre técnicas. E no caso da benzeção de

dona Esther, ela pode ser passada como “técnicas corporais” aprendidas culturalmente, no sentido definido pelo antropólogo Marcel Mauss (1950):

De modo a localizar o caráter específico de cada técnica corporal, parte da observação das mudanças presenciadas por sua geração, por exemplo, nas técnicas de nado, e nos seus modos de ensino e aprendizagem: enquanto em um momento aprendia-se, primeiro, a nadar e depois a mergulhar, posteriormente ensina-se, antes, a mergulhar e a familiarizar-se com a água para, depois disso, nadar. Este e outros exemplos amparam a afirmação feita pelo autor de que cada sociedade possui hábitos próprios, que são de natureza social, variando não apenas de um indivíduo a outro, mas com as formas de educação e convenções sociais (MAUSS, 1950, p. 2).

Dona Esther explica que:

Benzo crianças, adultos e até animais, as pessoas aqui da comunidade trazem para eu benzer. Benzo também quando a pessoa está com o sol na cabeça, ou seja, uma dor de cabeça que não passa. Benzo com uma garrafa cheia de água, tem pessoas que não acreditam, mas existe. Mas é uma realidade a gente benze com uma garrafa cheia de água e se aquela dor de cabeça for de sol, que entrou na cabeça da pessoa aquela água ferve, a gente coloca uma toalha branca e a garrafa de água fria sobre a cabeça da pessoa e pede em nome de Deus e a virgem Maria e por ai vai as outras palavras da. Dona Esther ressalta, que na benzeção é preciso ter fé tanto do que benze e do que é benzido o senhor abençoa nossas mãos para a gente fazer a benzeção (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-10-2021).

Dona Esther fala ainda que usa muito o assa-peixe para benzer as comichões, cobreiros etc. Diz que o “Senhor usa a gente e nos abençoa para ajudar nas curas e, dependendo do que seja, usa as folhas para rezar”. Ela diz que faz os chás e banhos de acordo com a precisão de cada pessoa. Dona Esther relata também que faz simpatia para curar bronquite e tosse da coqueluche e para a pessoa se recuperar das sequelas do AVC e do derrame.

Segundo dona Esther, a simpatia para bronquite é feita com várias folhas de chá torradas e podem ser colocadas na comida e na mamadeira. Dona Esther ensina simpatia para quem teve sequelas de AVC. O fato de dona Esther ser uma rezadeira católica não impede que ela faça e ensine as simpatias, como:

#### RECEITA DE SIMPATIA PARA PESSOAS QUE TEVE AVC:

3 folhas de laranja da terra;  
3 folhas da mariazinha-do-brejo; e  
3 caroços de feijão-andu.

Modo de fazer o chá: ferva todos os ingredientes juntos e, depois de esfriar, tome o chá durante três luas minguantes (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-10 2021).

Dona Esther também ensinou simpatia para pessoas que tiveram isquemia cerebral. Segundo ela, seu marido teve a doença e ela fez o banho com as folhas de eucalipto. Ela contou que preparou esse banho para o marido recuperar os movimentos do corpo e, segundo ela, obteve sucesso. É preciso colocar três ou sete punhados de folhas de eucalipto na água fria e deixar ferver; depois coar e tomar o banho do pescoço para baixo. Fazer isso por três vezes ou tanto quanto achar necessário.

Os relatos de dona Esther demonstram como disse Mendes e Covas:

As práticas socioculturais envolvendo diferentes circunstâncias, concepções, opiniões e valores estabelecidos no âmbito da "medicina popular" se constituem em um arsenal de técnicas, conhecimentos e práticas colocadas à disposição de quem precisa, sendo, por isso, consideradas formadoras das identidades individuais e coletivas (MENDES; COVAS, 2018, p. 1).

### **3.2.2 A benzedeira dona Nelsa, 77 anos de idade, moradora de Ponte Nova-MG**

Segundo a benzedeira dona Nelsa, desde criança já tinha o dom para benzer, e seus conhecimentos foram passados para ela pela mãe e pelo pai, que era benzedeiros. Ela fala ainda que há 30 anos tem o Centro de Umbanda e, durante a benzeção, o Sr. Cristiano utiliza colares/guias e roupas brancas. Ela trabalha com a entidade chamada de Pai Manoel e, durante a entrevista, dona Nelsa recebeu essa entidade, que me benzeu e abençoou o trabalho de pesquisa que estou fazendo sobre as benzedeadas e a importância das folhas de chá, além da relevância de valorizar e reconhecer as mestras e esses mestres dos saberes populares. Ela tem 77 anos de idade e trabalha com essa entidade até hoje (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-10 2021).

Dona Nelsa contou porque as pessoas procuram as benzedeadas. Diversas são as causas que levam uma pessoa a procurar as benzedeadas, benzedeados, rezadeiras, raizeiras e raizeiros. “Os motivos são diversos, pode ser por problemas de saúde, financeiro e amorosos. Ela fala ainda que nesse período de pandemia a procura foi muita e por pessoas diversas, pessoas pretas, brancas, ricas e pobres. Todos procurando proteção espiritual.” “Pai Manoel, o guia espiritual que trabalha com dona Nelsa, abençoou o trabalho da pesquisa e disse que meu trabalho não era por acaso, era um compromisso que eu tenho com a espiritualidade e trazer a valorização para o povo de santo e respeito às entidades .” Finalizou a benzeção dizendo que tem “muitas coisas que os moços de roupa branca da terra (médicos) não compreendem porque é problema do espírito por isto a importância dos guias porque onde os moços de

roupa branca não conseguem curar os guias curam”. (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-10-2021).

**Figura 22** – Dona Nelsa e o Sr. Cristiano, benzedores de Ponte Nova (MG)



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Analisando essas narrativas, observa-se que, mesmo que as pessoas procuram os médicos para sanar seus problemas físicos e não são sanados, eles acabam buscando ajuda nos terreiros de Umbanda ou Candomblé, e no terreiro acham cura porque, na maioria das vezes, são problemas de ordem espiritual e a medicina tradicional, por mais evoluída que esteja, não consegue solucionar tais problemas. Para além disso, fica claro que existe uma tensão entre a medicina tradicional e a benzeção, pois muitos médicos ainda não compreendem o poder da benzeção.

Para Mauss:

A descoberta do dom é um acontecimento marcante na vida das benzedoras. Sua iniciação nesse universo mágico-religioso acontece geralmente entre o repasse dos saberes, através da oralidade, por algum parente próximo (mãe, avó, sogra, tia etc.). A iniciação começa pela percepção do dom e no estabelecimento de uma “aliança” Com as forças sobrenaturais, desenvolvendo-se de duas diferentes formas: a herança vocacional (repasse dos saberes pelos familiares), e a experiência sobrenatural que acontece em sonhos com anjos e, ou, guias espirituais, no qual ela é designada a começar esse ofício (MAUSS, 2003, p. 2 *apud* CUNHA, 2018, p. 130).

Além disso, o vestuário é importante na composição do médium, pois a roupa representa cada entidade ou orixá; dona Nelsa usa um jaleco porque Pai Manoel é uma entidade de cura. Nos terreiros de umbanda ou numa roça de candomblé, a questão do vestuário é importante na caracterização das entidades ou orixás.

Dialogando com Sueli Carneiro, Cristiane Cury salienta que, como a mulher, no candomblé, comumente dirige os “terreiros” na figura da ialorixá, da mãe de santo. Elas conhecem todos os rituais e segredos da mística religiosa afro-brasileira, além de ser a responsável pela administração da “roça”, ora “aprendendo e ensinando a religião dos orixás, a mulher negra desenvolve suas próprias capacidades administrativas, políticas sociais, humanas e religiosas”. A valorização da mulher não implica dominação dos homens:

No candomblé, apesar dos conflitos, não existe esta pulsão de eliminação do outro porque este outro é diferente. Como vimos, o que existe é a complementaridade das funções, e não o domínio de um gênero sobre o outro. Isto só é possível porque na cosmovisão do candomblé, a “existência dos orixás essencialmente femininos, de orixás essencialmente masculinos e de orixás ambivalentes ou andróginos, expressa uma compreensão profunda da própria sexualidade humana (OLIVEIRA; SOUZA; PAULA *apud* CARNEIRO; CURY, 2020, p. 16).

## CAPITULO 4 – RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA UMBANDA E CANDOMBLÉ E A RELAÇÃO DO OFÍCIO DE BENZEDEIRAS(OS), REZADEIRAS E IALORIXÁS

Aqui tratamos das religiões de Matrizes Africanas e a visão da Religiosidade Africana na Sociedade Brasileira: as entidades da Umbanda e do Candomblé. Peço licença a Exu que abre os caminhos, aos orixás e entidades para falar sobre religião de Matrizes Africanas, como o Candomblé e a Umbanda.

Segundo Mãe Du, a religião da umbanda significa Luz; a luz de Deus, sabedoria para todos que chegam com amor e respeito e cultua o amor, ou seja, a Umbanda foi criada aqui no Brasil para amenizar a dor dos nossos irmãos escravizados.

Mãe Du fala também que a umbanda que foi criada na Bahia é reconhecida em todo o país e no exterior. Mãe Du ressalta ainda que a Umbanda Omolokô foi criada no Rio de Janeiro em 1942 e mostra um pouco como o candomblé também carrega traços do espiritismo e do catolicismo. Como exemplo disso temos o altar do terreiro da Mãe Du, que nos mostra a presença do sincretismo religioso através dos símbolos, imagens e objetos.

Luciano Hortêncio afirma que, segundo Tata Tancredo da Silva Pinto,

A primeira sociedade umbandista criada para defender os direitos dos umbandistas no Rio de Janeiro e no Brasil foi a “União”, fundada em 1941. Segundo ele, naquela época, devido às perseguições policiais, os cultos eram acompanhados por bandolim, cavaquinho e órgão, porque não era permitido tocar tambores (atabaques). No Rio de Janeiro, os cultos afro-brasileiros foram professados dessa maneira até 1950 (HORTÊNCIO, 2015).

**Figura 23** – Altar de Santo da Umbanda Casa Vó Cambinda da Fronteira da África



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Mãe Du diz também que a denominação para onde são celebrados os rituais da Umbanda acontece nas chamadas casas de santos, terreiros ou barracão. No caso do orixá Oxum, suas celebrações são feitas na cachoeira. Os terreiros também servem para benzer as pessoas que nos procuram, ensinar a doutrina e preparar os filhos de santo. A casa normalmente é dirigida por um “Babalorixá ou Ialorixá”. As celebrações que acontecem, seja nos terreiros de Umbanda ou nas Roças de Candomblé sempre são dirigidas por um babalorixá ou por uma ialorixá. São eles que comandam a casa, e são o sacerdote que dirige os ritos e comanda a casa. Também são responsáveis por ensinar a doutrina e os segredos da umbanda aos seus discípulos.

Conforme afirma Berkenbrock (1997), esse é o sagrado que manifesta diante do povo negro, que se fez presente em todo o contexto histórico, atuou na história e continua na sua permanência. Dos terreiros e quilombos nascem expressões de fé: o culto aos orixás, o sincretismo por meio do uso das imagens de santos católicos (recordando que são processos complexos), as adaptações e os meios de sobrevivência; tudo faz parte de um longo trajeto de resistência para dar continuidade aos cultos, ritos e a própria vivência dos membros da nova religião em solo brasileiro. Tanto é que a fé católica, com relação aos cultos das religiões afro-brasileiras, está imersa em experiências religiosas (BERKENBROCK, 1997, p. 137).

#### **4.1 As entidades do Candomblé**

Cultuar os nossos orixás ou guias é uma forma de resistência, luta e preservar nossa cultura afro. Além disso, é também uma forma de celebrar os nossos ancestrais, por isso queremos respeito e liberdade para cultuar os nossos orixás.

Ela ressalta ainda que os rituais do candomblé são realizados em locais de culto denominados terreiros (roça), liderados por um babalorixá ou ialorixá. Durante as cerimônias, chamadas de toques, os participantes cantam e dançam, e os filhos de santo incorporam os orixás. Boa parte dessas cerimônias seguem um calendário fixo e são feitas em homenagem às divindades. Por exemplo, Oxum, Oxóssi, Exu, Oxalá e Iemanjá.

Os orixás vêm a terra, dançam, dividem seus alimentos conosco devido ao nosso amor e fé para com eles, além da nossa dedicação aos deuses que dançam. Os nossos deuses diferem-se pelo fato de que eles vêm a terra conviver com a gente devido ao nosso amor e a nossa dedicação a eles; é aí que está o elo do orixá com o humano. A dança propõe alegria, propõe união e coletividade, porque ninguém dança sozinho, né, no mínimo se dança com a música; então, o orixá está entre nós sempre como motivo de alegria, nós rezamos dançando,

rezamos cantando, é a nossa ligação com a divindade. As nossas divindades não são primitivas. A proposta do candomblé é de amor, alegria e de prazer de estar junto do orixá.

Ela ainda acrescenta que:

As cerimônias são conduzidas por uma ialorixá ou babalorixá pai. Normalmente são caracterizados por danças em adoração ao orixá, que encarnam no filho ou filha de santo. As festas e cerimônias públicas do candomblé são chamadas de toques. Ao longo do ano, várias festas são promovidas nos terreiros de candomblé, sejam as festas fixas em homenagem a algum orixá ou os rituais de iniciação (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 13-09-2021).

#### 4.2 Íyá Martha – Iyalórísa Martha TY Ógúin e religiões de matrizes africanas

A foto da Figura 26 ilustra os conhecimentos ancestrais do culto ao Candomblé sendo transmitidos de geração para geração, em que esses saberes ancestrais são continuados por meio da filha biológica da Íyá Martha, a Ekedji Rebecca. Agora falaremos um pouco sobre a importância de manter os conhecimentos ancestrais passados de geração para geração a partir das experiências de Íyá Martha Tatini Iyalorisá iniciada na Nigéria há mais de 42 anos. A partir do jogo de búzios, ela orienta as pessoas que a procuram em busca de se reconectar com sua origem (Cabeça).

**Figura 24** – Iyalórísa Martha TY Ógúin e Ekedji Rebecca Ty Ógún Té, Viçosa/Viçosa-MG – Instituto Raízes Sagradas



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Como dirigente do grupo Ilê Asè Ifé Ogun Ogunté, Íyá Martha faz um trabalho intenso de pesquisa da Cosmovisão Africana e da Agroecologia em Viçosa (MG). É Eco Chef de Gastronomia Agroecológica Vegana, Profa. Mestre em Educação Alimentar e Ambiental e Pesquisadora em Soberania e Segurança Alimentar – Projetos de Agroecologia UFV.

Segundo a ialorixá Íyá Martha Tatini:

Todos me conhecem como chefe de cozinha, pesquisadora, mas eu sou ialorixá de cultura tradicional yorubá há 40 anos, meu pai era antropólogo e foi fazer um trabalho de pesquisa na África em 1979, na Nigéria em Abeltá. E eu desde de pequena via coisas, ouvia coisas e o meu pai achava que eu não era esquizofrênica então resolveu me levar junto com ele para Nigéria para ver se lá dava um jeito nela. Aí eu fui e fiquei lá na Nigéria quase cinco meses onde eu fui iniciada e eu tinha que continuar o meu trajeto de sacerdotisa lá na África, mas eu não queria ficar lá. Então voltei e comecei um processo aprendizado de todas essas culturas tal aprendi lá voltei e meu pai fazia pesquisas com Pierre Verger, Reginaldo Prandi que são contemporâneos. E hoje em dia é o Babá King sacerdote Iorubá que reside no Brasil desde 1983, ele foi aluno do meu pai na USP. E atualmente ele é um sociólogo da USP e, todas essas pessoas são referências científicas inclusive de todo esse processo. Só para apresentar, as vezes as pessoas falam muito de orixás e as pessoas confundem com religião a cultura tradicional Iorubá ou da África em geral. Estou falando da Nigéria porque é a que eu conheço ela veio trazida para o Brasil pelos negros que foram sequestrados de lá e trazidos então quando chegou aqui teve que adaptar a cultura que tinha aqui no Brasil dos indígenas o meu avó paterno era tupi-guarani e teve que se adaptar também as mulheres quando foram sequestradas traziam nos cabelos sementes era maravilhoso que elas conseguiram esconder nos cabelos e trazer e começaram a cultivar isto mesmo sendo escravizadas foi assim que toda essa cultura se desenvolveu aqui. No Brasil as pessoas começaram a chamar tudo de candomblé, mas não é são culturas tradicionais mesmo dentro da África que são 54 países dentro da Nigéria tem mais de 300 mais de 200 0 idiomas que se fala então são nações de cada tribo. Eu fiquei numa tribo que todos os iniciados no candomblé viravam no orixá ógúm, inclusive eu que também vira no orixá ógúm (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 28-09-2021).

Analisando a trajetória de iniciação no Candomblé de Íyá Martha, observa-se que é diferente do povo negro que já cultuava o culto yoruba passado de geração para geração pelos seus ancestrais. No caso de Íyá Martha, ela é mulher branca, filha de antropólogo, e o seu aprendizado e sua iniciação vieram em decorrência de problemas de ordem espiritual – desde pequena ela “vê coisas” – e da conjugação de fatores pessoais e fatores empíricos.

Mãe Martha fala também sobre a importância da função das Ekedyis:

Elas não viram no santo porque elas são a representação direta de olodum are na terra. Olodum are não permitiu que a Ekedyis e ógáns virasse nos orixás porque eles são os olhos e braços direito e esquerdo do pai ou mãe de santo, quando um Babalorixá acerta a Ekedyis e ógán acertou junto com eles, a Ekedyi não faz o Yao, mas ela os coloca no forno todo obi toda comida que é rezada na cabeça de yao, quem responde por ela é a Ekedyi. Todo orixá que chega no barracão quem sente a presença primeiro, a energia do orixá é a Ekedyi que chama seu orixá na boca do rum pai. Por isso, as Ekedyis e Ógáns são a peça fundamental de um barracão porque a hora que a mãe ou pai de santo faz o preceito todos os yaos viram no santo então tanto o pai quanto a mãe de santo necessita da reza da Ekedyi, da resposta da Ekedyi e toda infraestrutura, todo material que a Ekedyi preparam antes e coloca na mão da mãe de santo ou pai de santo para que eles glorifique seu ori e traga seu orixá na terra (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 28/09/2021).

Mãe Martha explica, com muita sabedoria, o que é um orixá:

Na verdade, são as forças da natureza, ou seja, a terra é um orixá (Obaluaiê), A Lama é um Orixá Nanã, o ar que está tão difícil agora para nos respirar é Oxalá abatalá, os Yorubás chamaram de nomes diferentes as forças da natureza. Então, o que é o culto tradicional yorubá. Aqui no Brasil é chamado de Candomblé de Keto, que é o que eu pratico (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 28/09/2021).

Segundo Prandi, 2001):

Exu é o orixá sempre presente, pois o culto de cada um orixá depende de seu papel de mensageiro, sem ele orixás e humanos não podem se comunicar. Também chamado Legba, Bará e Eleguá, sem sua participação não existe movimento, mudança ou reprodução, nem trocas mercantis, nem fecundação biológica. Na época dos primeiros contatos de missionários cristãos com os iorubás na África, Exu foi grosseiramente identificado pelos europeus como o diabo e ele carrega esse fardo até os dias de hoje (PRANDI, 2001, p. 4).

Segundo Íyá Martha, o culto tradicional yorubá é o culto das forças da natureza em equilíbrio com o ser humano e aqui no Brasil foi tido como religião, mas na Nigéria é considerado um elemento da cultura popular.

Ela afirma que:

Já tive até estudantes africanos que estudam aqui na UFV, que me procuraram dizendo que era cristão que lá na minha terra antes da gente viajar ou fazer qualquer coisa a gente faz um Ebó, faz um Bori independente da religião. Não é uma coisa religiosa é um saber popular na África tinham várias tecnologias do algodão tecnologias médicas, 90 mil anos antes de Cristo como ele falou 10 mil anos que a gente consegue chegar mais era muito mais eles eram maravilhosos. As coisas que eles sabem ou sabiam e eu estudo isso há mais de 40 anos e ainda não sei um décimo do que precisava saber e são tão trincadas a energia da planta a energia dos saberes. Então a ideia o que eu vim aqui falar que estabelece sim cura através das energias das plantas (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 28-09-2021 2021).

Íyá Martha fala ainda que:

Sem plantas não tem orixá, ossain é o detentor das plantas. Eu não posso tirar uma planta sem pedir licença ao orixá ossain. Há 10 mil anos atrás era visto como física quântica pura. Ai devido a intolerância religiosa as pessoas começaram a chamar estas mestras e mestres dos saberes populares de macumbeira (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 28-09-2021 2021).

Para os praticantes do candomblé,

Todas as folhas são sagradas. O segredo delas está guardado por Ossain. Não se pode pegar uma planta assim de qualquer jeito, tem que rezar. A folha é a essência viva de cada orixá, é prioritária e fundamental (Babalorixá Henrique de Oxalá, 2008, p. 09).

Segundo Joaquim (2006), em seus estudos das lideranças femininas religiosas do candomblé, conclui que:

Em cada cultura, a relação entre o ser humano e o sagrado é estabelecida revelando a dimensão específica da existência humana. Ao atribuir a qualidade de sagrado a um objeto, que neste caso é a planta ou seu beneficiamento, as pessoas passam a criar uma forma de organização do mundo. O mundo passa a ser interpretado, codificado, transformado em mensagem, não em sua totalidade, mas naquilo que é sentido como poderoso e significativo, neste caso o binômio planta e magia (JOAQUIM, 2006 *apud* GOMES, 2009, p. 106).

Dialogando com Joaquim, percebe-se que o bioma planta e a magia têm que estar

interligados com o sagrado com a cura e para além disso, se você for fazer um banho ou chá os ingredientes principais para despertar este sagrado são a fé, amor e energias positivas para eficácia dos pedidos desejados. No campo da saúde ao macerar uma planta ou erva é preciso ter bons pensamentos e conectado com os orixás sem rezado na hora de preparar estes elementos (JOAQUIM, 2006 *apud* GOMES, 2009, p. 106).

#### **4.3 O que é um Bori no Candomblé?**

Para Íyá Martha o que é um Bori? A primeira parte desse ritual Bori consiste em as pessoas passarem por um EBÓ feito com vários tipos de alimentos, que são rezados e passados no corpo delas da cabeça aos pés. Logo que terminam as rezas, as pessoas, uma de cada vez, retiram aquela roupa – que será queimada –, tomam um banho de limpeza e depois outro banho de ervas, vestem uma roupa branca e continuam em oração para seu Ori (cabeça) (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 13-09-2021).

Nas Figuras 32, 33, 36 e 37, vamos ver a segunda parte do ritual. Mãe Martha ressalta ainda que:

o Bori é como nós fazemos para equilibrar as pessoas novamente através de EBÓS que são as limpezas feitas com vários tipos de alimentos e passado no corpo da pessoa para fazer a limpeza das energias negativas. O BORI é a reconexão do seu ori com a sua ancestralidade com a sua essência. Então o BORI serve para isto. Neste momento nas primeiras rezas as folhas e as folhas são mais de 52 tipos de folhas para cada orixá e vamos rezar as folhas para ossaim com as sansanhas (Cantigas), que vai falando de cada orixá assim coloca-se as folhas no chão depois colocamos as enins (estreias), por cima para que eles possam deitar ali que é um espaço de aprendizado e reconexão com a Aiye (terra), com a natureza. Ainda no BORI vamos fazer vários pratos de alimentos que são rezados com os Orikis, com as rezas invocando o orixá de cada um relacionado aquele alimento e vamos ficar deitados a noite toda e comendo esses alimentos e recebendo as energias deles. E pedindo e fazendo a abertura para que seu ori vire um receptáculo do seu merecimento para que ele fique em equilíbrio, para que consiga trazer as coisas que já deveria estar recebendo. Todas as cantigas são cantadas em Yoruba ao reconectar-se com o seu eu e de agora e ancestral. Os trabalhos são feitos para isto. Toda iniciação começa com o BORI. Mas para fazer o BORI não é preciso ser iniciado toda pessoa pode fazer precisa jogar os búzios primeiro antes e depois vir fazer os trabalhos (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 13-09-2021).

Ori é a divindade de Cabeça de cada ser humano e protetor da sua individualidade, cujo culto vem sendo reconstituído no Brasil com vigor considerável.

**Figura 25** – Íyá Martha, pai Gilberto e a Ekedjis Rebeca rezando as folhas e colocando as esteiras



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

**Figura 26** – A abyan Teresinha, as Ekejedjis, Rosângela, Rosana e o Babakekere EduA, todos nós aqui passamos primeiro pelo ritual de limpeza do BORI e agora sentados rezando para os nossos Oris e reconectando com nossos orixás numa cerimônia do candomblé



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

**Figura 27** – Comidas de cada orixá que foram rezadas e serão comidas pelos médiuns durante as cerimônias



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

#### 4.4 A importância da comida do orixá: quem come, o orixá ou o homem?

A comida do orixá começa no mercado durante a escolha dos alimentos que vão ser oferecidos a determinado orixá, como o Ógúm, que normalmente é oferecido uma feijoada com feijão-preto. Os homens dividem sua mesa com os orixás, e os orixás dividem seus alimentos com o homem. Durante a preparação da comida, vamos pedindo energias positivas para que o alimento possa alimentar o nosso corpo, o nosso sentido, a nossa mente, o nosso espírito e a nossa alma.

Para criar um prato qualquer são necessários vários ingredientes, mas para fazer a comida do orixá é preciso conhecer nossa cultura, nossa história, cozinhar com amor, beleza na decoração, poesia, além do sal e da pimenta (EYIN Pai Cido de Ósun, 2018, p. 1):

O candomblé não é uma religião. É um culto. Culto aos antepassados, às forças da natureza. O candomblé é moderno. Ele já era ecológico antes que a ecologia entrasse em voga. Ele é avançado. Não exclui opções sexuais. Ao contrário, acolhe. [...]. A religião católica quer que os homens sejam deuses. No candomblé, são os deuses que baixam nos homens. Não é muito chique ser do candomblé. Pelo menos na parte do país em que eu vivo. Como toda cultura vinda dos vencidos, é vista como desvio, coisa de gente desajustada ou de artista. [...] E defendo nosso direito democrático de acreditar na força do trovão, dos mares, do vento e da chuva. Pode ser primário, mas é lindo. Quer coisa mais bonita do que acreditar que os deuses podem baixar entre os homens em lugares tão pobres onde nem a saúde, a educação e a polícia se interessam em ir? (GUANAES, 2007, p. 8).

Quando uma pessoa é convidada para uma festa de orixá e no caso de essa pessoa fazer aniversário no mesmo dia dessa festa do orixá, é uma honra muito grande para ela ser convidada para ajudar na preparação da comida, o que também é uma honra porque a cozinha é um local sagrado.

A culinária africana preservada nos terreiros de Candomblé (dependendo da nação Ketu, Banto, Fon, Gege etc.) sofreu, ao longo dos anos, uma série de

modificações. Novos temperos e ingredientes foram introduzidos, os modos de preparo alteraram-se, mas nem por isso os homens deixaram de dividir sua mesa com os orixás e muito menos os orixás deixaram de dividir seu alimento com os homens. Na cultura afro-brasileira, a comida é um dos símbolos presentes na organização social do grupo. Oferecer um alimento a um orixá, ou dividir o próprio alimento com os deuses, é, antes, uma ação social e, como tal, é dotada de significados, possuindo uma dimensão simbólica. No Candomblé, homens e divindades sentam-se à mesa juntos, com abundância ou penúria, dividem a comida e as angústias. Por isso os negros sobreviveram à escravidão, por isso os desvalidos sobrevivem à pobreza. Diante da fome, a fé pode até balançar, mas não se abala (EYIN Pai Cido de Ósun, 2018, p. 1).

**Figura 28** – A médium Caju recebendo o seu santo de cabeça



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

## ORISÁS KETU (YORUBA) e COMIDAS

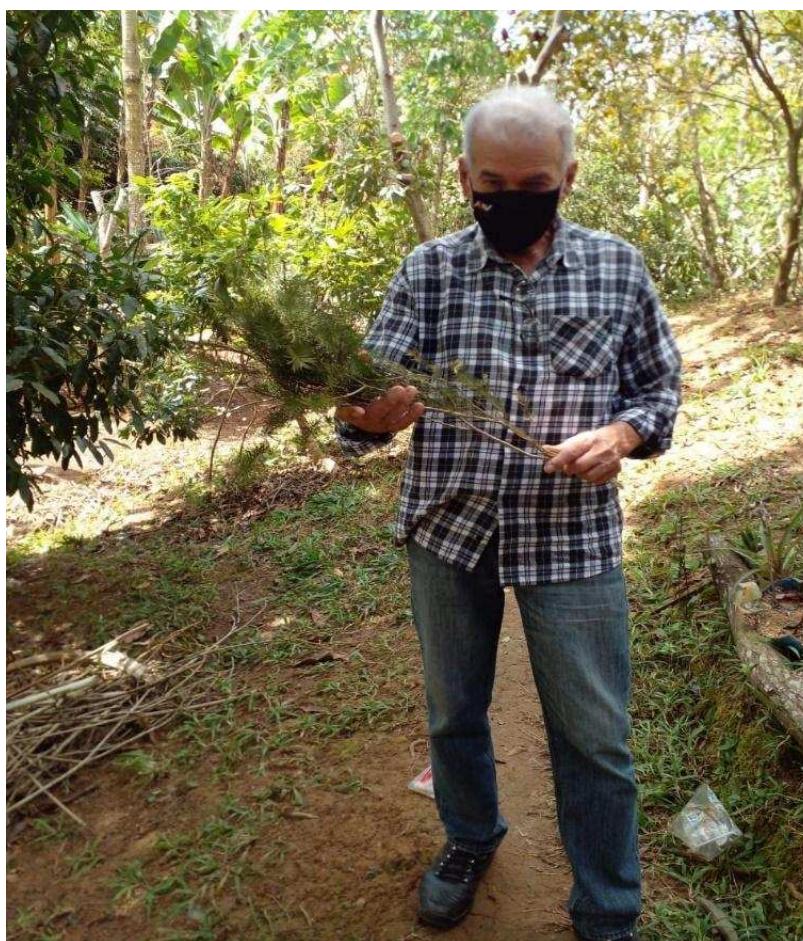
1. OGUN – feijão-preto (feijoada)
2. OBALUAYE – deburu (pipoca sem sal estourada na areia)
3. ODÉ/OXOSS/LOGUNEDE – axoxo e frutas
4. SANGÓ – ajabó e amalá – quiabo
5. OXUMARE – purê de batata-doce
6. OSSAIM
7. OYA=YANSA – acarajé
8. OXUM/ EWA – omolocum
9. YEMONJA - edibô
10. NANÃ – Eboim e Ado
11. OBÁ – Abará
12. Ibeji – Ere – Caruru e doces
13. OXALA – OGUIAN – inhame pilado OLUFAN – acaçá

## CAPÍTULO 5 – A IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS: FARMÁCIA VIVA EM VIÇOSA-MG

### 5.1. O raizeiro Sr. Saulo Leite Penteado, 81 anos de idade

O senhor Saulo (Figura 21) gosta de ser chamado de fitoterapeuta autodidata, pois o raizeiro é aquele que tem a intimidade com as matas e é profundo conhecedor das plantas e ervas medicinais, faz os chás, garrafadas, tinturas e até banhos de descarrego. No caso do benzedor ou rezador também tem essa intimidade com as ervas medicinais, seja pelos conhecimentos aprendidos passados de geração para geração ou no caso de o benzedor ser um médium intuitivo. O senhor Saulo já trabalhou com o tratamento biodigital por mais de 30 anos, mas não atua mais nessa área, pois essa forma de benzimento retira muita energia do benzedor e ele já está com 80 anos de idade. Também não benze mais, mas continua trabalhando com as ervas e plantas medicinais.

**Figura 29** – Morador da comunidade Novo Paraíso – Viçosa-MG



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

O raizeiro senhor Saulo Leite Penteado, morador do Novo Paraíso, zona rural de Viçosa, fala que:

aprendeu com seus avós que sempre tiveram contato com as ervas medicinais e me tratavam sempre com as plantas e esta prática sempre acompanhou -me, ao participar da criação do grupo Folhas da vida, tive a oportunidade fazer uma diversidade de cursos sobre terapias naturais às quais apliquei durante quase 30 anos atuando no grupo Folhas da Vida usando o método Biodigital, como forma de identificar as doenças do corpo e as plantas utilizadas para o tratamento de todos os males que acometem o corpo humano. Adquiriu experiências ministrando cursos de leste a oeste do sul do Brasil sobre plantas medicinais de onde trouxe conhecimentos sobre as plantas de cada região, trazendo mudas para o meu jardim medicinal, plantas excepcionais aos quais compartilha com as pessoas que procuram. Além disso, tenho catalogado todas as plantas que estão plantadas no meu quintal (CADERNO DE CAMPO, ENTREVISTA REALIZADA EM 21-09- 2021).

No depoimento do senhor Saulo percebe-se que além dos conhecimentos dele, veio do aprendizado com a família biológica, mas para além disso, ele foi estudar sobre plantas medicinais e isto o diferencia dos outros benzedores porque os conhecimentos dele também vem das leituras referente às plantas e ervas medicinais. Este estudo ajuda na indicação de uma planta para que o tratamento tenha mais eficácia. O tratamento com o biodigital para detectar o problema de saúde que a pessoa tem é cheio de rituais pêndulo usado para detectar qual órgão está ácido no corpo das pessoas é que vai determinar quando o pêndulo para que tipo de erva medicinais que a pessoa vai precisar. Melhor dizendo:

é importante não perder de vista que ao estudar estas práticas das plantas medicinais le que “elas são formadas por um conjunto de práticas de cura que se modificam historicamente” A utilização de remédios caseiros constitui-se em um dos elementos de identificação, baseando-se na cultura das comunidades remanescentes. Exige afinidade e ligação com as plantas e suas propriedades medicinais, para relacionar as doenças àquelas ervas que possuem propriedades que possibilitam a cura. É um conhecimento baseado na experiência, observação e saber fazer (OLIVEIRA, 2011, p. 15 *apud* SILVA, 2007, p. 127).

## **5.2 Sr. Silvio Moura Médiun Intuitivo Kardecista, 72 anos de idade, morador de Viçosa-MG**

Sr. Silvio (Figura 22) é um benzedor médiun intuitivo<sup>3</sup>, é um benzedor kardecista. Para o médiun intuitivo Sr. Silvio Moura Kardecista, que benze a com a fluidoterapia, este trabalho consiste basicamente na orientação sugerida pelos espíritos de luz em reuniões que

---

<sup>3</sup> Segundo Alan Kardec (2020), ser um médiun intuitivo significa que” o Espírito comunicante não substitui a alma do médiun, visto que não poderia deslocá-la; domina-a, à revelia dela, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é inteiramente passivo; é ela quem recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transmite. Nessa situação, o médiun tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama *médiun intuitivo*”. (KARDEC,2020, p.225/ 226)

acontecem nas quintas-feiras nas casas Espíritas Kardecistas. Segundo ele, ao contrair o Covid-19 foi intuído a pingar algumas gotas da planta chamada veloz num copo de água e tomar. Ele relatou que foi assim que curou a Covid-19. Mas ele explica também que a fluído terapia ou os passes mediúnicos para ter resultado é necessário que as pessoas frequentem as reuniões públicas que acontecem durante a noite de terça e quinta-feira em algumas casas espíritas.

**Figura 30** – Sr. Silvio é um médium kardecista morador de Viçosa-MG



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Recebe os passes e mantém-se em prece. Além de modificar intimamente passando a ter pensamentos positivos, não tendo pensamentos de raiva ou inveja contra o próximo. Criar o hábito de realizar o evangelho no lar, pelo menos uma vez por semana é uma forma de mantermos afastados os espíritos perturbadores do nosso convívio.

Ele relata ainda que também aplica passes mediúnicos, mas que estas atividades são realizadas nas Casas Espíritas.

### **5.3 Rezadeiras(as) e saberes ancestrais: o uso das plantas medicinais**

Neste subcapítulo vamos conhecer sobre os(as) raizeiros(as), aqueles que respeitam as matas e as plantas. Além disso, vamos buscar entender a importância dos chás e como fazê-los. Para que servem os banhos de descarrego, sua eficácia, e também as simpatias. E finalizamos trazendo a importância da implementação da Farmácia Viva junto ao Sistema Único de Saúde (SUS) e a cultura dos(as) raizeiros(as). De acordo com Brandelli (20017, p. 1):

A história do uso de plantas medicinais, desde os tempos remotos, tem mostrado que elas fazem parte da evolução humana e foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados pelos povos. Pode-se afirmar que o hábito de recorrer às virtudes curativas de certos vegetais se trata de uma das primeiras manifestações do antiquíssimo esforço do homem para compreender e utilizar a natureza como réplica a uma das suas mais antigas preocupações, aquela originada pela doença e pelo sofrimento (BRANDELLI, 20017, p. 1).

Em Viçosa-MG, temos alguns raizeiros e raizeiras, como o senhor Saulo Leite Penteadado e Silvio e algumas benzedadeiras que também são raizeiras. O senhor Saulo tem sua horta comunitária no seu sítio no Paraíso, em Viçosa, MG.

Saulo é um senhor muito receptivo e está sempre disposto a ensinar a quem quer aprender sobre plantas medicinais. Além disso, sua trajetória de vida o credencia a ensinar sobre diferentes áreas do conhecimento, e em pouco tempo de conversa se aprende muito com ele. Extremamente politizado e sindicalista, ele sempre na luta pelas questões sindicais e sociais. Quando perguntei a ele quais são os desafios para implementar o Projeto da Farmácia Viva em Viçosa, ele respondeu:

O grande desafio é provocar a comunidade a se envolver neste processo da implantação da Farmácia Viva. Muitas das vezes o remédio está no quintal do indivíduo ele não interessa, Viçosa tem mais Farmácia do que boteco o povo é responsável para ajudar a resgatar essa cultura ancestral da sabedoria popular. Além disso, Saulo, mãe Du, Sr. Silvio, Íyá Marta, Mestre Garnizé e dona Nair todos tem sua Farmácia Viva do tipo I em seus quintais e estão prontos para colaborar com a implementação da Farmácia viva em Viçosa (MG) (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 18-08-2012).

**Figura 31** – Horta medicinal no sítio do Sr. Saulo Leite Penteadado



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

A tradição dos raizeiros contribuiu muito para o aumento das pesquisas sobre os medicamentos naturais. Eles disseminam a sabedoria popular apontando os benefícios das plantas para tratamentos de saúde. Além disso, a diminuição da figura do raizeiro dos centros urbanos e o apagamento do seu ofício podem estar relacionados à supervalorização dos medicamentos e ao desconhecimento dos profissionais de saúde quanto ao poder curativo das plantas (COSTA, 2015, p. 04).

Segundo o médium espírita Silvio Moura, ele recebe a intuição de que planta deve ser usada para cada problema de saúde. Ele disse ainda que desde cedo foi aprendendo com a mãe sobre as plantas medicinais. O Sr. Silvio ressalta ainda que esses conhecimentos, aos poucos, têm deixado de ser repassados de geração para geração, e isso acaba trazendo um prejuízo quanto ao aspecto cultural e prático. Além disso, o distanciamento das comunidades dessa tradição pode afetar as pesquisas sobre as ervas medicinais. “Há ainda muito a se conhecer sobre esses tratamentos, e muitas comunidades não foram estudadas ainda. Se perdermos isso, jamais teremos acesso a algumas experiências da sabedoria popular.”

O senhor Sílvio explica que com o néctar da planta veloz dá para fazer um copo de chá e, segundo ele, foi esse chá que o curou do Covid-19 ao tomar um copo por dia (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 24-08-2021). Segundo ele, o chá da planta veloz foi o que o curou do Covid-19.

**Figura 32** – Silvio Moura preparando um chá da planta veloz



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Além de benzer as pessoas que a procuram, dona Nair (Figura 33) tem uma horta medicinal em seu quintal que auxilia a comunidade de Nova Viçosa, MG, com suas ervas, que

servem para curar os problemas de saúde da comunidade e de outras pessoas que a procuram. Segundo dona Nair, ela cultiva várias folhas de chás, como a hortelã, que na forma chá é boa contra verminose e pode ser usada como tempero e banho de descarrego. Ela relata ainda que possui uma diversidade de plantas no seu quintal que ajudam no combate a gripe, dor de estômago, bem como ervas que auxiliam no tratamento das cólicas menstruais (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-08-2021).

**Figura 33** – Dona Nair em seu quintal medicinal



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

**Figura 34** – Mãe Du na sua horta medicinal



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Para Reginaldo Prandi, “Ossaim é o orixá conhecedor do poder mágico e da cura das folhas e suas ciências; nenhum remédio mágico funciona. Ossaim é cultuado em todos os tempos de orixá do Brasil” (PRANDI, 2001, p. 6).

**Figura 35** – Sr. Saulo no seu quintal medicinal no sítio do Novo Paraíso



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Dona Rita, que faz parte do grupo Folhas da Vida e é companheira do senhor Saulo, disse que, “se as pessoas observassem mais a natureza e tivessem acesso a uma horta medicinal para ajudar no socorro de uma tosse, uma dor de cabeça, já ajudava bastante e também uma alimentação natural ajuda muito a melhorar a saúde” (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 31-08-2021).

A implementação de políticas públicas como saúde, educação, transporte público, lazer, segurança e meio ambiente contribui para o bem-estar da sociedade são direitos do cidadão e da cidadã. Por isso, é de suma importância que na cidade de Viçosa seja implementada a Farmácia Viva no SUS até mesmo para dar o direito às pessoas de escolherem se querem comprar medicamentos caros ou tratar com a medicina natural.

A execução das políticas públicas é tão importante para o bom funcionamento da sociedade que, desde 1989, existe a carreira de especialista em políticas públicas. De acordo com a lei que criou esse cargo, o especialista em políticas públicas é o profissional especializado na formulação, planejamento e avaliação de resultados de políticas públicas. As políticas públicas existem e são executadas em todas as esferas de governo do país, ou seja, há ações em nível federal, estadual e municipal (VARELA, Márcio – *site* Márcio Varela.com.br/políticas públicas).

Farmácia Viva do tipo 1 são todas as plantas medicinais e ervas que as pessoas têm no quintal das suas casas, como hortelã, salsa, funcho, manjeriço, boldo, marcela, camomila, folha de laranja, camará etc. Essas são as farmácias vivas que a maioria das pessoas tem em casa só que não tem consciência da riqueza de produtos naturais que possuem. Então, ao sentir uma dor de estômago ou uma dor de barriga, em vez de fazerem como nossos ancestrais que recorriam às plantas e ervas medicinais dos seus próprios quintais para a cura dos seus males, as pessoas buscam remédio de farmácia que, ao invés de curar seus males, acabam provocando efeitos colaterais. A medicina natural só vai fortalecer

a relação dos profissionais de saúde com os usuários do SUS, tendo sido implantados vários programas Farmácias Vivas no Brasil, voltados para a Atenção Básica à Saúde. Segundo o Professor Matos, o bom funcionamento o programa dar-se em função da colaboração de três profissionais, cujas atividades nessa área são complementares: o médico, responsável pelo diagnóstico e orientação do tratamento; o farmacêutico, pela identificação das plantas e orientação desde a sua coleta até a preparação e controle de qualidade dos remédios fitoterápicos; e o agrônomo, pelas orientações de boas práticas de cultivo e preparo das mudas. Em 1999, as ações com plantas medicinais e fitoterapia na saúde pública foram oficializadas no Ceará, por meio da Lei Estadual nº 12.951, de 7 de outubro de 1999, que dispõe sobre a Política de Implantação da Fitoterapia em Saúde Pública, sendo posteriormente regulamentada pelo Decreto nº 30.016, de 30 de dezembro de 2009. Neste modelo, são desenvolvidas as atividades de cultivo, a partir da instalação de hortas de plantas medicinais em unidades de farmácias vivas comunitárias e/ou unidades do SUS, tornando acessível à população assistida a planta medicinal in natura e a orientação. Sobre a correta preparação e uso dos remédios caseiros (CADERNOS DE ATENÇÃO BÁSICA, 2012).

No caso das benzedadeiras, muitas das vezes, elas têm essas farmácias vivas do tipo I no próprio quintal, a exemplo do que mostram as figuras a seguir. Conclui-se que para Viçosa seria interessante termos a Farmácia Viva, que ajudaria muito a população carente devido aos altos preços dos remédios, além de a pessoa poder ter a escolha se quer tomar um medicamento natural ou um remédio que, muitas vezes, acaba causando problemas colaterais.

## 5.4. Alguns dos chás indicados por raizeiros e benzedeiros

### Camomila

Segundo dona Nair, o chá de camomila é calmante, serve para alívio da cólica menstrual, é bom para desinflamar machucado externo ou por dentro quando a pessoa tem alguma coisa inflamada, como útero etc. Ajuda também quem tem falta de sono.

O chá pode ser tomado três vezes ao dia. Para prepará-lo, basta colocar um punhadinho das flores secas ou verdinhas da horta em um litro de água e deixar ferver, esfriar, coar e pode tomar (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 25-08-201).

### Manjericão

Segundo Mãe Du, o manjericão é muito cheiroso e pode ser usado como tempero, banho de limpeza energética e para fazer chás. Seu chá ajuda a aumentar a nossa imunidade e corta qualquer gripe. Em tempos de pandemia, o manjericão foi muito usado para proteger contra a Covid-19, principalmente quando ainda não havia a vacina. Além disso, o manjericão é anti-inflamatório, ajuda na digestão e no caso de vômitos. Para fazer o chá, coloque três ramos do manjericão em um litro de água e duas colheres de açúcar, deixe ferver e depois, quando estiver morno, coe e já pode tomar.

Mãe Du também fala da eficácia do banho de alecrim e de manjericão (esse banho com diversas ervas proporciona melhor saúde e disposição).

Modo de preparar o banho de limpeza energética:

Materiais: 1 litro de água, 1 punhado de alecrim, 1 punhado de manjericão- roxo, 3 pétalas de rosa branca, 1 punhado de camomila e 1 punhado de lavanda.

Deixe toda a água ferver, desligue o fogo e coloque as folhas maceradas sobre a água e deixe por 10 minutos, assim que a temperatura da água estiver agradável, coe e tome o banho (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 31-08-2021).

### Alecrim

Segundo Mãe Du, que é benzedeira e raizeira, o alecrim afasta a inveja e, quando colocado debaixo do travesseiro, afasta os maus sonhos. Também há quem acredite que, se alguém toca a pessoa que ama com alecrim, o amor dessa pessoa por quem a tocou vai ser eterno. Ela fala ainda que o alecrim é, muitas vezes, usado para tempero. Algumas pessoas

também utilizam o alecrim em sopas e molhos (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 31-08-2021).

### **Hortelã**

Segundo dona Esther, o chá de hortelã é muito usado no trato da verminose. Ela explica que para fazer o chá é simples, basta colocar duas colheres de folhas secas da hortelã ou três raminhos verdes em um litro de água e deixar ferver, depois coe, deixe esfriar e tome (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 31-08-2021).

### **Cambará**

Para a rezadeira dona Esther, o cambará, também conhecido como assa-peixe, tem muita serventia e pode ser utilizado contra dor de barriga, gripe, tosse e cólicas. O chá pode ser preparado com folhas e flores. Deve-se colocar a água para ferver com as folhas e flores por 10 minutos, depois coe, deixe esfriar e tome (CADERNO DE CAMPO).

## CAPITULO 6 – A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DO OFÍCIO DE BENZEDEIRAS, BENZEDEIROS, RAIZEIRAS(OS) E IALORIXÁS

No município de Viçosa-MG, a luta pelo reconhecimento desse ofício não é diferente do que ocorre em outros municípios e estados brasileiros. No primeiro semestre de 2018, em conjunto com o Programa de Saúde da Família (PSF), do Bairro Santa Clara, iniciou-se um trabalho com as folhas de chás naquela unidade de saúde, mas, devido à saída da organizadora do projeto e à falta de incentivo por parte do Poder Público, o projeto não teve continuidade. Daí a importância de realizar uma pesquisa nessa linha para atualizar e consolidar o ofício das agentes de saúde popular, das benzeadeiras, rezadeiras, benzedeiros e raizeiros(a) e Ialorixás do município de Viçosa, MG.

Mapeado os lugares onde encontravam-se estas mestras e mestres dos saberes populares e ouvindo o desejo destes mestres/as de termos em nosso município um projeto de lei semelhante ao do município de Rebouças fiz contato com o vereador Bartomélio Martins do PT Viçosa e entreguei uma cópia do projeto de Lei nº 1401/2010 para que as nossas mestras e mestres dos saberes populares tivessem este reconhecimento (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

**Figura 36** – Reunião com o vereador Professor Bartô (PT)



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

No dia 20 de julho de 2021, estive no gabinete do professor e vereador Bartomélio do PT Viçosa para falar sobre a possibilidade de criarmos um Projeto de Lei para o município de Viçosa, semelhante ao município de Rebouças-PR, que dispõe sobre a Lei nº 1401/2010:

Hoje terça-feira (20-07-2021), recebi em nosso gabinete Petista a visita da companheira e amiga Teresinha Ferreira, referência na luta e enfrentamento aos racismos, sendo ela a coordenadora da União de Negros pela Igualdade - UNEGRO, além de conselheira do Conselho Municipal Pela Igualdade Racial - COMPIR e mestrandia em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania do Departamento de História da UFV. Ela me entregou várias demandas e reivindicações das comunidades e sugestões de projetos sociais para desenvolvimento com as nossas comunidades e também um esboço de um projeto de lei relacionado às questões de reconhecimento e valorização da cultura popular e ancestralidade do nosso povo preto. Encaminhei o mesmo para a Assessoria Jurídica da Câmara para análise para possibilitar a tramitação e aprovação. Essa é a ação do nosso mandato participativo, ouvindo, dialogando e construindo com a população, nosso compromisso primordial (BARTOMÉLIO, 2021).

A partir daí, comecei os mapeamentos para localização dos mestres e mestras dos saberes populares tradicionais da cidade de Viçosa. Todos foram localizados. Também foram feitas as gravações das entrevistas e a aplicação dos questionários. Na Figura 37 é apresentada uma fotografia de um dos lugares mapeados em que, na oportunidade, se fizeram presentes o vereador Bartomélio e o seu assessor Mateus, ambos usando máscara por conta da Covid-19.

**Figura 37** – Visita de mapeamento no sítio do Senhor Saulo



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Na quarta-feira (11/08/2021), demos continuidade às visitas para conhecer o trabalho dos Agentes de Saúde Popular, exercido pelas benzedadeiras, benzedeiros, rezadeiras e raizeiros e agricultores familiares das nossas comunidades. Essas visitas foram realizadas com o intuito de conversar com esses mestres e mestras dos saberes populares sobre a pesquisa para esta dissertação e se eles aceitariam participar deste estudo. Na oportunidade, fomos à casa do nosso companheiro Saulo e da companheira Rita, que moram na comunidade Novo Paraíso.

Foi uma experiência ímpar pela prosa enriquecedora e pela oportunidade de perceber quão valiosos são os conhecimentos acumulados pelos dois. Aprendemos muito sobre as plantas medicinais e tinturas.

Pude aprender também sobre os movimentos sindicais e a história do PT Viçosa. Nosso objetivo era colher essas experiências para ajudar na construção do Projeto de Lei que visa valorizar os saberes populares e a criação da Farmácia Viva junto ao SUS da cidade.

**Figura 38** – Vista de mapeamento na casa da benzedeira Mãe Du em Cachoeira de Santa Cruz



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

**Figura 39** – Visita de mapeamento na casa da rezadeira dona Nair, em Nova Viçosa, Viçosa-MG



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Também fizemos reunião *online* pela plataforma Meet para discutir a metodologia utilizada na Pré-Audiência Pública. Na segunda-feira (16-08-2021), reunimos novamente *online*, no horário das 18 horas, para continuarmos na construção e organização do evento visando à implementação do reconhecimento e certificação dos mestres e mestras dos saberes populares e da Farmácia Viva. Além de encaminhar as demandas e as necessidades de alinhamento para a participação de todos os envolvidos nesse processo. Participaram da reunião Mãe Martha, Mãe Du, o vereador Bartô, eu, Cris Silva, Iberê Marti, Christina Grupioni, Fabinho Oliveira e Lucas (Figura 40, sem a presença da Mãe Du).

**Figura 40** – Reunião preparatória para a pré-audiência *online*



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

A Pré-Audiência Pública teve como objetivo construir diretrizes para a Audiência Pública do dia 13-09-2021. Na abertura da pré-audiência foi apresentado o hino da Farmácia Viva, que foi cantado e aceito por todos os presentes. Em seguida foi feita uma roda para apresentação de todos os presentes.

Nesse evento foi possível dar a palavra para os presentes que quiseram manifestar seus desejos de ver e falar sobre os conhecimentos ancestrais e como tratar um tema tão delicado e conseguir convencer os vereadores e a comunidade. Alguns participantes relataram como começaram a cultivar e fazer uso das plantas medicinais e a procurar as benzedadeiras, rezadeiras e raizeiros. Foi um encontro muito rico, com a participação de 22 pessoas.

**Figura 41** – Reunião da Pré-Audiência Pública na ASAV (04/09/2021)



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Outro ponto importante dessa reunião foi a busca de diretrizes para a elaboração do Projeto de Lei que seria entregue na Audiência Pública. Assim, demos início a uma pesquisa das cidades onde já estava implementado um Projeto de Lei que tratasse do reconhecimento dos ofícios tradicionais e farmácia viva para nos subsidiar na elaboração do Projeto de Lei para cidade de Viçosa. Tais diretrizes foram buscadas na Lei nº 1401/2010 (ANEXO I).

### **6.1. Realização da Audiência Pública em 13 de setembro de 2021, na Câmara Municipal de Viçosa**

No dia 13 de setembro de 2021, na Câmara Municipal de Viçosa (Figura 42), ocorreu a Audiência Pública sobre as benzedoras, benzedores, rezadeiras, raizeiros e Farmácia Viva. Nesse espaço, que é a casa do povo, numa audiência pública foi dado a essas mulheres e homens o direito de fala no seu “lugar de fala” sobre as atividades que eles exercem na comunidade e busca do direito de exercer seu ofício. Mãe Du; Mãe Martha; Saulo,

representando os raizeiros; professor José do Carmo Araújo; o deputado Padre João; e a Dra. Ursula falaram sobre a importância dessas mestras e mestres do saber popular e sobre a eficácia das folhas de chá junto ao SUS.

**Figura 42** – Audiência Pública na Câmara Municipal de Viçosa-MG (2021)



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Trago neste texto os lugares de fala ocupados. Para isso, vou dialogar com o conceito de Lugar de Fala da Filósofa Djalma Ribeiro (2018):

Segundo o conceito da autora é usado em muitos contextos, como comunicação, direito e análise do discurso. Uma de suas principais definições, é a mais popularmente no Brasil, o define como o local de fala de enunciador, no sentido de compreender de onde vem a voz que fala sobre determinado tema (RIBEIRO, 2018, p. 54 *apud* VICENZO, 2021).

Ou seja:

Cada pessoa enxerga o mundo de um jeito e esse interpretar a partir de visões diferentes dão visões de mundo distintas, que são baseadas nas experiências vividas por cada um e geram opiniões e perspectivas distintas e isso vai além da opinião pessoal. Grupos sociais que socialmente sofrem opressões veem o mundo de forma diferente de pessoas socialmente privilegiadas. No caso da audiência pública os nossos protagonistas estão usando cada um o seu lugar de fala para convencer os vereadores a aprovarem um projeto de lei que garanta sua certificação (VICENZO, 2021).

**Figura 43** – Mãe Du na Câmara Municipal de Viçosa-MG



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Nessa ocasião, Mãe Du compareceu para falar da perspectiva de seu lugar de fala na Câmara Municipal de Viçosa para defender o projeto das benzedeiras, benzedeiros, rezadeiras e raizeiros e da Farmácia Viva. Nas suas palavras:

Sou Maria do Carmo Omo de Omolu, Iemanjá e Oxalá, conhecida como Mãe Du. Sou a primeira Iaô assumida, em Viçosa primeira Umbandista Assumidas em Viçosa e demais rezadeiras e benzedeiras, mas não se achega junto conosco pode contar no plenário quantas tem por causa da discriminação e preconceito então elas preferem ficar ocultas, mas elas têm que vir porque quanto mais melhor. Então eu sou benzedeira, rezadeira, curandeira a gente faz de tudo um pouco trabalho com a espiritualidade direto, trabalho com uma preta velha que chama Vó Cambinda da Fronteira da África, ela vem falando em Ioruba ela fala muito pouco em português e de iorubá eu não entendo nada, mas ela sabe de tudo. Então a gente está aqui em defesa dos nossos direitos de benzedeiras, rezadeira para que o SUS esteja junto com a gente. Queremos trabalhar em conjunto, não queremos tirar o direito que na nossa linguagem chamamos de medicina branca. E também queremos os nossos direitos tradicionais e ancestrais. Para que possamos ajudar as pessoas. Porque há pessoas que não querem tomar remédio de farmácia, mas sim querem tomar um chá. Então para que eles possam escolher. Então nós queremos junto com a Câmara que a prefeitura reconhecesse estes conhecimentos, tal como está na Lei nº 1401/2010 (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 13-09- 2021).

**Figura 44** – Íyá Martha usando seu lugar de fala para falar da Cultura Yorubá e da importância das folhas, na Câmara Municipal de Viçosa, para defender o projeto das benzedadeiras, benzedeiros, rezadeira e raizeiros e Farmácia Viva



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Segundo Íyá Martha, este projeto é “de suma importância para que a gente possa passar para as pessoas e que a gente consiga fazer com que esses saberes possam chegar para todas as pessoas. Espero que este projeto siga e seja maravilhoso”. Íyá Martha diz ainda que a preservação e sustentabilidade do meio ambiente estão intimamente ligadas à cosmovisão africana. “Kosi Ewe, Kosi Orisá” (sem folhas, sem orixá).

Foram muitas décadas até a chegada do século XXI e o reconhecimento do papel das benzedadeiras no Brasil, já se vê atualmente algumas cidades brasileiras – nos estados do Paraná e do Ceará - reconhecerem as benzedadeiras como profissionais da saúde). [...]as Equipes da Saúde da Família reconhecem que a benzeção faz parte da diversidade cultural do povo brasileiro que ainda tem a sua volta uma variada biodiversidade de flora (GREENME, 2017 *apud* ALVES, 2021).

**Figura 45** – Sr. Saulo Penteado participando da Audiência Pública



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Ainda na mesma ocasião, o raizeiro Saulo, retratado na Figura 45, proferiu as seguintes palavras:

É uma honra muito grande estar aqui com vocês. E vou tentar resumir em poucas palavras porque o tempo é curto o que foi minha vida com relação a este processo. Eu comecei aqui em Viçosa quando cheguei para trabalhar na universidade entrei de cabeça no movimento sindical aí eu conheci diversas pessoas inclusive uma delas responsável pela nossa trajetória foi o Carlindo Rosa Loures, que foi suplente de vereança nesta casa e com 15 dias de mandato aprovou um Projeto de Lei reconhecido como utilidade pública um grupo que foi criado por nós naquela época, ninguém conhecia nada de plantas, aí criamos uma didática interessante mesmo não sendo formado em nada, mas a cabeça fluiu, reunimos e especificamos lá tinha umas 10 pessoas e cada uma vai se debruçar em cima de uma planta. Busca tudo que é livro que vocês encontrarem sobre a planta tal. Aí nós fizemos isto e elaboramos um catálogo. Carlindo Loures trouxe aqui para nós em Viçosa uma técnica desenvolvida por um japonese, Ioxe Acamará, ele criou uma técnica de usar a energia do corpo para identificar através do toque qual órgão estava emanado de energia negativa ou estava doente, e nós fizemos o curso do bidigital e entramos de cabeça neste processo. Quem realmente nos referendou e nos deu apoio foi o sindicato da ASAV, mantemos lá uma farmácia viva, isto foi mais ou menos em 1998. Ficamos lá 15 anos atendendo na Vila Gianetti, através deste método, pessoas que vinham de toda região para fazer tratamentos naturais. Então durante este tempo todo eu através da ASAV e através da Fasubra Sindical, que é a federação que congrega os sindicatos das universidades brasileira, tive a oportunidade de viajar por este país, foi citado aqui no início um nome de um médico lá do Ceará J. Abreu Matos, eu tenho um livro autografado por ele, quando estava prestando serviço no Ceará pela ASAV. Então, toda história verdadeira tem que ter começo, meio e fim, a

nossa não tem fim ainda talvez vai chegar quando aprovar um projeto deste aí. Para legalizar e nos tirar do anonimato, tirar da contravenção, porque nos julgam como sendo pessoas tortas. Eu vou me identificar, eu sou um cristão metodista, não tenho preconceito contra ninguém desde que estejam num mesmo objetivo que seja atender os menos favorecidos, se você foi na minha casa eu moro numa chácara no Paraíso, na entrada da fazenda Água Limpa. Eu tenho catalogado no meu quintal plantas que está sendo dizimados no cerrado, alecrim-pimenta e tudo que você falou e mais um pouco ele é um antialérgico poderoso. A minha história está sem fim porque os sucessores foram se dissipando foram envelhecendo e tínhamos uma metodologia que diz que você só pode fazer 5 testes num dia e no máximo até os 60 anos eu já estou com 79 anos e vai fazer uns 15 anos que eu parei, mas foram 20 anos direto na Universidade, e para felicidade nossa que eu fui convidado pela Teresinha e pelo companheiro Bartô para fazer parte deste processo, já apareceu um casal na minha casa querendo aprender o método. Já fizeram no passado, mas não praticaram e eu sou um velho abusado, me vem na cabeça o seguinte, um diploma, um título valoriza o conhecimento, mas é a prática do conhecimento que vai qualificar o teu título, o teu diploma. Essa é a mensagem que tinha que falar para vocês. No capítulo IV, vocês vão saber mais o que é ser um raizeiro (CADERNO DE CAMPO – ENTREVISTA REALIZADA EM 13-09-2021).

Finalizando este capítulo, que retratou a participação das benzedadeiras, benzedeiros, ialorixás, rezadeiras e raizeiros, na Câmara Municipal de Viçosa, em uma Audiência Pública para reivindicar seus direitos de exercer seus ofícios e obter o certificado de Agente de Saúde Popular pelo diálogo com o Poder Público, temos a mais pura manifestação do encontro e ressignificação da identidade, memória e história das nossas mestras e mestres dos saberes populares. A construção da identidade negra tem sido pautada pelos movimentos sociais, do qual eu, Teresinha, faço parte.

## **6.2. Saberes de benzedadeiras(os), rezadeiras, ialorixás e raizeiros e a interface com a Lei 10639/2003**

A história da África e da cultura afro-brasileira ainda é pouco estudada nos currículos escolares do país e muito menos nas universidades. Com isso, acaba-se repetindo padrões elitistas e, quando se refere ao povo preto, mostra-o somente como escravos, pois falar sobre religiosidade de matrizes africanas nem pensar. As telenovelas reproduzem estigmas e estereótipos do povo negro, invisibilizando temáticas e experiências relacionadas a essa gente. Além disso, negam-se o estudo das divindades africanas e o conhecimento sobre a religião de matrizes africanas, aumentando o ódio contra a religiosidade afro. Se temos um sonho de ver o racismo abolido do nosso país, precisamos começar pela escola. As crianças não nascem odiando umas às outras pela cor da pele. Se queremos abolir o racismo, é preciso desconstruí-lo em todas as instâncias sociais, inclusive nas escolas e nas universidades, em todos os níveis da educação.

Esse ódio é repassado pelos adultos que carregam em si esse racismo e o preconceito racial. Por isso, a implementação da Lei 10639/2003 nos currículos escolares é de suma importância, cabendo ao movimento negro encarregar-se da fiscalização da implementação dessa lei nas escolas e nas universidades.

A instituição escolar, que tem o dever moral de ser transmissora de conhecimentos e da cultura, precisa se reestruturar porque ela, enquanto mera reprodutora da educação elitista, acaba por disseminar atividades negativas sobre a cultura do povo negro. Isso quando ela se nega a falar da cultura do povo negro, dos seus mitos e da religiosidade (GOMES, 2003, p. 77).

Diante do exposto pelos autores que contestam a sociologia da reprodução e buscam alternativas à reversão do quadro que a reprodução de relações culturais gera no sistema de ensino, não poderíamos deixar de analisar a importância da Lei 10639/03 nesse contexto. Uma grande conquista, diga-se. Promulgada em janeiro de 2003, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a lei é uma conquista a partir de reivindicações históricas dos movimentos negros, sobretudo nas últimas seis décadas. Trata-se de emenda à última LDB de 1996, que define a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos de História, Geografia, Português e Educação Artística dos Ensinos Médio e Fundamental, como citado no parecer apresentado por Petronília, que confirma tais mudanças na LDB e nos permite trabalhar uma educação antirracista e também para efetiva capacitação continuada dos professores e profissionais da educação sobre o tema. Também nos dá a oportunidade de contar a real história do povo negro, valorizando a nossa cultura e conhecimentos ancestrais (POLI, 2014, p. 30).

Vimos que a Lei 10639/2003 foi criada após muita pressão dos movimentos sociais negros que exigiram, e ainda exigem, a existência, o reconhecimento, o respeito e o estudo das diversidades culturais advindas das contribuições africanas, indígenas, povos esses que contribuíram e trouxeram suas culturas para o Brasil. No entanto, também para promover uma equidade entre esses povos e reparar os transtornos causados pela cosmovisão colonialista implementada pelos europeus, criando uma sociedade embrutecida desigual para com os africanos, indígenas e ciganos, no que tange ao respeito à dignidade humana, suas culturas e religiosidade. Por isso, é de suma importância que o estudo sobre benzedeadas, raizeiros e nossa religiosidade de matrizes africanas, juntamente com a nossa cultura, estejam presentes nos livros e nas escolas, para que os nossos conhecimentos ancestrais e os mitos dos orixás estejam presentes e salvaguardados, preservados nos currículos escolares, nas universidades, em especial no curso de História.

As escolas e as universidades, quando não implementam a Lei 10639/2003, potencializam o racismo institucional, incentivando uma sociedade desigual que continua a tratar os povos negro e indígena como desiguais e desrespeitando-os, “como assegura a

Constituição Federal de 1988, título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais, em seu Capítulo Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, Art. 5º – Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

### **6.3. Qual a importância de o movimento negro ser parceiro na educação escolar e nas universidades?**

Antes de falar da importância da parceria do movimento negro com as instituições escolares, vou contextualizar quando surgiu o movimento negro no Brasil. Esse movimento começou no país durante o período da “escravocrata” para proteger o povo negro das injustiças, violências, racismo, discriminações e toda forma de desigualdades sociais. O maior exemplo da história de resistência do povo negro foi o Quilombo dos Palmares, liderado por Zumbi dos Palmares e sua companheira Dandara, mulher guerreira e de luta. Por isso, a luta do povo negro por justiça social vem de longe. E, na atualidade, esse movimento de resistência tem crescido cada vez mais com os movimentos negros, movimentos de mulheres negras, movimento de educação antirracista e ações afirmativas, o que tem possibilitado a inserção do povo negro nas escolas, universidades e espaços de empoderamento. Entretanto, ainda há muito para se fazer, pois não queremos mais ser uma preta ou um preto a ocupar os bancos escolares, queremos, sim, que toda a comunidade negra tenha oportunidade de poder escolher a profissão que quiser e estar inserida onde nós quisermos estar.

Dialogando com a Professora Nilma Gomes sobre o movimento negro educador e a sua importância de ser parceiro na educação escolar e nas universidades, ela nos traz uma brilhante reflexão:

A obra toma o Movimento Negro brasileiro como um agente educador que produz, sistematiza e articula saberes emancipatórios. A autora compreende Movimento Negro (MN) como “[...] as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam a superação desse perverso fenômeno na sociedade” (GOMES, 2003, p. 23 *apud* DORNELES, 2019, p. 2010).

Para além disso, é importante salientar que os conhecimentos ancestrais das(os) benzedeiras(os), raizeiros, rezadeiras e ialorixás estejam presentes nos currículos escolares das escolas públicas, privadas e nas universidades, buscando a integração dos saberes populares e saberes científicos para que possamos salvaguardar tais conhecimentos e que eles possam ser passados de geração para geração.

Continuando a dialogar com a Professora Nilma, percebe-se a importância da parceria escolas e universidades com o movimento negro:

A falta de reconhecimento, inclusive no campo da Educação e das Ciências Sociais brasileiras, produz invisibilidades e, assim, ausências. Nesse sentido, reconhecer e tornar credíveis os saberes produzidos, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro para a prática e para o pensamento educacional é tarefa da pedagogia das emergências. Tal pedagogia está presente nas lutas da comunidade negra ao longo da história, contempla os saberes produzidos, sistematizados e articulados pelo movimento negro (MN), e também faz parte das mobilizações contra hegemônicas no campo educacional pelos movimentos sociais, estando inscrita na pedagogia da emancipação (GOMES, 2003, p. 137-139 *apud* DORNELES, 2019, p. 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As motivações que me levaram a optar pela temática das benzeções têm ligação com a minha história de vida, porque minha bisavó era parteira, rezadeira e benzeadeira e transmitiu esses conhecimentos para a minha mãe, que por sua vez passou para mim. Já realizei oficinas, palestras e rodas de conversa em escolas, na UFV e em algumas comunidades sobre a temática das plantas medicinais, ervas, chás, os nossos saberes tradicionais e afro-brasileiros. Nesta pesquisa, a minha temática é sobre as benzeadeiras, benzedeiros, rezadeiras, ialorixás e raizeiras.

De acordo com o exposto, as(os) benzeadeiras(os), rezadeiras(os), ialorixás e raizeiras(os) estão inteiramente ligados ao sagrado e agem como intermediárias(os) das forças sobrenaturais. Nesse sentido, a ação de benzer e levar a cura às pessoas que as procuram acaba por integrar as questões sociais, dando visibilidade a essas mulheres e a esses homens que, por meio do seu papel de agentes de saúde popular e social de suas comunidades, fortalecem suas identidades e ganham legitimidade social. Assim, as benzeadeiras, ao realizarem o ofício de cura, tornam-se agentes sociais do seu meio, atuando também em defesa política da sua comunidade.

Por ser uma manifestação ligada à religião e solucionar os problemas do dia a dia das pessoas que procuram as benzeadeiras em suas comunidades, para benzeção de quebranto, dor de cabeça, problemas amorosos, de justiça etc.), essa prática pode ser caracterizada como uma prática social, a partir do momento que ela passa a ser alternativa de obter a cura, ressignificando as doenças do cotidiano.

As benzeadeiras ou benzedeiros são pessoas que operam como agentes entre os seres humanos e o sagrado. A Mãe Du é uma benzeadeira umbandista que benze com as entidades (guias espirituais), a exemplo da Vó Cambinda da Fronteira da África; de Pai Pequeno, conhecido também como Mestre Garnizé, que benze com entidades (guias espirituais), como o seu boiadeiro; e dona Nelsa, que benze com as entidades (guia espiritual), como Pai Manoel. Nesse contexto, são os guias que prescrevem um banho de folhas para retirar as energias negativas, pois, às vezes, a pessoa que procura ajuda está com problemas mais sérios, e aí entram também os médiuns da casa para auxiliar na limpeza, retirando as entidades negativas que acompanham as pessoas. É por isso que as pessoas que procuram por limpeza espiritual devem ser feitas dentro do terreiro.

As rezadeiras normalmente são pessoas dóceis, mais velhas e simples e têm seus modos de orar, benzendo os pacientes com as mãos ou com plantas medicinais, com o uso de uma linguagem própria, uma espécie de conversa inteligível com Deus. Além disso, elas benzem com orações católicas, santos de sua devoção, terço, folhas. Já dona Nair benze com a Nossa Senhora mau-olhado, espinhela caída; e dona Ester também benze mau-olhado, pessoa que destroncou o pé, faz simpatia etc. Elas são líderes naturais nas comunidades em que vivem, respeitadas, principalmente, pelas mães que levam seus filhos para serem benzidos.

A ação de benzer e levar a cura as pessoas que as procuram acabam por integrar as questões sociais, dando visibilidade a essas pessoas que através do seu papel de agentes de saúde popular e social de sua comunidade, fortalecem sua identidade e ganham legitimidade social. Assim, as benzedadeiras negras ao realizar o ofício de cura, tornam-se agentes sociais do seu meio, atuando também em defesa política da sua comunidade. As benzedadeiras estão inteiramente ligadas ao sagrado e agem como intermediárias das forças espirituais (FERREIRA; SIQUEIRA, 2021, p. 1).

Nesta pesquisa, dialoguei com o trabalho de uma mulher negra benzedadeira, a Mãe Du, e também procurei dialogar com outras mulheres negras rezadeiras e homens negros e brancos benzedeiros e raizeiros. Aprendi muito com esses mestres e mestras dos saberes populares. Para eles, benzer é algo ligado ao seu “dom”, suas histórias, suas identidades e suas memórias, ancestralidade, oralidade e comunidade. São mulheres e homens detentores de um ofício, um patrimônio cultural, de muitos saberes de cura e proteção.

Além disso, também dialoguei com ialorixás brancas que, dentro do seu lugar de fala, vêm salvaguardando a nossa cultura ancestral e preservando a religiosidade de matrizes africanas com sua fé e trabalho nas comunidades. Outro ponto importante que pude observar é que existe uma semelhança entre as benzedadeiras de Viçosa e as de Ponte Nova, no que diz respeito à benzeção de quebranto, mau-olhado, receita de alguns chás etc.

A pesquisa revelou que existe variação quanto aos elementos simbólicos utilizados por cada benzedadeira no ato da benzeção, muito embora a água, a vela, os ramos e os santos e imagens sejam elementos comuns a quase todas as participantes.

Curiosamente, a religião praticada não foi um aspecto comum a todas as interlocutoras, esclarecendo, assim, o hibridismo religioso presente no surgimento dessas práticas e também a maneira como cada uma delas conduz o rito da benzeção. Contudo, um fator comum a todas as interlocutoras são a fé, a crença e o cultivo do que é sagrado. A cura pela benzeção está relacionada ao mundo sobrenatural: à fé, ao manuseio de ervas medicinais e às ações sociais de quem benze e de quem é benzido. A eficácia dos ritos de benzeção dá-se pelo compartilhamento da fé e pelo reconhecimento social das benzedadeiras.

Não existe por parte das benzedeadas a preocupação em se afirmarem politicamente na sociedade, pois o ofício delas se baseia na generosidade, em atos de benevolência, como forma de agradecimento pelo dom recebido. O possível atrito social entre elas e as autoridades médicas e eclesiásticas é uma herança dos tempos coloniais e que, aos poucos, vem se dissolvendo, uma vez que até mesmo alguns médicos e alguns padres as reconhecem como agentes sociais de suas comunidades.

Salientamos, no entanto, a importância do reconhecimento das benzedeadas como agentes de saúde popular. A certificação delas pode ser considerada uma forma de resistência, preservação e salvaguarda deste patrimônio cultural imaterial passado de geração para geração e contribui, de forma significativa, para o bem-estar social da comunidade em que elas estão inseridas.

Ademais, detentoras e detentores de conhecimentos populares sem igual, as benzedeadas, benzedeados, rezadeiras, ialorixás e raizeiros conseguem cuidar de suas famílias, da comunidade e de todos que os procuram em busca de cura. Assim, essas práticas sobrevivem, adequando-se à modernidade e ao contexto social diversos.

Podemos afirmar que, em se tratando de uma prática imersa na memória cultural de um povo que carrega tradições seculares manifestadas por meio da oralidade, ainda há muitos aspectos a serem pesquisados no universo mágico-religioso das benzedeadas.

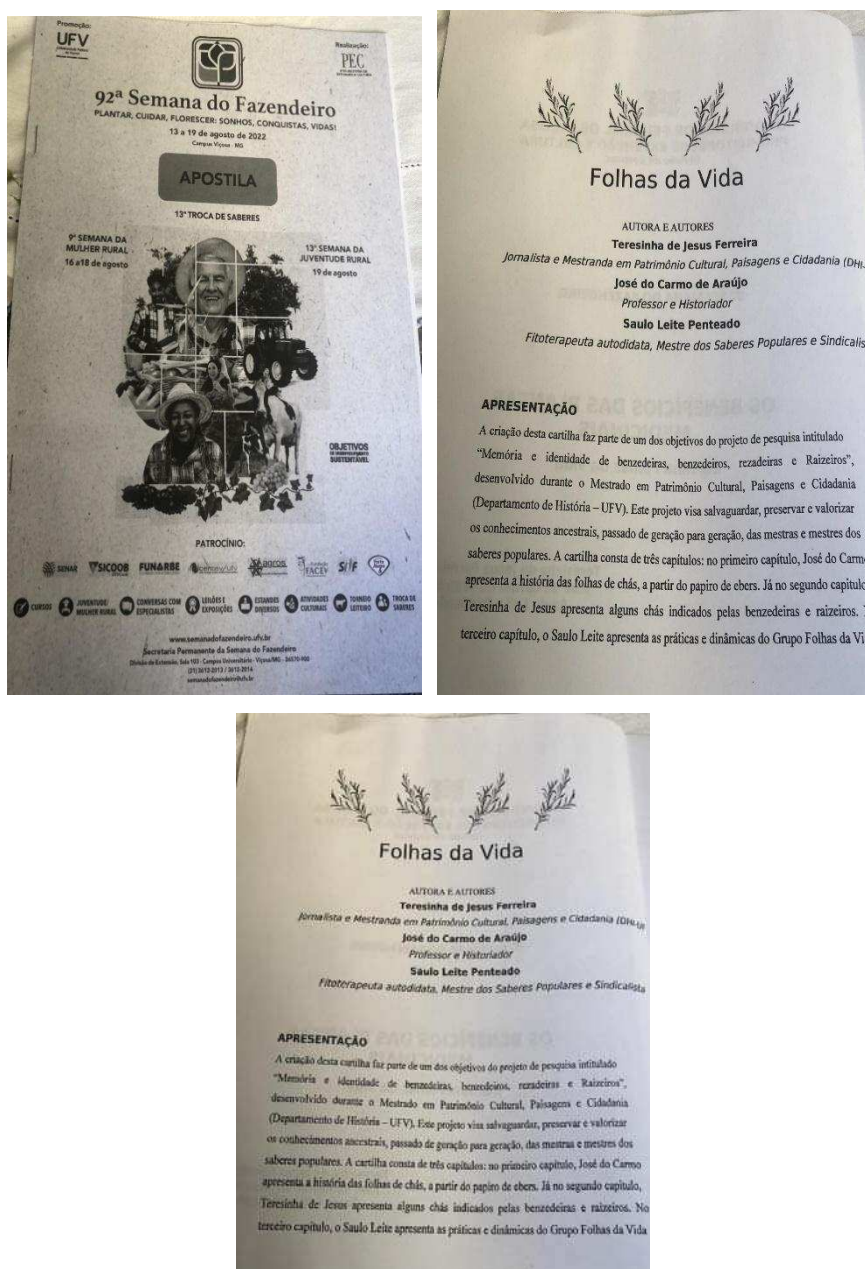
O trabalho trouxe visibilidade para pessoas que historicamente tiveram a visibilidade social negada na colonialidade do “ser e do saber”. Também vislumbra a importância de esta dissertação ser desenvolvida na área de concentração do Programa de Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, em que recuperar a benzedeadas, aqui entendida como um Patrimônio Cultural Imaterial de pessoas que ainda, na atualidade, têm sua cidadania negada é algo fundamental para que possamos ter outra lógica do bem-viver.

Por fim, este trabalho promove a transversalidade, uma vez que dialoga e propõe uma articulação com questões relativas à saúde, à educação e à religião.

## PRODUTO FINAL

Uma apostila (Figura 46) foi elaborada a partir de relatos das benzedeadas, das ervas indicadas por elas e de depoimentos das pessoas que as procuraram para banhos de descarrego. Também, traz minhas experiências com ervas medicinais que me foram passadas pela minha avó e pela minha mãe. Ademais, os participantes do “Curso sobre os Benefícios das Plantas Medicinais” receberam mudas das ervas medicinais trabalhadas nesse evento.

Figura 46 – Imagem da apostila



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

**Figura 47** – Preparando a muda das plantas para ofertar aos cursistas



Arquivo da Pesquisadora, 2022.

**Figura 48** – Mudas prontas



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2022.

Também foi produzido um documentário referente a essas mestras e a esses mestres dos saberes populares para salvaguardar suas memórias, histórias, identidades e saberes deste Patrimônio Cultural Imaterial, que são as benzedeiras, rezadeiras, benzedeiros, Ialorixás e raizeiros.

Realizei uma Audiência Pública na Câmara Municipal de Viçosa (MG), oportunidade em que levei as nossas protagonistas para reivindicarem no seu “Lugar de Fala” o direito de exercer seus ofícios como Agentes de Saúde Popular e o Certificado de benzedeiros, benzedeiros, rezadeiras, Ialorixás e raizeiros, mediante a criação de uma Lei Municipal.

Também será criada uma Farmácia Viva junto ao Sindicato da Associação dos Servidores Técnico-Administrativos da UFV na Comunidade do Bela Vista (Rua do Pintinho). Também recebi uma proposta para implementar a Farmácia Viva na escola da zona rural da cidade de Canaã, no meu canal do youtube sobre os Benefícios das Plantas Medicinais, “Canal Quilombo”.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV/Ed. Amazon, 1990.
- ALMASSY, Júnior et al. **Folhas de chá**: plantas medicinais na terapêutica humana. Viçosa, MG: Editora UFV, 2013.
- ALMEIDA, M. DA C. de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 1. ed. São Paulo: Livraria Física, 2010.
- ANDRADE, Paulo Marco: **Tradição e modernidade**: estudo sobre as representações e práticas culturais da benzeção. 2019. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2019.
- ARNOLD, van Gennep. **Os ritos de passagem** – Estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira. Trad. por Mariano Ferreira. São Paulo: Vozes Ltda., 1978.
- BERKENBROCK, Volney José. **Universidade Católica de Goiás**. 1988. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia da UCG, Goiânia, 1988.
- BERKENBROCK, Volney José. **A experiência dos Orixás**: um estudo sobre a experiência religiosa do candomblé. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. 1. ed. São Paulo: Editora S.A., 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado**: estudos de religião e ritual. 1. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- BRASIL – Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde/Departamento de Assistência Farmacêutica, 2006. 60 p. (Série B – Textos Básicos de Saúde).
- BRASIL – Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília: MDS, 2007. (Fôlder de divulgação).
- BRASIL – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Alimento. **Direito Sagrado** – Pesquisa Socioeconômica e cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros. Brasília: MDS/Secretária de Avaliação e Gestão da Informação, 2011.
- BRASIL – Ministério da Saúde; Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC n. 18, de 3 de abril de 2013**. Dispõe sobre as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos em farmácias vivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília; MS, 2013.
- CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

CARVALHO, Regina Barud. **O tratamento fluidoterápico do Centro Espírita Irmã Scheilla: uma análise socioantropológica**. 2017. Monografia (Trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2017.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 2004.

CRUZ, T. A. (coord.). **Retrato social de Viçosa V**. Viçosa, MG: Censur, 2014. 91 p.

CUNHA, C. G. **A PRÁTICA DA BENZEDEIRA: memória e tradição oral em terras mineiras Mariana, MG**. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, 2018.

CUNHA, L. A.; ASSUNÇÃO, L. C. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeadas. **UERN – Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 9, n. 27, p. 189-227, 2017.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, n. 6, p. 9-25, 2003.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 78-114.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. por Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Editora Idea, 2016.

EYIN, Pai Cido de Ósun. **Orixás: acaçá, onde tudo começou**. São Paulo: Motivo, [s.d.].

FERREIRA, Jerusa Pires. Os ofícios tradicionais. **Revista USP**, São Paulo, p. 102-106, 1996.

FERREIRA, M. M. **História, tempo presente e história oral**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 314-332, 2002.

FERREIRA, Teresinha de Jesus; SIQUEIRA, Antônio M. Oliveira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO – A função social de mulheres negras. **Resumos...** [S.l. : s.n.t.], 2021. p. 1.

FREITAS, Sônia M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 142 p.

GARCIA, Patrícia V. Torres; TORRES, Miguel Ângelo P. **Plantas medicinais, aromáticas & condimentares: uma abordagem prática**. 2. ed. São Paulo: Regal, 2014.

GHEERBRANT, Jean Alain. **Dicionário de símbolos**. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora, MG: EDUFJ/Mazza Edições, 2004.

GONZAGA, Yone Maria. Reeducação para as relações étnico-raciais. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES NEGROS – Compromisso ético e político, 2018, Uberaba, MG. **Anais...** Uberaba, MG, 2018.

GUANAES, Nizan. **Candomblé**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2007. (Especial para Folha de São Paulo – Publicado em 06 maio de 2007).

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 28.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. v. 2.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. Trad. por Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 6<sup>a</sup>. impr. Brasília: FEB, 2020. XIX, it. 223, q.2 a 5, p. 225-226.

LEMOS, Carolina Teles (org.). **Coleção religião e cotidiano**. Goiânia: Descubra, 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Trad. por de Beatriz Perrone-Moisés. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, Lorran. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 13, n. 4, p. 269-280, jul./dez. 2020. ISSN 1984-4352. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>.

MACHADO, Maria Clara T. **Culturas populares e desenvolvimento no interior das Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MACHADO, Sandra Maria Chaves. **Umbanda reencantamento na pós-modernidade?** [S.l. : s.n.t.], [s.d.].

MACIEL, M. R. A.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências humanas**, v. 1, n. 3, p. 61-77, 2006.

MATTOS, G.; SOUSA, C. A.; BERTARELLO ZENI, A. L.; CAMARGO, A. Plantas medicinais e fitoterápicos na atenção primária em saúde: percepção dos profissionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2016.

MAUSS, M. **Les techniques du corps in Sociologie et Anthropologie**. Paris: PUF, 1950.

MAUSS, M. **Esboço de uma teoria geral da magia** – Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MOURA, E. C. D. **Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Setor Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

MOURA, E. C. D. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **MNEME – Revista de Humanidades**, v. 12, n. 29, 25 jul. 2011.

MOURA, E. C. D. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **MNEME, Revista Humanidades**, 2011.

NOGUEIRA, Sidney. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

OLIVEIRA, E. C. S.; COSTA JÚNIOR, E. O. Saúde e doença: recursos utilizados em rituais de cura no estado da Paraíba. **BIOFAR – Revista de Biologia e Farmácia**, João Pessoa, v. 6, n. 1, 2011. Disponível em: <[http://sites.uepb.edu.br/biofar/download/v6n1-2011/as%C3%BAde\\_e\\_doen%C3%A7a.pdf](http://sites.uepb.edu.br/biofar/download/v6n1-2011/as%C3%BAde_e_doen%C3%A7a.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2017.

OLIVEIRA, E. D.; SOUZA, M. G.; PAULA, M. J. S. O poder feminino no culto aos orixás. In: CURY, Elisa Larkin Nascimento (org.). **Guerreiras da natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2020. p. 16.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Oseias. In: PADILHA, Milene Aparecida. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA – 21 a 23 de setembro de 2011. **Anais...** [S.l. : s.n.t.], 2011. p. 2877. LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

OLYMPIO, José; CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. Trad. por Rubens Eduardo Ferreira Silva. São Paulo: Centauro, 2005.

PANIAGO, M. do C. T. **Evolução histórica e tendências de mudanças socioculturais na comunidade de Viçosa-MG**. 1983. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 1983.

PIMENTA, T. S. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALOUB, S. et al. (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 308-330.

PINTO, Tancredo da Silva; FREITAS, Byron Torrez. **Guia e ritual para organização dos terreiros de umbanda**. [S.l.]: Editora Eco, [s.d.].

PIRES, T. G. **Uma avaliação da implantação da política de governança digital na Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: UFCE, 2019.

POLI, Ivan da Silva. **A importância do estudo das mitologias e gêneros literários da oralidade africana e afro-brasileira no contexto educacional brasileiro: a relevância da Lei 10639/03**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Orientadora: Nilce da Silva.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: ———. **Estudos históricos: memória**. São Paulo: Vértice, 1989.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. Manaus: Amazon, 2001.

QUEIROZ, M. S. Representações sobre benzimento, automedicação; medicinas alternativas. In: **A endemia hansênica: uma perspectiva multidisciplinar**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997. p. 81-88.

QUINTANA, Alberto. Manuel. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de picanálise**. São Paulo: EDUSC, 1989.

REBOUÇAS (Município). **Lei Municipal 1401**, 11 de fevereiro de 2010.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL IMPRENSA NACIONAL. Doutrina e ritual de umbanda Tancredo da Silva Pinto e Byron Torrez de Freitas. **Diário Oficial da União**, Brasília, sexta-feira, 6 de janeiro de 2023. ISSN 1677-7042.

RIBEIRO, Djamila **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, M. M. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SABINO MARTINS, M. **Rezas, ervas e búzios: religiosidades e práticas de cura na "ilha da magia" um exercício histórico no tempo presente**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza; ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho.

**Africanidades e brasilidades no currículo da Educação Básica: compartilhando reflexões, vivências, experiências e práticas – Reflexão sobre a miscigenação cultural**. [S. l. : s.n.t.], [s.d.].

SANTANA, Patrícia Maria de Souza; ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. Pesquisadores Negras(os). In: CONGRESSO DE AFRICANIDADES E BRASILIDADES NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: compartilhando reflexões, vivências, experiências e práticas, 2018, Uberlândia, MG. **Anais...** Uberlândia, MG: UFU, 2 a 17 de outubro de 2018.

SANTOS, Erisvaldo Pereira. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SANTOS, F. V. O ofício das benzedoras: um estudo sobre práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta-RN. 1. ed. **Cirkula**, 2016.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, P. K. B. Saberes e poderes: a expressividade das benzedoras remanescentes em Jaci-Paraná/RO. In: SIMPÓSIO LINGUAGENS E IDENTIDADES DA/NA AMAZÔNIA SUL-OCCIDENTAL, 2016, Manaus. **Anais...** Manaus, 2016.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Marília de Mello; SANTOS, E. **Catolicismo negro no Brasil**: Santos e Minkisi, uma reflexão sobre a miscigenação cultural. [S.l. : s.n.t.], 2002.

TANAKA, A. C. D.; ALVARENGA, A. Tecnologia e medicação na concepção e contracepção. In: GALVÃO, L. D. (org.). **Saúde sexual e reprodução no Brasil**. São Paulo: Hucitec Population Council, 1999. p. 201-202.

THOMPSON, E. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VIÇOSA (MINAS GERAIS). In: **WIKIPÉDIA** – A enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2021.

### **Sites pesquisados**

• Documentário: Mojubá – Canal Futura: <https://youtu.be/mpjxTzsQfQk> • Blog Meu Coração Africano: <https://www.meucoracaoafricano.com/> • Exu e a ordem do universo – Baba king: [https://youtu.be/hH7\\_Maiw5PQ](https://youtu.be/hH7_Maiw5PQ) • Palestras Baba King – [https://youtu.be/RyDt38IEI\\_w](https://youtu.be/RyDt38IEI_w) • Gastronomia Eco Chef Martha Tatini – <https://www.youtube.com/playlist?list=PLD6azEmhNrvDbhEv9zllVHCv7jVV9K1k>; <http://docplayer.com.br/8688396-Alimento-direito-sagrado.html>.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO

### Perfil Sociocultural das Benzedeiros, Benzedeiros e Raizeiros

#### 1) Identificação

Nome do(a) Entrevistado(a):

---

Idade do(a) Entrevistado(a):

---

Onde nasceu: \_\_\_\_\_

Endereço:

Rua: \_\_\_\_\_ Número: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_

Sexo : Feminino ( ) Masculino ( )

Religião: Católica ( ) Espírita ( ) Evangélica ( ) Outra: \_\_\_\_\_

Estado Civil: Casado ( ) Solteiro ( ) Viúvo ( ) Separado ( )

Cor : Branca ( ) Preta ( ) Parda ( )

#### 2) Escolaridade

( ) Primeiro grau completo (Ensino Fundamental)

( ) Primeiro grau incompleto (Ensino Fundamental)

( ) Segundo grau completo (Ensino Médio)

( ) Segundo grau Incompleto (Ensino Médio)

( ) Terceiro grau completo (Ensino Superior)

( ) Terceiro grau incompleto (Ensino Superior)

( ) Outros (Especificar): \_\_\_\_\_

#### 3) Dados socioeconômicos

##### 1 - Atividade principal

( ) Trabalhador Formal (com Carteira Assinada)

( ) Trabalhador Informal ( sem Carteira Assinada)

( ) Outros (Especificar): \_\_\_\_\_

2 - Qual é a sua profissão? \_\_\_\_\_

**3 - Qual é a profissão dos seus pais?** \_\_\_\_\_

**4- Qual é a sua renda mensal familiar?**

( ) Até 1 salário mínimo

( ) 1 a 3 salários mínimos

( ) 3 a 5 salários mínimos

( ) Outro (Especificar): \_\_\_\_\_

#### **4) Dados socioculturais**

1 - Como é a sua história de vida de raizeiro(a), benzedor ou benzedeira?

---

---

---

---

---

2 – Como você começou a usar as plantas como ervas medicinais?

---

---

---

---

---

---

3 - Como e com quem o/a senhor(a) aprendeu a usar as plantas como ervas medicinais?

---

---

---

---

---

4 - Como este conhecimento foi transmitido para o/a senhor(a)? Oralmente, livros, cursos, práticas etc.?

---

---

---

---

---

5 – Atualmente, o/a senhor(a) participa de algum curso? (Com o passar do tempo, esses saberes populares têm-se modificado?)

---

---

---

---

---

6 - Como o/a senhor(a) utiliza as plantas medicinais? Colheita, preparo de remédios, indicação.

---

---

---

---

---

---

7 - Já teve algum problema com a vigilância sanitária? Como vê isso?

---

---

---

---

---

---

8 - Tem interesse, já surgiu alguma possibilidade de integrar com o SUS?

---

---

---

---

9 - Suas práticas têm relação com religião/espiritualidade?

---

---

---

---

10 - Qual é o custo dos tratamentos?

---

---

---

---

10 - Quais as plantas mais utilizadas?

---

---

---

---

11 - Quais doenças são mais frequentes?

---

---

---

---



12 - Como as pessoas procuram o(a) senhor(a)?

---

---

---

---

13 - Como vê a prática da medicina popular atualmente?

---

---

---

---

---

14 - O/A senhor(a) acredita numa integração com outras medicinas?

---

---

---

---

15 - O/A senhor(a) tenta passar seus ensinamentos para alguém? Filhos...

---

---

---

---

16 - O/A senhor(a) percebe algum tipo de tratamento diferenciado pelo fato de exercer o ofício de raizeiro(a)?

---

---

---

---



## APÊNDICE II – ROTEIRO DE PERGUNTAS

Roteiro de perguntas para Benzedeira(o), Rezadeira(o), Ialorixá e Raizeira(o)

- 1) História de vida: nome, idade, onde nasceu, profissão.
- 2) Como quem aprendeu a benzer? E rezar?
- 3) Com quem aprendeu a usar as plantas medicinais?
- 4) Como lhe foi transmitido? Oralmente, por meio de livros, cursos, práticas etc.?
- 5) Ainda aprende? (usos que faz da tradição modificaram?)
- 6) Como utiliza as plantas? Colheita, preparo de remédios, indicação?
- 7) Já teve algum problema com a vigilância? Como vê isso? 7) Tem interesse ou já surgiu alguma possibilidade de integrar com o SUS?
- 8) Suas práticas têm relação com religião/espiritualidade?
- 9) Quanto é o custo dos tratamentos?
- 10) Quais plantas mais utiliza?

Quais doenças são mais frequentes?

11) Como as pessoas a(o) procuram?

12) Como vê essas práticas hoje? Acredita numa integração com outras medicinas?

13) Tenta passar seus ensinamentos para alguém? Filhos, curso... 14) Qual o histórico da Casa das Ervas? Sua missão e valores?

**APÊNDICE III – ROTEIRO DE PERGUNTAS: BENZEDEIRA**

- 1) História de vida: nome, idade, onde nasceu, profissão.
- 2) Quando começou a benzer? Como aprendeu?
- 3) A senhora conhecia na infância benzedeadoras?
- 4) Tem relação com alguma religião?
- 5) Acredita que a prática tem impacto na saúde? De que maneira?
- 6) Existe interesse, por parte da senhora, de integrar-se com o SUS?
- 7) Quais são os tipos de pessoas que a procuram? Quais são as queixas mais frequentes?
- 8) Como a senhora vê essas práticas hoje?
- 9) Tenta passar seus conhecimentos adiante?

**APÊNDICE IV – ROTEIRO DE PERGUNTAS: PARTICIPANTES DO CURSO**

- 1) IDADE, PROFISSÃO, ONDE NASCEU.
  
- 2) ...
  
- 3) Pode me dar exemplos de lembranças de alguma prática de raizeiros, benzedeiros?
  
- 4) Como essas práticas impactam na saúde? O que pensa sobre esse tipo de conhecimento?
  
- 5) Utiliza a medicina alopática?
  
- 6) Como vê essas práticas de raizeiros, benzedeiros hoje?
  
- 7) Indicaria o curso para mais pessoas?

**ANEXOS**

**ANEXO I – LEI Nº 1401/2010**

DISPÕE SOBRE O PROCESSO DE RECONHECIMENTO DOS OFÍCIOS TRADICIONAIS DE SAÚDE POPULAR EM SUAS DISTINTAS MODALIDADES: BENZEDEIROS (A), CURADORES, COSTUREIROS (A) DE RENDIDURAS OU MACHUCADURAS E REGULAMENTA O LIVRE ACESSO À COLETA DE PLANTAS MEDICINAIS NATIVAS NO MUNICÍPIO DE REBOUÇAS, ESTADO DO PARANÁ, CONFORME ESPECIFICA.

A Câmara Municipal de Rebouças, Estado do Paraná, aprovou e eu, Prefeito Municipal sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º A consciência de sua identidade de Detentor de Ofícios Tradicionais de Saúde Popular associado a saberes, conhecimentos e práticas tradicionais é o critério fundamental para o seu reconhecimento pelo Poder Público Municipal.

§ 1º Para fins dessa Lei, as pessoas que desejarem obter o Certificado de Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular em suas diferentes modalidades, deverão solicitar mediante sua autodefinição, que poderá ser seguida de reconhecimento da coletividade usuária de seus serviços de proteção à saúde se o solicitante desejar.

§ 2º Entende-se por autodefinição a manifestação consciente de se conhecimento relativo ao ofício tradicional, onde o interessado manifesta a(s) modalidade(s) que deseja ser reconhecido, descrevendo sua solicitação em Carta de Autodefinição informando as práticas tradicionais que domina. Tal documento deverá ser encaminhado à Secretaria de Saúde Municipal de Rebouças.

§ 3º Entende-se pelo reconhecimento da coletividade usuária do serviço de saúde, a elaboração de Abaixo Assinado de Reconhecimento do Saber e Domínio nas práticas de Ofícios Tradicionais em Saúde Popular, entendido como uma declaração consciente dos usuários deste serviço de saúde popular aos referidos detentores de ofícios tradicionais que se caracterizam por reconhecido domínio de conhecimentos e práticas tradicionais, cuja finalidade é promover a saúde pública.

Art. 2º A Prefeitura Municipal, através da Secretária Municipal da Saúde de Rebouças fica obrigada a emitir o Certificado e a Carteira de Reconhecimento de Detentor de Ofícios Tradicionais de Saúde Popular, no prazo máximo de 60 dias.

Art. 3º O Município de Rebouças reconhece os saberes e os conhecimentos localizados realizados por detentores de "ofícios tradicionais", como instrumentos importantes para a saúde pública do município.

Parágrafo Único - A Prefeitura de Rebouças deverá incluir os serviços prestados pelos Detentores de Ofícios Tradicionais no sistema de saúde municipal como instrumento complementar de terapia na saúde pública do município.

Art. 4º As plantas nativas de uso medicinal existentes no Município de Rebouças são de livre acesso e uso comum das pessoas, que desejam realizar tratamentos medicinais, desde que orientados por detentores de "ofícios tradicionais" reconhecidos pelo Poder Público Municipal, sempre observando o uso sustentável e a conservação ambiental.

Parágrafo Único - A fiscalização do disposto neste artigo caberá a Secretaria da Saúde do Município.

Art. 5º O Município mediante as diretrizes da Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos, através da Secretaria Municipal de Saúde, firmará parcerias com as organizações e movimentos sociais, para formalizar o uso de plantas medicinais e fitoterápicos, tais como: pomadas, tinturas, xaropes e essências.

Art. 6º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário.

EDIFÍCIO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE REBOUÇAS,  
EM 11 DE FEVEREIRO DE 2010

LUIZ EVERALDO ZAK  
Prefeito Municipal (LEI Nº 1401/2010)

## ANEXO II

### ATOS DO PODER LEGISLATIVO

LEI Nº 14.519, DE 5 DE JANEIRO DE 2023, Institui o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé, a ser comemorado anualmente no dia 21 de março.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 5 de janeiro de 2023; 202º da Independência e 135º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Margareth Menezes da Purificação Costa

Anielle Francisco da Silva

Fonte: Diário oficial da união

**ANEXO III**

Ministério da Saúde

Gabinete do Ministro

PORTARIA Nº 702, DE 21 DE MARÇO DE 2018

*Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC.*

O MINISTRO DE ESTADO DA SAÚDE, no uso das atribuições que lhe conferem os incisos I e II do parágrafo único do art. 87 da Constituição, e

Considerando que a Organização Mundial da Saúde (OMS) preconiza o reconhecimento e incorporação das Medicinas Tradicionais e Complementares nos sistemas nacionais de saúde, denominadas pelo Ministério da Saúde do Brasil como Práticas Integrativas e Complementares;

Considerando que as diversas categorias profissionais de saúde no país reconhecem as práticas integrativas e complementares como abordagem de cuidado;

Considerando que Estados, Distrito Federal e Municípios têm promovido em sua rede de saúde as práticas a serem incluídas; e

Considerando a necessidade de inclusão de outras práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC, resolve:

Art. 1º Ficam incluídas novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC.

Parágrafo único. Para fins do disposto no caput, o Anexo XXV à Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, passa a vigorar acrescido do Anexo 4 e do Anexo A do Anexo 4, nos termos do Anexo a esta Portaria.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Ficam revogados:

I - o Anexo 2 do Anexo XXV à Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017; e

II - o Anexo A do Anexo 2 do Anexo XXV à Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017.

RICARDO BARROS

## ANEXO IV

### ANEXO 4 DO ANEXO XXV

Aprova a definição das práticas de aromaterapia, apiterapia, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, medicina antroposófica/antroposofia aplicada à saúde, ozonioterapia, terapia de florais e termalismo social/crenoterapia à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares apresentadas no Anexo A .

Art. 1º Ficam incluídas, na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC, as seguintes práticas: aromaterapia, apiterapia, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, medicina antroposófica/antroposofia aplicada à saúde, ozonioterapia, terapia de florais e termalismo social/crenoterapia apresentadas nos termos do Anexo A.

Art. 2º As práticas citadas neste Anexo atenderão às diretrizes da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS.

### ANEXO A DO ANEXO 4 DO ANEXO XXV

Definição das práticas de aromaterapia, apiterapia, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, medicina antroposófica/antroposofia aplicada à saúde, ozonioterapia, terapia de florais e termalismo social/crenoterapia apresentadas.

## INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), instituída pela Portaria 971GM/MS, de 3 de maio de 2006, trouxe diretrizes norteadoras para Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Homeopatia, Plantas Medicinais e Fitoterapia, Medicina Antroposófica e Termalismo Social/Crenoterapia, no âmbito do Sistema Único de Saúde.

As Medicinas Tradicionais e Complementares são compostas por abordagens de cuidado e recursos terapêuticos que se desenvolveram e possuem um importante papel na saúde global. A Organização Mundial da Saúde (OMS) incentiva e fortalece a inserção, reconhecimento e regulamentação destas práticas, produtos e de seus praticantes nos Sistemas Nacionais de Saúde. Neste sentido, atualizou as suas diretrizes a partir do documento "Estratégia da OMS sobre Medicinas Tradicionais para 2014-2023".

A PNPIC define responsabilidades institucionais para a implantação e implementação das práticas integrativas e complementares (PICS) e orienta que estados, distrito federal e

municípios instituíam suas próprias normativas trazendo para o Sistema Único de Saúde (SUS) práticas que atendam às necessidades regionais.

Os 10 anos da Política trouxeram avanços significativos para a qualificação do acesso e da resolutividade na Rede de Atenção à Saúde, com mais de 5.000 estabelecimentos que ofertam PICS. O segundo ciclo do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade na Atenção Básica (PMAQ) avaliou mais de 30 mil equipes de atenção básica no território nacional e demonstrou que as 14 práticas a serem incluídas por esta Portaria estão presentes nos serviços de saúde em todo o país.

Esta Portaria, portanto, atende às diretrizes da OMS e visa avançar na institucionalização das PICS no âmbito do SUS.

## DESCRIÇÃO

### APITERAPIA

A apiterapia é método integrativo que utiliza os produtos produzidos pelas abelhas em suas colmeias para promoção e manutenção da saúde, e auxílio complementar no tratamento de algumas condições alteradas, praticado desde a antiguidade conforme mencionado por Hipócrates em alguns textos, e em textos chineses e egípcios. Esses produtos são denominados apiterápicos e incluem a apitoxina, a geleia real e o pólen, a própolis, o mel, dentre outros, que compõem categorias diferenciadas.

A utilização da apitoxina como prática integrativa e complementar recebe a denominação de apipuntura, quando a estimulação ocorre nos pontos estratégicos do corpo similares aos definidos para a acupuntura, seja pela introdução do próprio ferrão da abelha ou por meio de agulhas apropriadas. Porém, outros modos consistem em aplicação sublingual, subcutânea com agulhas, injeções ou tópicas, com processamento industrializado de doses de apitoxina, o que torna a toxina menos ativa. A apitoxina age como anestésico na pele, com ação da endorfina muito alta, e apesar da dor inicial acaba relaxando a área de aplicação.

Em situações específicas, a apiterapia pode contribuir com o Sistema Único de Saúde principalmente quando analisada comparativamente às melhorias que ela pode proporcionar a alguns pacientes, com economia de gastos da instituição pública por utilizar matéria-prima de baixo custo.

### AROMATERAPIA

A aromaterapia é prática terapêutica secular que consiste no uso intencional de concentrados voláteis extraídos de vegetais - os óleos essenciais (OE) - a fim de promover ou

melhorar a saúde, o bem-estar e a higiene. Na década de 30, a França e a Inglaterra passaram a adotar e pesquisar o uso terapêutico dos óleos essenciais, sendo considerada prática integrante da aromaterapia – ciência que estuda os óleos essenciais e as matérias aromáticas quanto ao seu uso terapêutico em áreas diversas como na psicologia, cosmética, perfumaria, veterinária, agronomia, marketing e outros segmentos.

No Brasil, a aromaterapia é reconhecida como uma prática integrativa e complementar com amplo uso individual e/ou coletivo, podendo ser associada a outras práticas como talassoterapia e naturopatia, e considerada uma possibilidade de intervenção que potencializa os resultados do tratamento adotado. Como prática multiprofissional, tem sido adotada por diversos profissionais de saúde como enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, médicos, veterinários, terapeutas holísticos, naturistas, dentre outros, e empregada nos diferentes setores da área para auxiliar de modo complementar a estabelecer o reequilíbrio físico e/ou emocional do indivíduo.

Somados todos os fatos apresentados, a aromaterapia pode contribuir com o Sistema Único de Saúde, agregando benefícios ao paciente, ao ambiente hospitalar e colaborando com a economia de gastos da instituição pública por utilizar matéria-prima de custo relativamente baixo, principalmente quando analisada comparativamente às grandes vantagens que ela pode proporcionar.

## BIOENERGÉTICA

A bioenergética é uma visão diagnóstica que, aliada a uma compreensão etiológica do sofrimento/adoecimento, adota a psicoterapia corporal e os exercícios terapêuticos em grupos, por exemplo, e movimentos sincronizados com a respiração. Trabalha o conteúdo emocional por meio da verbalização, da educação corporal e da respiração, utilizando exercícios direcionados a liberar as tensões do corpo e facilitar a expressão dos sentimentos. Propõe a interação homem-corpo-emoção-razão, sendo conduzida a partir da análise desses componentes por meio de conceitos fundamentais (couraça muscular, anéis ou segmentos da couraça muscular) e técnicas corporais (grounding, respiração e massagem).

A bioenergética considera que o corpo é capaz de traduzir, em linguagem não verbal, as suas necessidades, por meio de simbolismos ou sintomas apresentando uma memória celular que registra experiências e reage a estes padrões. Desta forma, torna-se possível "ler" no corpo, também, as resistências e defesas do indivíduo, uma vez que ele revela expressões emocionais vividas até o momento. Este tipo de defesa, reconhecida como uma couraça, atua tanto na proteção do indivíduo contra ações externas e experiências traumatizantes, quanto na

diminuição, de forma gradual, da espontaneidade nas relações humanas, da capacidade de auto percepção, da sensibilidade para o amor, do afeto e compaixão, bem como, dificulta a respiração plena e profunda.

A bioenergética pode contribuir com o Sistema Único de Saúde ao proporcionar ao paciente condições de liberar tensões, facilitar a expressão, favorecer o autoconhecimento e promover uma vida mais saudável.

### CONSTELAÇÃO FAMILIAR

A constelação familiar é uma técnica de representação espacial das relações familiares que permite identificar bloqueios emocionais de gerações ou membros da família. Desenvolvida nos anos 80 pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger, que defende a existência de um inconsciente familiar - além do inconsciente individual e do inconsciente coletivo - atuando em cada membro de uma família. Hellinger denomina "ordens do amor" às leis básicas do relacionamento humano - a do pertencimento ou vínculo, a da ordem de chegada ou hierarquia, e a do equilíbrio - que atuam ao mesmo tempo, onde houver pessoas convivendo. Segundo Hellinger, as ações realizadas em consonância com essas leis favorecem que a vida flua de modo equilibrado e harmônico; quando transgredidas, ocasionam perda da saúde, da vitalidade, da realização, dos bons relacionamentos, com decorrente fracasso nos objetivos de vida.

A constelação familiar é uma abordagem capaz de mostrar com simplicidade, profundidade e praticidade onde está a raiz, a origem, de um distúrbio de relacionamento, psicológico, psiquiátrico, financeiro e físico, levando o indivíduo a um outro nível de consciência em relação ao problema e mostrando uma solução prática e amorosa de pertencimento, respeito e equilíbrio.

A constelação familiar é indicada para todas as idades, classes sociais, e sem qualquer vínculo ou abordagem religiosa, podendo ser indicada para qualquer pessoa doente, em qualquer nível e qualquer idade, como por exemplo, bebês doentes são constelados através dos pais.

### CROMOTERAPIA

A cromoterapia é prática terapêutica que utiliza há milênios as cores no tratamento de doenças, sendo utilizada pelo homem desde as antigas civilizações, e atua do nível físico aos mais sutis com o objetivo de harmonizar o corpo. Antigamente, o uso terapêutico era realizado principalmente através da luz solar, pela forte crença no seu potencial de cura.

A partir das abordagens dos distintos sistemas complexos das medicinas tradicionais, as cores em suas frequências podem ser utilizadas para neutralizar as condições excessivas do corpo e restabelecer a saúde, podendo serem utilizadas em regiões específicas do corpo, como os centros de força, pontos de acupunturas ou marmas, em consonância com o desequilíbrio identificado no indivíduo. Na concepção cromoterápica, o conceito de complementaridade embasa os efeitos positivos das cores sobre as disfunções de um órgão que, quando hiperestimulado, possui vibrações energéticas de vermelho (e podem ter os movimentos neutralizados e a expansão exagerada pelo tratamento cromoterápico com azul) ou, quando retraído, com funções diminuídas, energeticamente atuando na vibração do azul, pode ser estimulado pelo vermelho.

A cromoterapia, por intermédio das cores, procura estabelecer e restaurar o equilíbrio físico e energético, promovendo a harmonia entre corpo, mente e emoções, pois o desvio da energia vibratória do corpo é responsável por desencadear patologias. Pode ser trabalhada de diferentes formas: por contato, por visualização, com auxílio de instrumentos, com cabines de luz, com luz polarizada, por meditação.

Entre as possibilidades terapêuticas utilizadas pelos profissionais de saúde, a cromoterapia se enquadra como um recurso, associado ou não a outras modalidades (geoterapia, reflexologia, aromaterapia, imposição de mãos etc.), demonstrando resultados satisfatórios.

## GEOTERAPIA

A geoterapia é prática que contribui com ampliação e melhoramentos nos sistemas de abordagem integrativa, em intervenções clínicas. Prática milenar e de utilização variada pelos povos antigos, alterna desde embalsamentos, conservação de alimentos, tratamentos, manutenção da saúde, até fins estéticos. Tratados antigos mencionam que as argilas eram prescritas para tratamentos de enfermidades e preservação da saúde, destacando grande emprego em casos de doenças osteomusculares, processos inflamatórios, lesões dérmicas, cicatrização de ferimentos, entre outros.

A geoterapia é prática relativamente simples, na qual a argila (cor selecionada de acordo com o objetivo de tratamento) é diluída em água e manipulada até formar um material homogêneo, de textura coloidal para ser aplicada no corpo. Essa massa de argila é rica em elementos minerais e estruturas cristalográficas que permitem reações bioquímicas e vibracionais nos tratamentos de saúde. As reações bioquímicas são amplamente discutidas e fundamentadas pela presença de elementos minerais que cada tipo de argila compõe, do tipo

de água utilizada para diluição, tempo de contato com pele, temperatura etc. As reações vibracionais, somadas ao contexto anterior, são resultantes da carga elétrica gerada pelas estruturas cristalinas que a formam a argila, instituindo assim, cristalografia como parte integrante da geoterapia.

As possibilidades de aplicação são muitas podendo ser utilizada de modo associado a outras terapias como reflexoterapia, auriculoterapia, massoterapia, fitoterapia, florais, cromoterapia, entre outras, possibilitando ampla atuação nos processos terapêuticos e atendendo as necessidades dos usuários. É um recurso que tem história bem definida, não invasiva, segura e com relatos clínicos de eficácia apresentado em estudos antigos e atuais, passível de incorporar benefícios ao Sistema Único de Saúde.

## HIPNOTERAPIA

A hipnoterapia é um conjunto de técnicas que, por meio de intenso relaxamento, concentração e/ou foco, induz a pessoa a alcançar um estado de consciência aumentado que permita alterar uma ampla gama de condições ou comportamentos indesejados como medos, fobias, insônia, depressão, angústia, estresse, dores crônicas. Pode favorecer o autoconhecimento e, em combinação com outras formas de terapia, auxilia na condução de uma série de problemas.

Em 1993, a hipnoterapia foi definida pela American Psychological Association (APA) como procedimento através do qual um profissional de saúde conduz o indivíduo a experimentar sensações, mudanças, percepções, pensamentos ou comportamentos, com o seu uso indicado em diversas condições como transtornos depressivos, ansiedade, neurose depressiva, depressão, baseado em estudos anteriores. Estudos atuais indicam a terapia por hipnose como um tratamento eficaz e relevante na depressão. Algumas revisões de literatura realizadas identificaram artigos, abrangendo populações distintas, nas quais a maioria das pessoas acredita que a hipnoterapia é benéfica, pode melhorar habilidades, especialmente a memória, e consideraria seu uso em circunstâncias adequadas.

Alguns setores de saúde adotam regularmente esta prática em seus protocolos de atendimento, como a odontologia, a psicologia, a fisioterapia, a enfermagem, dentre outras.

## IMPOSIÇÃO DE MÃOS

A imposição de mãos é prática terapêutica secular que implica um esforço meditativo para a transferência de energia vital (Qi, prana) por meio das mãos com intuito de reestabelecer o equilíbrio do campo energético humano auxiliando no processo saúde-doença.

Sem envolvimento de outros recursos (remédios, essências, aparelhos) faz uso da capacidade humana de conduzir conscientemente o fluxo de energias curativas multidimensionais para dentro do corpo humano e dos seus sistemas energéticos físicos e espirituais a fim de provocar mudanças terapêuticas.

A maioria das formas de cura pela imposição das mãos envolve de fato o posicionamento das mãos sobre ou próximo ao corpo da pessoa para transferência de energia do agente de cura para o paciente. Essa prática fundamenta-se no princípio de que a energia do campo universal sustenta todos os tipos de organismos vivos e que este campo de energia universal tem a ordem e o equilíbrio como base. No estado de saúde, esta energia universal flui livremente dentro, através e fora do campo de energia humano promovendo equilíbrio. Na doença, o fluxo de energia pode estar obstruído, desorganizado ou em desequilíbrio.

Os conceitos da energia essencial da vida receberam vários nomes em diferentes partes do mundo e fazem parte de sistemas médicos milenares: na Índia, a palavra em sânscrito para energia vital é prana; na China, essa energia é descrita fluindo através de uma rede não física de meridianos, é chamada de qi ou ch'i; e no antigo Egito é denominado ká. Prática tradicional de saúde de uso integrativo e complementar a outras práticas e/ou terapias de saúde.

#### MEDICINA ANTROPOSÓFICA / ANTROPOSOFIA APLICADA À SAÚDE (632)

A Medicina Antroposófica (MA) foi introduzida no Brasil há aproximadamente 60 anos e apresenta-se como uma abordagem médico-terapêutica complementar, de base vitalista, cujo modelo de atenção está organizado de maneira transdisciplinar, buscando a integralidade do cuidado em saúde. Considerada uma abordagem terapêutica integral com base na antroposofia, avalia o ser humano a partir dos conceitos da trimembração, quadrimembração e biografia, oferecendo cuidados e recursos terapêuticos específicos. Atua de maneira integrativa e utiliza diversos recursos terapêuticos para a recuperação ou manutenção da saúde, conciliando medicamentos e terapias convencionais com outros específicos de sua abordagem.

Na abordagem interdisciplinar de cuidados, os diferentes recursos terapêuticos ofertados envolvem:

- Terapia medicamentosa: recurso de base antroposófica em que, de acordo com o diagnóstico individualizado, são prescritos medicamentos antroposóficos ou, em alguns casos, alopáticos;

- Aplicações externas: uso de substâncias ou de toques na pele - orientado por conhecimentos antroposóficos - que exerce efeito terapêutico, propiciando a absorção de

princípios medicamentosos e a cura endógena. Utiliza substâncias como chás medicinais, emulsões de plantas, pomadas de metais ou vegetais, óleos essenciais e raízes de plantas. Banho medicinal, cataplasma, compressa, enfaixamento, escalda-pés, fricção e massagem são exemplos de aplicação externa;

- Banhos terapêuticos: Técnica de base antroposófica que utiliza o banho como recurso complementar na promoção da saúde e pode ocorrer com ou sem uso de calor ou de substâncias, como óleos essenciais, emulsão de plantas e chás. Pode ser de escova, de fricção, de assento, entre outros, e obedece a uma sequência rítmica, respeitando-se um período de repouso após o banho.

- Massagem rítmica: técnica de base antroposófica que utiliza movimentos rítmicos para manipulação dos tecidos corporais, atuando de forma terapêutica;

- Terapia artística: prática expressiva que utiliza elementos artísticos (como cor, forma, volume, luz e sombra) na realização de exercícios específicos, orientados e acompanhados por terapeuta artístico antroposófico - de maneira individualizada, em função dos objetivos do tratamento - visando melhorar a vitalidade, a criatividade, a resiliência e, por consequência, a recuperação do equilíbrio entre corpo e alma na promoção da saúde. As modalidades mais frequentes incluem exercícios com aquarela aplicando pigmentos naturais; desenho de formas; modelagem em argila; ou desenho com carvão;

- Eurytmia: prática corporal de base antroposófica, com movimentos associados a fonemas - representam sons primordiais - que induzem efeitos anabolizantes, relaxantes ou desintoxicantes, em função harmonizadora e que não apresenta contraindicação ou efeito colateral.

- quirofonética: técnica terapêutica de base antroposófica na qual o terapeuta quirofonético entoia sons da própria fala (vogais, consoantes, versos) enquanto realiza deslizamentos manuais pelo corpo do paciente, para despertar as forças internas de regeneração da saúde. O toque corporal na quirofonética obedece a movimentos específicos realizados especialmente nas costas, braços e pernas e, em geral, com o auxílio de óleos medicinais. Foi desenvolvida pelo médico alemão Alfred Baur, em 1972, e pode ser aplicada em diversas situações de adoecimento físico, psíquico ou deficiências motoras e cognitivas;

- Canto terapia: prática expressiva que utiliza a atividade artística do canto, por meio de exercícios musicais, para atuar sobre o corpo e a emoção, estimulando e propiciando uma forma de autoconhecimento e fortalecimento do eu. Auxilia a destravar emoções reprimidas, trabalhando numa perspectiva de melhorar os aspectos psicológicos e corporais do indivíduo.

- Terapia biográfica: técnica de aconselhamento de base antroposófica na qual, orientado pelo terapeuta, o indivíduo revê sua própria biografia para perceber o que pode estar bloqueando seu desenvolvimento pessoal e identificar as possibilidades de transformação.

Inicialmente integrado ao SUS, pela PNPIC, como Observatório das Experiências de Medicina Antroposófica no SUS, articulação institucional voltada para o desenvolvimento de metodologias apropriadas ao acompanhamento e à avaliação de experiências em medicina antroposófica presentes no SUS, bem como ao monitoramento desses serviços e à divulgação dos resultados, envolveu as três esferas de gestão no SUS em sua articulação. Agora, passa a integrar formalmente o rol de PICS institucionalizadas no Sistema.

### OZONIOTERAPIA

A ozonioterapia é prática integrativa e complementar de baixo custo, segurança comprovada e reconhecida, que utiliza a aplicação de uma mistura dos gases oxigênio e ozônio, por diversas vias de administração, com finalidade terapêutica, já utilizada em vários países como Itália, Alemanha, Espanha, Portugal, Rússia, Cuba, China, entre outros, há décadas.

Há algum tempo, o potencial terapêutico do ozônio ganhou muita atenção através da sua forte capacidade de induzir o estresse oxidativo controlado e moderado quando administrado em doses terapêuticas precisas. A molécula de ozônio é molécula biológica, presente na natureza e produzida pelo organismo sendo que o ozônio medicinal (sempre uma mistura de ozônio e oxigênio), nos seus diversos mecanismos de ação, representa um estímulo que contribui para a melhora de diversas doenças, uma vez que pode ajudar a recuperar de forma natural a capacidade funcional do organismo humano e animal.

Alguns setores de saúde adotam regularmente esta prática em seus protocolos de atendimento, como a odontologia, a neurologia e a oncologia, dentre outras.

### TERAPIA DE FLORAIS

A terapia de florais é uma prática complementar e não medicamentosa que, por meio dos vários sistemas de essências florais, modifica certos estados vibratórios auxiliando a equilibrar e harmonizar o indivíduo. O pioneiro das essências florais foi o médico inglês Edward Bach que, na década de 1930, inspirado nos trabalhos de Paracelso, Hahnemann e Steiner, adota a utilização terapêutica da energia essencial - energia sutil - de algumas flores silvestres que cresciam sem a interferência do ser humano, para o equilíbrio e harmonia da personalidade do

indivíduo, reatando laços com a tradição alquímica de Paracelso e Hildegard Von Bingen, numa nova abordagem da saúde.

As essências florais são extratos líquidos naturais, inodoros e altamente diluídos de flores que se destinam ao equilíbrio dos problemas emocionais, operando em níveis sutis e harmonizando a pessoa internamente e no meio em que vive. São preparadas a partir de flores silvestres no auge da floração, nas primeiras horas da manhã, quando as flores ainda se encontram úmidas pelo orvalho, obtidas através da colheita de flores extraídas de lugares da natureza que se encontram intactos. A essência floral que se origina da planta em floração atua nos arquétipos da alma humana, estimulando transformação positiva na forma de pensamento e propiciando o desenvolvimento interior, equilíbrio emocional que conduz a novos comportamentos. Não é fitoterápico, não é fragrância, não é homeopatia, não é droga.

Pode ser adotado em qualquer idade, não interferindo com outros métodos terapêuticos e/ou medicamentos, potencializando-os. Os efeitos podem ser observados de imediato, em indivíduos de maior sensibilidade.

#### TERMALISMO SOCIAL / CRENOTERAPIA

O uso das águas minerais para tratamento de saúde é um procedimento dos mais antigos, utilizado desde a época do Império Grego. Foi descrito por Heródoto (450 a.C.), autor da primeira publicação científica termal. Como prática terapêutica, compreende as diferentes maneiras de utilização da água mineral - com propriedades físicas, térmicas, radioativas e outras - e eventualmente submetida a ações hidromecânicas - como agente em tratamentos de saúde. A eficiência do termalismo no tratamento de saúde está associada à composição química da água (que pode ser classificada como sulfurada, radioativa, bicarbonatada, ferruginosa etc.), à forma de aplicação (banho, sauna etc.) e à sua temperatura.

A crenoterapia, por sua vez, consiste em prática terapêutica que utiliza águas minerais com propriedades medicinais, de modo preventivo ou curativo, em complemento a outros tratamentos de saúde. Tem por base a crenologia, ciência que estuda as propriedades medicinais das substâncias físico-químicas das águas minerais e sua utilização terapêutica. No Brasil, a crenoterapia foi introduzida junto com a colonização portuguesa, que trouxe ao país os seus hábitos de usar águas minerais para tratamento de saúde. Durante algumas décadas foi disciplina conceituada e valorizada, presente em escolas médicas, como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Inicialmente integrado ao SUS, pela PNPIC, como Observatório das Experiências de Termalismo no SUS, articulação institucional voltada para o desenvolvimento de metodologias

apropriadas ao acompanhamento e à avaliação de experiências em medicina antroposófica presentes no SUS, bem como ao monitoramento desses serviços e à divulgação dos resultados, envolveu as três esferas de gestão no SUS em sua articulação. Agora, passa a integrar formalmente o rol de PICS institucionalizadas no Sistema.

Saúde Legis - Sistema de Legislação da Saúde

### AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a divulgação, para fins científicos, de minhas informações de benzedeira, benzedeiro e participante, assim como permito o uso de minha imagem para realização de pesquisa acadêmica.

Dia: \_\_\_\_\_ Mês: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_